UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

ADRIANA MOREIRA PEDRO

**Os relacionamentos abusivos em narrativas de vida produzidas por youtubers: uma
análise avaliativa**

Versão Corrigida

São Paulo
2019

ADRIANA MOREIRA PEDRO

**Os relacionamentos abusivos em narrativas de vida produzidas por youtubers: uma
análise avaliativa**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Linguística Textual e Teoria do Discurso no Português

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha
Victório de Oliveira Andrade

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P372r Pedro, Adriana Moreira
Os relacionamentos abusivos em narrativas de vida produzidas por youtubers: uma análise avaliativa / Adriana Moreira Pedro ; orientadora Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade. – São Paulo, 2019. 137 f.

Dissertação (Mestrado)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Análise Crítica do Discurso. 2. Sistema de Avaliatividade. 3. Relacionamentos abusivos. 4. Youtubers. I. Andrade, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Adriana Moreira Pedro

Data da defesa: 27/09/2019

Nome da Profa. orientadora: Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 22/11/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

PEDRO, Adriana Moreira. **Os relacionamentos abusivos em narrativas de vida produzidas por youtubers**: uma análise avaliativa. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia e Língua Portuguesa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Dedico este trabalho à minha mãe que sempre
está do meu lado me apoiando em todos os
momentos da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a bolsa concedida para a produção deste trabalho pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço à minha mãe e seu grande apoio deste que expressei minha vontade de voltar aos estudos acadêmicos.

Agradeço à professora Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade pela orientação em todo o trabalho, por ter me aceitado como sua orientanda e por estar sempre pronta a me ajudar em todas as minhas dúvidas.

Agradeço ao professor Paulo Roberto Gonçalves Segundo pelo apoio desde que voltei para a faculdade como aluna especial e por sempre me auxiliar também em minhas dúvidas.

Agradeço às professoras Kelly Cristina de Oliveira e Paula de Souza Gonçalves Morasco pelas orientações e direcionamentos dados na qualificação que ajudaram muito na produção da dissertação.

Agradeço a todos do grupo de estudos NEAC pelas trocas de ideias.

Agradeço às minhas queridas amigas Lucia Peres, Simone Keiko Shimabukuro, Luciane Boito, Luciana Baraldi, Tomoe Moroizumi por sempre me apoiarem nesta jornada.

Agradeço ao meu companheiro de vida Roberto da Silva Matos por estar do meu lado em todos os momentos e por toda a ajuda.

Agradeço também à secretaria do DLCV que sempre me ajudou em todos os assuntos da pós-graduação.

agora
não é hora
de fazer silêncio
ou pedir espaço
porque a gente nunca teve espaço pra nada
agora
é a nossa hora
de abrir bem a boca
falar mais alto do que nunca
até que ouçam

(KAUR, Rupi, 2017)

RESUMO

PEDRO, Adriana Moreira. **Os relacionamentos abusivos em narrativas de vida produzidas por youtubers**: uma análise avaliativa. 2019. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta pesquisa tem como objetivo fazer uma análise discursiva de seis vídeos postados no canal do YouTube cujo tema é relacionamentos abusivos, em que a mulher sofre abusos de seu companheiro. As youtubers que têm seus vídeos analisados são: Jout Jout, Ana de Cesaro, Isabela Freitas, Mari Morena, Karyna Rangel e Thays Lessa. Para tanto, utilizamos os preceitos da Análise Crítica do Discurso (ACD), mais precisamente as ideias de ideologia e contexto de Teun Van Dijk e o modelo tridimensional de Fairclough, destacando a produção e a distribuição nas práticas discursivas. O método utilizado para a análise é o sistema de Avaliatividade, focando na categoria Atitude e suas subcategorias, além da Gradação e o estudo das narrativas de vida que trazem luz ao conteúdo do discurso para que possamos esmiuçar os textos e observar como eles são construídos. Justificamos esta pesquisa por considerarmos um assunto importante e que deve ser cada vez mais discutido para que haja a possibilidade de mudança em nossa sociedade. O resultado é enriquecedor no sentido de apresentar uma linearidade de pensamentos e relatos, mostrando como a mulher, o homem e a relação são apresentados nos textos em que a mulher, geralmente, é representada como alguém que sofre com os abusos na relação, mas que de alguma forma percebe que há algo errado e tenta modificar sua realidade por meio da reflexão e, posteriormente, pela capacidade em mudar a situação em que vive ou busca mostrar para alguém próximo que seu relacionamento é abusivo. O homem é representado como alguém que sente uma necessidade de controlar e submeter a mulher aos seus mandos e desmandos, mostrando muitas vezes até uma insegurança em suas atitudes que se enquadram em uma falta de ética e de respeito em querer exercer seu poder na vida da mulher. Concluímos, nesta pesquisa, que pode ser muito positivo em nossa sociedade este tipo de assunto ser abordado em um canal na internet como o YouTube por youtubers que são vistas por um público mais ligado às redes sociais, fazendo com que as pessoas reflitam sobre as relações assimétricas existentes em nossa sociedade em

que se tem ainda muitas desigualdades entre homens e mulheres, já que vivemos em uma estrutura, essencialmente, patriarcal e machista.

Palavras-chave: Sistema de Avaliatividade. Análise Crítica do Discurso. Relações abusivas. Youtubers

ABSTRACT

PEDRO, Adriana Moreira. **The abusive relationships in life narratives produced by youtubers: an evaluative analysis.** 2019. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This research aims to do a discursive analysis of six videos posted on YouTube about abusive relationships in which women suffer abuse from their partners. The youtubers who have their videos analyzed are: Jout Jout, Ana de Cesaro, Isabela Freitas, Mari Morena, Karyna Rangel and Thays Lessa. For that, we use the precepts of Critical Discourse Analysis (ACD), more precisely the ideas of ideology and context of Teun Van Dijk and the three-dimensional model of Fairclough, focusing on production and distribution in discursive practices. The method used for the analysis is the Appraisal System, focusing on the category Attitude and its subcategories, in addition to the Graduation and the study of life narratives that show the content of the discourse to explain in details the texts and observe how the discourse is constructed. This research is justified due to the importance of the subject and should be more and more discussed to have possibility of changing it in the society. The result is rich and presents a linearity of thoughts and reports, showing how the women, the men and the relationships are presented in the texts. The women are usually represented as people who suffer from the abuses in the relationships, but they perceive that there is something wrong and try to modify this reality through inner reflection and after that, become able to change the situation that they live or seek help by sharing their concerns of these abusive relationships with someone close. The men are represented as people who feel the need to control and submit the women to their commands and orders, often showing insecurity in their attitudes without ethics and respect when they impose their power in these women's lives. This research concludes by showing that it can be very positive for the society this kind of subject being approached on internet channels like YouTube by youtubers that are seen by a public more connected to the social networks, making people reflect on the existence of asymmetrical relations in the society where there are still many inequalities in the structures between men and women, because we live in an essentially patriarchal and sexist society.

Keywords: Appraisal Sistem. Critical Discourse Analysis. Abusive relationships. Youtubers.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ana de Cesaro
ACD	Análise Crítica do Discurso
ADC	Análise de Discurso Crítica
BDSM	bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF	Isabela Freitas
IMP	Instituto Maria da Penha
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JJ	Jout Jout
KR	Karyna Rangel
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros
LGBTQI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros, Queer e Intersexo
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
MM	Mari Morena
ONU	Organização das Nações Unidas
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
TL	Thays Lessa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O FEMININO: FEMINISMOS, AS RELAÇÕES DA MULHER NA SOCIEDADE E RELACIONAMENTOS ABUSIVOS	19
1.1 GÊNEROS	19
1.2 FEMINISMOS	20
1.3 A MULHER NA SOCIEDADE	22
1.4 DIAS ATUAIS	29
1.5 LEIS	30
1.6 REDES SOCIAIS E MOVIMENTOS	32
1.7 RELACIONAMENTOS ABUSIVOS	34
2 ANÁLISE DISCURSIVA E PRÁTICAS DISCURSIVAS	42
2.1 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E SEU SURGIMENTO	42
2.2 ACD HOJE E A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA IDEOLOGIA NA ACD	44
2.2.1 <i>Ideologia</i>	46
2.3 ACD PELOS PRECEITOS DE FAIRCLOUGH	48
2.3.1 <i>Práticas discursivas: distribuição, produção e consumo</i>	52
2.3.1.1 Distribuição: YouTube	54
2.3.1.2 Produção: youtuber como profissão	59
3 A AVALIATIVIDADE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE EM NARRATIVAS DE VIDA	62
3.1 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF)	63
3.2 SISTEMA DE AVALIATIVIDADE	67
3.2.1 <i>Atitude</i>	70
3.2.2 <i>Engajamento</i>	71
3.2.3 <i>Gradação</i>	73
3.3 NARRATIVA DE VIDA	74

4 NARRATIVAS DE VIDA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE AVALIATIVA	78
4.1 A CAPACIDADE NA SITUAÇÃO DE ABUSO	79
4.2 A TENACIDADE NA SITUAÇÃO DE ABUSO	83
4.3 A NORMALIDADE NA SITUAÇÃO DE ABUSO	85
4.4 OS AFETOS NA SITUAÇÃO DE ABUSO	88
4.5 O VALOR NA SITUAÇÃO DE ABUSO	89
4.6 A PROPRIEDADE NO ABUSADOR	91
4.7 O QUE AS ANÁLISES NOS MOSTRAM	93
CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
ANEXO – TRANSCRIÇÕES	110
NÃO TIRA O BATOM VERMELHO – JOUT JOUT (26 FEV. 2015)	111
SE VALORIZA MULHER – ANA DE CESARO (2 MAR. 2015)	115
RELACIONAMENTO ABUSIVO – ISABELA FREITAS (20 MAR. 2016)	119
RELACIONAMENTO ABUSIVO E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: MINHA HISTÓRIA – MARI MORENA (8 MAR. 2017)	124
AMIGA, SEU RELACIONAMENTO É ABUSIVO – KARYNA RANGEL (30 JUN. 2017)	130
VAMOS FALAR SOBRE RELACIONAMENTO ABUSIVO? – THAYS LESSA (15 JUN. 2018)	134

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu de uma inquietação pessoal em observar e sentir na própria pele a diferença de direitos e responsabilidades direcionados a mulheres e homens sendo estes heterossexuais e brancos os que detêm majoritariamente o poder em nossa sociedade machista¹ e patriarcal². Acreditamos que, por meio da internet e das redes sociais, as pessoas começaram a trocar ideias e, ao falarem de suas vidas, acabaram se deparando com assuntos pouco discutidos, mas muito comuns na vida de todos na sociedade, como é o caso dos relacionamentos abusivos. De certo modo, era dado como “natural” a mulher ser de uma determinada forma e dever obediência ao homem, que é quem detém o poder. Assim, a mulher que quer sair dessa estrutura sofre consequências desastrosas, como ser culpabilizada apesar de ser a vítima, pois a sociedade prega que se ela sofreu, algum motivo ela deu para tanto.

Hoje, temos mais mulheres conscientes e mais leis no Brasil que buscam mudar essa nossa realidade e já trouxeram alguns bons resultados, como a Lei Maria da Penha, da qual falaremos melhor no primeiro capítulo.

Para nossos estudos, foram escolhidos seis vídeos do Youtube entre os anos de 2015 a 2018 produzidos por youtubers mulheres na faixa entre 20 a 30 anos e idade que tratam do tema “relacionamentos abusivos”. Dessa forma, pudemos analisar a construção de seus discursos e se há um padrão neles em como abordam o assunto, isto é, se tratam da mesma forma o tema e se utilizam de narrativas parecidas para isso.

A dissertação contribuirá para o programa de pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, pois trata de um problema social que vem sendo discutido academicamente, mas com um viés acadêmico diferente de nossa proposta. Em nosso trabalho, buscamos analisar a construção das narrativas de vida por meio do sistema de Avaliatividade. Para tanto, escolhemos o YouTube, pois é uma plataforma onde se encontram discursos relevantes por tratarem de problemas sociais e com grande número de visualizações sendo, de certa forma, cada vez mais popularizado entre pessoas de todas as idades.

¹ “O machismo é um sistema de crenças em que se aceita a superioridade dos homens devido à sua masculinidade. No entanto, se a masculinidade aparece em uma mulher, ela é rechaçada e criticada. O machismo reserva a masculinidade para si e age contra as pessoas que não são masculinas.” (TIBURI, 2018, p. 63)

² “... representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido que ele é, sob pena de violência e morte.” (TIBURI, 2018, p. 59)

Entendemos que este assunto evidencia um problema corriqueiro em nossa sociedade. No *site* <www.relogiosdaviolencia.com.br>, que faz parte dos estudos do Instituto Maria da Penha, temos o relógio contando o número de mulheres vítimas de violência física ou verbal no Brasil em tempo real. Nele, constata-se que, a cada dois segundos, uma mulher é vítima de algum tipo de violência. Este *site* também dá voz a mulheres reais que estão, já estiveram ou conhecem alguém que esteja nessa situação. A visibilidade pode conscientizar, por meio do pressuposto e de formas de captação empáticos e por processo de identificação, fazendo com que mais mulheres consigam enxergar a anormalidade dessas relações e tenham capacidade e subsídios para sair de tal situação.

Este trabalho busca fazer uma análise do discurso de seis vídeos postados nos YouTube que tratam de relacionamentos abusivos. A Análise Crítica do Discurso foi escolhida pois, a partir dela, podemos analisar problemas sociais e seus contextos vindo ao encontro de nosso objeto de estudo e sendo de grande ajuda para maior entendimento do tema. Na busca por uma categoria de análise, observou-se que os discursos são muito ricos em categorias avaliativas, logo, o sistema de Avaliatividade se mostrou como a melhor para que se pudesse fazer uma análise substancial desses discursos. Dessa forma, observamos a construção do discurso na ótica do sistema de Avaliatividade, mais especificamente na categoria Atitude e suas subcategorias, além da Gradação. Para tanto, dividimos a dissertação da seguinte forma para contemplarmos uma estrutura que enriqueça nossos estudos:

No primeiro capítulo intitulado “O feminino: feminismos, as relações da mulher na sociedade e relacionamentos abusivos”, abordamos, primeiramente de forma histórica, como a mulher é representada e qual papel ela desempenha em nossa sociedade. Diante de tantos abusos, supressão de direitos, mostramos como algumas mulheres começaram a se articular de formas diversas para buscar melhores condições de vida. Afinal, as leis no Brasil foram escritas por homens, favorecendo-os, mas, a partir de muita luta, começaram a ser modificadas. Assim, as mulheres ganharam voz para repensar ideias e refletir sobre a estrutura social que naturaliza assimetrias em nossa sociedade e que devem ser desmistificadas. Por fim, fazemos um panorama do Brasil sobre relacionamentos abusivos e o que eles podem acarretar. Dessa forma, com a ajuda de pesquisas feitas por empresas privadas, traçamos um panorama da violência contra a mulher em nosso país, especialmente abusos e assédios sofridos por elas. Não foi possível contar com números oficiais, pois estes não existem, o que demonstra falta de controle do governo diante da vulnerabilidade da mulher.

No capítulo dois intitulado “Análise do discurso e prática discursiva”, fazemos um panorama histórico da Análise Crítica do Discurso (ACD), mostrando como surgiu e seu

pensamento que diz que a linguagem é uma prática social. Trabalhamos com alguns conceitos cunhados por estudiosos como Teun Van Dijk e sua noção de contexto (importante para que se entenda melhor o discurso), de ideologia (que vem impregnada nas práticas sociais e pode ser tanto positiva quanto negativa), além de apresentar que na ACD se estuda o poder das palavras no discurso em que, quem detém esse poder, pode agir de forma a impor seu discurso hegemônico. Trabalhamos também com o modelo tridimensional de Fairclough (prática social, prática discursiva e texto). A partir deste autor, destacamos as práticas discursivas para aprofundar-nos na distribuição dos vídeos feita pelo canal YouTube e na produção dos vídeos feita pelas youtubers de quem analisamos os discursos.

No capítulo três intitulado “A avaliatividade como categoria de análise em narrativas de vida” trabalhamos com as categorias de análise utilizadas nos discursos das youtubers. Para tanto, elegemos o sistema de Avaliatividade proposto por Martin & White, que faz parte da Linguística Sistêmico-Funcional, e focamos na categoria de Atitude e suas subcategorias, explicando como elas trazem elementos para podermos observar a construção do discurso de nosso *corpus*. Também estudamos as narrativas de vida. Trata-se do gênero discursivo empregado em todos os textos que analisamos, marcando o tipo do discurso estudado.

No último capítulo intitulado “Narrativas de vida: uma proposta de análise”, fazemos a análise do *corpus* apoiado pelo gênero discursivo narrativas de vida e pelo sistema de Avaliatividade. Utilizamos, para isso, a categoria Atitude e a categoria Gradação que se junta à Atitude, intensificando-a. As análises discursivas são qualitativas, logo, destacamos trechos dos vídeos que contêm traços em comum das subcategorias da Atitude e fazemos uma análise detalhada, revelando pontos em comum em cada discurso. Dessa forma, podemos ter um panorama de como a mulher e o homem são representados nos relacionamentos abusivos. Fizemos a análise dos discursos, que são narrativas de vida, observando suas construções e padrões repletos de categorias avaliativas.

Na conclusão, mostramos os resultados obtidos nas análises em que a mulher é representada, majoritariamente, como a pessoa que sofre o abuso e, muitas vezes, não sabe como sair daquele relacionamento, além de mulheres que conseguem adquirir tenacidade para seguir em frente. O homem é representado como o abusador que pode ou não ter consciência de seus atos por viver em uma sociedade patriarcal e machista. Para a sociedade, é ele quem detém o poder e a mulher é uma espécie de propriedade em que se pode mandar e desmandar e esta deve obedecer, pois é o seu papel. Logo, evidenciar esse tipo de discussão em torno do tema “relacionamentos abusivos” por meio dos vídeos analisados em nosso *corpus*, mostramos que é um assunto que não se esgota. Há muito mais vídeos sobre este tema no YouTube e

ainda hoje são produzidos conteúdos muito semelhantes aos analisados, como o vídeo com mais de 200 mil visualizações intitulado “Relacionamento Abusivo: O Amor Tóxico Que Destruiu Meu Amor-Próprio”³, postado em 19 de março de 2019 no canal Mundo Gordelícia da atriz Mariana Xavier, que conta com mais de 500 mil inscritos.

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lt-L1tCJOGw>>. Acesso em: 20 maio de 2019.

1 O FEMININO: FEMINISMOS, AS RELAÇÕES DA MULHER NA SOCIEDADE E RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Neste primeiro capítulo, trataremos das questões em torno das mulheres. Dessa forma, abordaremos os gêneros, em que a mulher é valorada como um gênero secundário em relação ao homem. Logo, esboçaremos, de forma breve, o feminismo que traz reflexões e pautas importantes para tentar dar à mulher o espaço que lhe é de direito. Também veremos como os papéis sociais são demandados às mulheres pela sociedade patriarcal e são naturalizados desde os primórdios, além de apresentar alguns avanços em leis no Brasil e leis que ainda corroboram para uma desigualdade entre homens e mulheres. Finalmente, chegaremos aos relacionamentos abusivos e os números que nos ajudam a afirmar o que este tipo de relacionamento pode acarretar. Assim, pretendemos mostrar o que pode permear e fazer com que relacionamentos abusivos sofridos por mulheres ainda seja considerado como algo normal, isto é, comum em nossa sociedade e o que vem sendo feito para mudar essa realidade.

1.1 Gêneros

Heloisa Buarque de Hollanda (2018, p. 14-5) afirma que “Gayle Rubin enfrenta Lévi-Strauss e usa, pela primeira vez, o termo gênero, afirmando a existência de um sistema de sexo-gênero associado à própria passagem da natureza para a cultura”. Há essa confusão em esboçar que o sistema sexo-gênero é natural, sendo, na verdade, apenas cultural. Em seu artigo intitulado *Pensando sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade*, a antropóloga feminista Gayle Rubin (2003, p. 27) ainda diz que “as pessoas que saem dos limites de seu gênero são estigmatizadas, importunadas, perseguidas e tratadas normalmente como ‘desviantes’ e pervertidas”. A autora nos mostra como a sociedade confunde gêneros que foram normatizados e criados pela sociedade como se fossem algo natural e binário, homem ou mulher, não tendo espaço para os gays, lésbicas, transexuais, travestis, bissexuais, assexuais, entre outros.

Essa questão também vem atrelada às discussões por meio dos textos da filósofa norte-americana Judith Butler que aborda o tema de forma exaustiva em seu livro *Problemas de gênero*. Já Joan Scott, historiadora que trabalha com a história da mulher a partir das perspectivas de gênero diz:

O termo “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1995, p. 75)

Assim, endossamos nossa definição de gênero ser algo construído pela sociedade fundando uma cultura dos papéis atribuídos aos homens e às mulheres, ainda como binários. Mas, como já observamos anteriormente por meio de outros pensadores e textos, acreditamos que hoje a palavra gênero pode e deve abarcar todas as pessoas, sem distinção.

1.2 Feminismos

Existem atitudes enraizadas na estrutura de nossa sociedade que privilegiam uns em detrimento de outros, e movimentos como os feministas nos fazem pensar sobre elas, pois naturalizam atitudes que não são naturais, isto é, advindas da natureza, sem intervenção do homem e, sim, construídas pela sociedade.

É usual que se divida os feminismos⁴ em ondas, o que acreditamos auxiliar para fins de entendimento acadêmico, pois as pautas feministas se renovam e voltam com assuntos já tratados anteriormente. Hoje também se faz a divisão em tipos de feminismos, já que há uma grande pluralidade de temas e mulheres, dependendo da classe social, cor, país, idade, escolaridade, entre outros.

A **primeira onda** feminista, que se iniciou no século XIX e foi até o começo do século XX, teve como mote a luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres, como o direito de voto, reivindicado pelas sufragistas⁵. Ocorreu entre as mulheres brancas, principalmente na Inglaterra, França e Estados Unidos. Entretanto, não podemos dizer que eram feministas, apenas queriam educação e lutavam pelos direitos da mulher, pois o termo “feminista” só foi cunhado mais tarde.

⁴ Trataremos de “feminismos”, no plural, pois são vários feminismos, e não apenas um, dependendo de variantes como país, classe, época, escolaridade, entre outros.

⁵ “A corrente do movimento feminista internacional, identificada como sufragista, desenvolveu-se principalmente nos países do capitalismo avançado, como nos Estados Unidos e na Inglaterra [...]. Limitou-se a reivindicar uma série de reformas jurídicas relativas ao ‘status’ da mulher, baseando-se, para tanto, na concepção liberal de que a igualdade de direitos jurídicos seria o suficiente para solucionar todos os problemas de caráter discriminatório vivenciados pelas mulheres.” (SARDENBERG; COSTA, 1994, p.89).

A **segunda onda**, de 1960-80, caracteriza-se pela busca de direitos, pela liberação do aborto, consolidando a luta das mulheres por igualdade. Nessa época, grupos diversos de mulheres começaram a criticar também os movimentos anteriores de cunho elitista, não abrangendo, por exemplo, as mulheres pobres e negras. Havia movimentos sociais no exterior como França e Estados Unidos e também no Brasil.

Esta segunda onda caracterizou-se no Brasil e nos demais países latino-americanos, então, como uma resistência contra a ditadura militar e, por outro lado, em uma luta contra a hegemonia masculina, a violência sexual e pelo direito ao exercício do prazer. (MATOS, 2010, p. 68)

Já a **terceira onda** surge a partir da década de 1990 com um discurso que procura corrigir lacunas encontradas nos períodos anteriores e que critica uma linearidade. Há maior questionamento e reflexão acerca dos temas em pauta, ganhando espaço também no meio acadêmico e científico. É chamada por alguns estudiosos de pós-feminismo.

Atualmente, segundo Heloisa Buarque de Hollanda em seu livro intitulado *Explosão feminista*, estamos na **quarta onda** feminista. Esta onda tem como característica as mulheres conectadas pela internet e pela popularização, democratização e pluralidade do feminismo, ampliando-se o olhar para diversas questões que cercam as mulheres, independente de suas diferenças.

O movimento feminista está se fragmentando cada vez mais em uma multiplicidade de identidades feministas que é, para muitas feministas, a sua principal definição[...]. Isso não constitui uma fraqueza sendo, ao contrário, a origem da força de uma sociedade caracterizada por redes flexíveis e alianças variáveis presentes na dinâmica de conflitos sociais e lutas pelo poder. Essas identidades são autoconstruídas, embora se utilizem frequentemente da etnia e, às vezes, da nacionalidade, para delimitar suas fronteiras. (CASTELLS, 2002, p. 235)

Além da classificação por ondas, há a classificação por tipos de feminismo que nos mostra essa multiplicidade e enriquece o movimento. A seguir, veremos quatro deles: o feminismo liberal, o feminismo radical, o feminismo interseccional, o feminismo socialista.

O **feminismo liberal** é considerado mais elitista e individualista, marcado na primeira onda, em que se viam mulheres da burguesia. O **feminismo radical** rejeita as mulheres trans, não as reconhecendo como mulheres. As mulheres são identificadas no sentido biológico; abordam-se questões como a maternidade e o aborto, isto é, assuntos que foram levantados na segunda onda. No **feminismo interseccional** abarcam-se, além das mulheres brancas, as negras, as pobres e outras minorias como LGBTQs, dando a mesma importância para qualquer tipo de opressão sofrida por pessoas. Já o **feminismo socialista** funde-se na ideia de igualdade

por meio do socialismo, atrelando-se à luta contra o capitalismo. (CAMARGO, 2016, p. 68-71)

[...] em sociedades como a nossa, nas quais existe também uma hierarquia racial e étnica, é certo que a situação de dominação/subordinação a que se vêem submetidas as mulheres se manifestará concretamente, de forma e intensidade diferentes, de acordo com esses parâmetros. (SADENBERG; COSTA, 1994, p.85)

Logo, há diferenças de opressão e subordinação dependendo da pluralidade da mulher, isto é, sua origem, cor, classe social, escolaridade, idade, entre outros.

1.3 A mulher na sociedade

Desde a religião, no catolicismo, originado do judaísmo, há um forte posicionamento de superioridade do homem com relação à mulher. Um exemplo é a mítica história de Adão e Eva, em que as mulheres são representadas por Eva (criada a partir de uma costela de Adão). Eva ouve a serpente que lhe diz para comer o fruto proibido, que este lhe faria abrir os olhos e conhecer o bem e o mal, e a mulher oferece o fruto a Adão, que também o come, e, assim, os dois são expulsos do paraíso. Dessa forma, Deus – segundo a Bíblia católica que foi modificada, não contendo todos os trechos que existem no judaísmo – “amaldiçoa” a todos por culpa da mulher:

Então o Senhor Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais e feras dos campos [...]. Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela [...]. Disse também à mulher: “Multiplicarei o sofrimento de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos lhe (sic) impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio. E disse em seguida ao homem: “Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. (BÍBLIA, Gênesis, 2005, p. 51, 3:14:17)

Essa história apresenta a mulher como responsável por todas as mazelas desde o início dos tempos. É como se, por culpa dela, os dois tivessem sido expulsos do paraíso, fazendo com que sofressem as consequências dos atos de Eva que influenciaram Adão de forma negativa. Mas,

os “editores bíblicos”, através do tempo, procuraram mediante uma atitude sensorial uma espécie de “pasteurização” do discurso original, numa tentativa de adequá-lo aos valores morais e culturais de suas respectivas épocas. Contudo, os trechos que foram objetos de cortes não tiveram seu registro totalmente apagado, continuam disponíveis em outros textos, principalmente os da religião Judaica. (LARAIA, 1997, p. 150)

Desse modo, os textos foram modificados, e, por meio deles, os grupos que detêm o poder têm o respaldo dos escritos sagrados para impor seus valores. Além disso, vemos trechos que destoam da versão de que Eva nasceu de uma costela de Adão.

No sétimo dia da Criação, Deus criou o homem à sua imagem: “à imagem de Deus o criou: macho e fêmea”. (Gênesis, 1,27)
Tal afirmação categórica é uma negação da versão mais difundida: a de que o homem foi criado antes da mulher. Neste ponto, existem interpretações diferentes. (LARAIA, 1997, p. 150-1)

Segundo a religião judaica, antes de Eva, Deus criou Lilith. Esta não quis se submeter à dominação masculina e fugiu, assim, Deus criou Eva. Esta história é um mito como tantos outros para explicar a origem do mundo, mas ela vem imbuída de uma ideia bem definida de homem e mulher, em que a mulher precisa ser obediente e dominada pelo homem.

A principal mensagem do conjunto de mitos produzidos por uma sociedade de pastores e guerreiros nômades, fortemente patriarcal e patrilinear como demonstram as genealogias do Gênesis, imbuída de uma ideologia machista, refere-se exatamente à questão da mulher vista como um ser extremamente perigoso, necessitando, portanto, ser fortemente controlada. (LARAIA, 1997, p. 159)

Já na Idade Média, mulheres que se destacavam de alguma forma, saindo do lugar que lhes era imposto, e por terem diversos conhecimentos, eram chamadas de bruxas, hereges. Elas eram queimadas para que não influenciassem e não passassem seus conhecimentos adiante, pois, nessa época, a única detentora de conhecimento deveria ser a igreja católica:

No fim do século 15, mais exatamente em 1484, foi publicado, por dois inquisidores, *Malleus Maleficarum*, cuja tradução seria “*O martelo das bruxas*”. Esse livro era um documento fascinante, pois enquanto alegava descrever em riqueza detalhes (picantes e medonhos) de como identificar uma bruxa, ele, na verdade, criou uma mitologia em torno da sexualidade feminina devido aos tipos de exames sexuais aos quais as mulheres tidas como bruxas eram submetidas e ao desconhecimento que o homem tinha em relação ao corpo feminino. Na leitura de *Malleus Maleficarum*, vemos nas entrelinhas o medo do poder da sexualidade feminina, tendo como alternativa para controlar essa possível ameaça de medo a criação das bruxas. (VIEIRA, s.d., p. 3)

Assim, percebe-se que as mulheres, por terem algum conhecimento como os relativos aos efeitos de ervas medicinais e as parteiras, eram vistas como bruxas e condenadas a morrerem queimadas. Além disso, observa-se o medo da sexualidade feminina, desconhecida ao homem. De forma alguma a mulher é vista como uma igual, mas como se devesse obediência, pois esse deveria ser o “natural”. A ideia de “natural”, em se tratando da mulher, é

confundida com o que a cultura e a sociedade pregam. A natureza apenas difere o corpo de pessoas, cabendo apenas à sociedade estigmatizá-las e classificá-las.

Ao meu ver, o feminismo serve como uma ponte que nos leva aos séculos passados e nos permite trazer de volta a verdadeira imagem das bruxas na nossa história, analisando essas mulheres cruelmente injustiçadas nos aspectos religiosos, sociais e políticos. Percebe-se que as bruxas, fazendo uso dos seus conhecimentos medicinais, astrológicos ou psicológicos, exerciam um contrapoder, enfrentando o patriarcado. (VIEIRA, s.d., p. 3)

Para que não ameaçassem o patriarcado, demonizavam a mulher. Nessa estrutura naturalizada em nossa sociedade, observamos os grandes pensadores de nossa história, com ideias que permeiam nosso entendimento de mundo, por meio do qual nos espelhamos em seus ditames. Eram e ainda são os homens que se destacam; também havia algumas mulheres que, apesar de suas restrições, foram reconhecidas, cada uma em sua época, mas acabaram apagadas pela memória e pela história. No livro intitulado *Dicionário Machista*, a doutora em Língua Portuguesa Salma Ferraz apresenta frases machistas de grandes pensadores de todo o mundo e de todas as épocas. Para ilustrar o que dizemos, apresentamos aqui um trecho do livro 1 de *A política* de Aristóteles (s.d., p. 17) que diz: “Os animais são machos e fêmeas. O macho é mais perfeito, e governa; a fêmea o é menos, e obedece. A mesma lei se aplica naturalmente a todos os homens”. Assim, nessa estrutura patriarcal o homem exerce sua autoridade:

Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura [...]. É essencial, porém, tanto do ponto de vista analítico quanto político, não esquecer o enraizamento do patriarcalismo na estrutura familiar e na reprodução sociobiológica da espécie, contextualizados histórica e culturalmente. (CASTELLS, 2002, p. 169)

Dessa forma, o patriarcalismo e sua estrutura fazem parte da história da humanidade, guiando os valores e impondo seu poder, mas acreditamos que hoje esta palavra está começando a se “esvaziar”, suas bases estão começando a ruir. Apesar de ser muito difícil pensar de forma diferente do que se aprende em nossa sociedade como sendo considerado “natural”, acreditamos que as pessoas começam a questionar cada vez mais o que é dado como certo em se tratando de crenças e, na verdade, não é. Se refletirmos nossa literatura, observaremos em quais alicerces nossos pensadores nos lançaram, pois, os mesmos que tinham “ideias brilhantes”, como Aristóteles, que citamos anteriormente, defendiam, por exemplo, a submissão da mulher.

Já em tempos mais atuais, encontramos os relatos de Patrícia Galvão, Pagu, em seu livro *Paixão Pagu* sobre o meio intelectual da década de 1930. Nele, percebemos claramente o machismo que a rodeava no meio das “cabeças pensantes” da época, o que é apenas uma amostra de meio intelectual em qualquer lugar do mundo naquela época. É por culturas desse tipo que entendemos melhor como é difícil erradicar essa cultura machista que privilegia os homens.

Aquelas assembleias literárias, como eram enfadonhas. O ambiente idêntico ao que conhecia cercado os intelectuais modernistas do Brasil. As mesmas polemicazinhas chochas, a mesma imposição da Inteligência, as mesmas comédias sexuais, o mesmo prefácio exibicionista para tudo. [...] Borges quis se despir no meu quarto cinco minutos depois de me conhecer. Fazer lutinha comigo. Gente sórdida. Mas eu bem que vivia no meio deles. Talvez eu não tivesse tido tempo de apreciar o seu valor intelectual. Mas deram-me a impressão de revolucionarismo convencionado à depravação [...]. (GALVÃO, 2005, p. 72-3)

Por meio de suas lembranças, temos um exemplo do que apresentamos. Ainda em sua autobiografia, Pagu nos fala de seu ativismo no Partido Comunista Brasileiro na época da ditadura de Getúlio Vargas, em que se viam pessoas interessadas em um país melhor, lutando por direitos, mas por meios não igualitários entre homens e mulheres. Vemos isso no exemplo a seguir, em que um homem do partido, intitulado CM11, dá instruções a ela de como conseguir informações:

CM11 olhou-me e sorriu. Vi como tremeu, seus dentes minúsculos, negros, apertando o cigarro de palha.
 – Você não parece inteligente... – e, depois de um silêncio. – Na cama, ele dirá tudo. E você terá o que quiser.
 [...]

 – [...] Precisamos também de uma lista que está nas mãos do chefe de polícia. Você poderá obter isso com Rodolfo. Claro que, com os mesmos meios, você conseguirá.
 – Quer dizer que o partido me nomeou para os trabalhos do sexo. É uma estupidez. E ainda por cima ridículo, ridículo... (GALVÃO, 2005, p. 126)

Acreditamos que, por meio do que Pagu nos diz, podemos constatar que os grandes intelectuais, escritores renomados e mais respeitados de nossa história, em sua maioria, viam as mulheres de forma machista, como o próprio intelectual Oswald de Andrade, que foi casado com Tarsila do Amaral, separou-se dela e casou-se com Pagu, sempre tendo casos extraconjugais com outras mulheres. Refletimos até que ponto esse pensamento machista de alguma forma pode aparecer em suas obras, perpetuando tais pensamentos e atitudes e naturalizando-os.

Dessa forma, as mulheres ficam em segundo plano na sociedade, como cidadãs de segunda classe. Temos que resgatar suas histórias, pois as obras verdadeiramente reconhecidas são, na maior parte, de homens, mesmo tendo mulheres fantásticas que escreveram livros importantes, atuando na cultura de forma profunda, além de haver feitos e descobertas relegados ao esquecimento.

Assim, os mais privilegiados muitas vezes foram os homens brancos heterossexuais, se analisarmos a história da humanidade. Já as mulheres foram ensinadas, geralmente, a serem obedientes, prestativas, além de haver outras concepções transmitidas desde a infância. Segundo Marcia Tiburi, no prefácio do livro de Babi Souza intitulado *Vamos juntas?*:

[...] as mulheres desenvolveram habilidades relativas ao cuidado, porque foram trancadas dentro de lares e neles aprenderam a proteger maridos e filhos e, sobretudo, a servi-los. Contos de fadas, romances, filmes, narrativas sobre mulheres feitas pelos homens, nos mostram como é fácil criar lendas e fortalecer mistificações sobre o caráter subalterno e submisso das mulheres. Inventou-se por esse caminho a ideologia da mulher sensível e maternal, mas também da megera, da ressentida, da mal-amada. (TIBURI, 2016, p.9)

Diante disso, percebemos como a estrutura de nossa sociedade está enraizada e sustenta a ideia de como a mulher deve ser e de como deve se comportar. A mulher não era estimulada a estudar, quem deveria deter o conhecimento era o homem pois, quanto mais a mulher tivesse conhecimento e saísse de casa em busca de novas descobertas, mais ela questionaria ao que estava sendo submetida. Logo, eram ensinadas a ficar em casa e aprender os afazeres do lar. Tempos atrás, eram poucas as mulheres que tinham estudo, o que se conseguiu reverter nos tempos atuais.

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade; fechada em sua carne, em sua casa, apreende-se como passiva em face desses deuses de figura humana que definem fins e valores. (BOUVOIR, 2009, p. 782)

Simone de Beauvoir, nesse trecho de sua obra aclamada intitulada *Segundo sexo*, apresenta-nos a diferença de papéis atribuídos às mulheres e aos homens na sociedade. Mas o papel da mulher negra e pobre geralmente é outro, já que esta normalmente precisa trabalhar de modo igual ou mais do que os homens.

Depois da escravidão, eram as mulheres negras que conseguiam trabalho nas casas como empregada doméstica, vendiam doces para fora ou faziam qualquer outro tipo de trabalho. Hoje, são elas as que têm mais dificuldade para poder estudar e ter boas condições

de vida, isto é, uma casa digna para morar ou comida suficiente em casa, já que normalmente devem trabalhar para sustentar a casa. Angela Davis trata dessa diferença em seu livro *Mulher, raça e classe* em que diz:

Proporcionalmente mais mulheres negras sempre trabalharam fora de casa do que as suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras, segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravidão. Como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspecto da existência feminina. (DAVIS, 2013, p.10)

Ao que Djamila Ribeiro (2018, p. 116) completa: “O que as diferenciavam dos homens, e essa é diferença crucial, era o fato de terem seus corpos violados pelo estupro”. Assim, a mulher negra ocupa uma posição inferior às mulheres brancas e inferior aos homens negros, sendo relegada a todos os desmandes da sociedade.

Na infância, com os contos de fadas, as meninas “aprendem” que o bonito é ser branca e de olhos claros, que são frágeis e precisam de um homem para “salvá-las”. Brinca-se de boneca, como se estas fossem filhas, já incutindo na cabeça das meninas o sonho de ser mãe; não existe para os meninos o sonho de ser pai. Como é dito no livro da professora e socióloga Dulce Whitaker (1988, p. 9):

O mito da Bela Adormecida representa a passividade imposta à mulher desde seu nascimento. O homem deverá “despertá-la” sexual e socialmente, como esposa e mãe [...].

Por meio da literatura, criam-se esses estereótipos da mulher frágil, cujo objetivo de vida deva ser se casar e ter filhos e, as que não conseguem, “ficam para titia” e são consideradas ressentidas por não terem um homem ao seu lado. Como se o principal na vida de uma mulher fosse exatamente isso. Quando uma mulher está brava por algum motivo, usualmente costuma-se dizer que é “mal-amada”, o mesmo não ocorre com os homens. Além disso, há o mito da rivalidade feminina:

Acontece que muita gente foi ensinada a acreditar no mito da rivalidade feminina. Trata-se de um mito próprio da ideologia da dominação masculina que se sustenta em mil invenções sobre uma suposta natureza feminina avessa à condição das mulheres como seres capazes de apoiar e ajudar umas às outras. Ora, a manutenção do poder patriarcal precisa que se evitem certos pensamentos e ações que as mulheres possam ter. A união das mulheres é tida nesse contexto como um perigo que se deve evitar. (SOUZA, 2016, p. 7)

Ensina-se, em nossa sociedade, que mulheres são rivais. Não são estimuladas a se apoiar, mas em se comparar e se hostilizar. Ainda hoje vemos em diversos lugares, como as

redes sociais, mulheres falando mal umas das outras por causa do corpo, da roupa, entre outros, o mesmo não vemos entre os homens. É o que a sociedade e a cultura nos ensinam que desde pequenas há essa rivalidade e é “normal”.

Se repetirmos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar “normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (ADICHIE, 2014, p. 14)

As crianças, imbuídas desse pensamento, acabam normatizando o lugar da mulher na sociedade. Desde a infância, as mulheres são tratadas e educadas de forma diferente de como os homens são ensinados:

Na infância e principalmente na adolescência esses papéis me parecem fortemente estruturados, apesar de toda a propalada modernização da sociedade, que os ingênuos acreditam estar sendo comandada pelas imbecilidades da televisão. Ao menino ocorre vez por outra reclamar. Afinal, é uma falta de consideração interromperem suas brincadeiras ou jogos fazendo-o ir à rua resolver problemas para os pais. A menina *serve* sem se revoltar. Vez por outra, suspiros e lamentações. (WHITAKER, 1988, p. 15)

A televisão, com seus programas e propagandas sempre ditando como as pessoas devem se portar na convivência em sociedade, ajudou, por meio da modernidade, a inculcar ideias e ideais de vida na população. Normalmente é a menina quem vai ajudar a mãe nos afazeres domésticos e, ao menino, cabe brincar. Outra questão enraizada em nossa sociedade é o estereótipo de que a mulher deve ser bonita e o homem viril. A mulher deve usar maquiagem, isto é, usar máscara, disfarçar imperfeições, enfeitar-se com acessórios, depilar-se e os homens devem fazer o contrário, ou poderão ser taxados de “afeminados”. Assim, mulher deve usar adornos para ficar mais bonita para os homens e ter ares de misteriosa, isto é, não se revelar completamente ao homem. No livro *O mito da beleza*, Naomi Wolf (1992, p. 363) afirma que:

A verdadeira questão não tem a ver com o fato de nós mulheres usarmos maquiagem ou não, ganharmos peso ou não, nos submetermos a cirurgias ou as evitarmos, transformarmos nosso corpo, rosto e roupas em obras de arte ou ignorarmos totalmente os enfeites. O verdadeiro problema é a nossa falta de opção.

A falta de opção quer que as mulheres se encaixem no papel que a sociedade diz que podem e devem ocupar. Logo, tornam-se importantes as discussões e reivindicações para que

cada vez mais a sociedade seja igualitária, em que todos verdadeiramente tenham os mesmos direitos e sejam respeitados, cada um com suas particularidades.

1.4 Dias atuais

Na mídia, encontramos filmes e obras como a trilogia *Cinquenta tons de cinza* que, só em 2012, segundo o jornal *O Globo*, vendeu 70 milhões de cópias. Este mesmo jornal relata que seus dois primeiros filmes levaram para os cinemas, só no Brasil, 11 milhões de pessoas. Em 2018, estreou o terceiro e último filme. Essa trilogia trata de uma história erótica da relação entre uma jovem estudante universitária recatada e virgem e de um empresário rico, que gosta de praticar BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo). É assustador esse tipo de obra ser um fenômeno de vendas nos tempos atuais. Obra esta com uma personagem mulher virgem, em que ela “descobre” o sexo e vive submissa ao homem que a inicia sexualmente. Se uma mulher, ao contrário da submissão, quiser o poder de decidir o que fazer com o seu corpo, não é bem-vista perante a sociedade, o que não ocorre com os homens; ela é vista com maus olhos quando assume e expõe sua sexualidade sem medo.

Fala-se do corpo do homem, mas não se fala do corpo da mulher da mesma forma. O corpo da mulher normalmente é objetificado, o que não é comum ocorrer com os homens. Assim, o foco é o homem, isto é, o falocentrismo. A mulher geralmente é malvista se olha para si mesma. O clipe *Vai, malandra*⁶, da cantora Anitta, foi muito comentado devido à objetificação da mulher, mas entendemos que a cantora tem consciência do que quer, diferente de ser o objeto de um homem que verbaliza e mostra a mulher, sim, como um objeto. É o caso da música *Só surubinha de leve*,⁷ de MC Diguinho que, além de objetificar a mulher, ainda incentiva a prática do estupro, considerado um crime. A música foi fortemente criticada e chegou a ser excluída de aplicativos de música como Spotify e Deezer.

Assim, percebemos ainda hoje haver na mídia, em livros, filmes, na televisão e em músicas a reafirmação da objetificação e da submissão da mulher e a distorção do papel das mulheres quando estas resolvem dizer e mostrar o que quiserem. Dessa forma, há uma

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kDhptBT_-VI>. Acesso em: 15 out. 2018.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_brDu9ycur4>. Acesso em : 15 out. 2018.

[...] necessidade de estimular, controlar e criar uma mídia que promova o crescimento digno da mulher, em vez de incentivar o rebaixamento de sua autoestima ao perpetuar e reiterar a apresentação de conceitos negativos e degradantes sobre a mulher, que vêm depreciar sua imagem. (MORENO, 2017, p. 42)

É importante que haja esse estímulo nas mídias, em geral, e que se promova o crescimento e o respeito da mulher. Para isso, é necessário rever muitos dos pensamentos e atitudes dadas como naturais para que se consiga reverter tais conceitos negativos, há tanto tempo atrelados à mulher. Logo,

As culturas são, grosso modo, guias de ação e programações artificiais para a vida dos seres humanos e variam infinitamente no tempo e no espaço. [...] Socialização é, portanto, o processo através do qual ocorre a internalização da cultura, isto é, de uma bateria de padrões, modelos, crenças, juízos de valor etc., que nos integram aos modos de vida de uma sociedade. [...] a socialização se transforma em *educação*. (WHITAKER, 1988, p. 24)

Whitaker nos mostra como somos moldados pela cultura que nos é imposta e pela socialização em que cada um tem um rótulo perante a sociedade e deve estar dentro dos padrões para ser aceito. Alegra-nos perceber que, cada vez mais no Brasil e no mundo, essa estrutura vem ruindo e as pessoas quebram paradigmas nunca transpostos, como a cantora e drag queen PablloVittar que hoje faz muito sucesso, obtendo destaque nas mídias. Também temos mulheres e homens trans se destacando na sociedade como Laerte, já conhecida como cartunista, e fez a transição de gênero; além da travesti, doutora em Teoria Literária pela Unicamp, Amara Moira, entre outros.

1.5 Leis

Existem novas leis brasileiras fortalecendo a luta contra as desigualdades, mas também há leis que deveriam ser reformuladas, como a licença maternidade, que é de 180 dias e a licença paternidade, que pode se estender de 5 até 20 dias no máximo, dependendo de onde se trabalha. Dessa forma, reafirma-se a estrutura familiar de que a mulher é quem deve cuidar do filho; não há uma igualdade de direitos e deveres, o que é assegurado e perpetuado por leis como essa.

Mas houve avanços como as leis Maria da Penha, a lei do feminicídio, a lei Carolina Dieckmann (criada a partir do vazamento de fotos e conversas íntimas sem o seu

consentimento que estavam no computador da atriz) e a lei mais recente de importunação sexual. Vejamos um trecho de cada lei mencionada:

LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (LEI MARIA DA PENHA)

LEI Nº 12.737, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. (LEI CAROLINA DIECKMANN)

LEI Nº 13.104, DE 9 DE MARÇO DE 2015

Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. (LEI DO FEMINICÍDIO)

LEI Nº 13.718, DE 24 DE SETEMBRO DE 2018

Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). (LEI DA IMPORTUNAÇÃO SEXUAL)

Também temos alguns marcos na história do Brasil e do mundo que auxiliaram a promover mudanças que vêm acontecendo na nossa sociedade, principalmente tentando proteger a mulher de atos violentos, como a criação, em 1985, da primeira Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher (DEAM) no Brasil. Tivemos alguns outros avanços como a já citada Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006 – conhecida como Lei Maria da Penha –, que referendou uma política integral para o enfrentamento da violência contra as mulheres [...]. (MORENO, 2017, p. 56)

Embora a lei que leva seu nome, sancionada em 2006, represente um avanço importante, as mulheres que tentam fazer uso dela para se proteger de parceiros e familiares violentos ainda enfrentam enormes desafios nas delegacias. Nesses espaços, profundamente impregnados pela cultura de culpabilização da vítima, o ambiente costuma ser hostil. Segundo uma pesquisa realizada pela antropóloga Beatriz Accioly ao longo de 15 meses em duas Delegacias de Defesa da Mulher em São Paulo, os policiais, de forma geral, enxergam as mulheres que procuram seu apoio como “mentirosas e manipuladoras”. (COLETIVO NÃO ME KAHLO, 2016, p. 189)

Assim, mesmo com leis que protegem as mulheres, muitas vezes as autoridades que devem aplicá-las ainda têm as mesmas ideias ultrapassadas e retrógradas em relação às mulheres, transformando-as de vítimas em culpadas, o que dificulta e inibe a denúncia. Mas, por meio dessas leis e de outros movimentos a favor das mulheres, nossa estrutura social começa a se modificar, o que é positivo.

1.6 Redes sociais e movimentos

Pelas redes sociais aqui no Brasil começaram a surgir mulheres abordando temas como o primeiro assédio. Foi em 2015 que Jout Jout fez seu vídeo “Não tira o batom vermelho” falando sobre relacionamentos abusivos e, a partir daí, vieram vários outros relatos de mulheres diferentes. Houve também a hashtag #meuamigosecreto, em que se relatavam atitudes machistas de conhecidos e se transformou em título do livro do coletivo Não me Kahlo (em que o nome faz uma clara alusão à pintora Frida Kahlo). Além disso, surgiu o *site* <www.movimentovamosjuntas.com.br/>, criado pela jornalista Babi Souza, pregando a sororidade, isto é, que as mulheres se tratem como uma irmandade e todas se ajudem quando observar que alguma mulher pode estar em risco. Babi também publicou um livro, o *Vamos juntas?: o guia da sororidade para todas*. Já a ONU Mulheres criou, em 2014, o movimento ElesPorElas (HeForShe):

Criado pela ONU Mulheres, a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, o movimento ElesPorElas (HeForShe) é um esforço global para envolver homens e meninos na remoção das barreiras sociais e culturais que impedem as mulheres de atingir seu potencial, e ajudar homens e mulheres a modelarem juntos uma nova sociedade.

O alcance da igualdade de gênero requer uma abordagem inclusiva, que reconheça o papel fundamental de homens e meninos como parceiros dos direitos das mulheres e detentores de necessidades próprias baseadas na obtenção deste equilíbrio. O movimento ElesPorElas (HeForShe) convoca homens e meninos como parceiros igualitários na elaboração e implementação de uma visão comum da igualdade de gênero que beneficiará toda a humanidade. (ONU Mulheres – grifos do autor)

No ano de 2018, o carnaval foi marcado por protestos e houve uma forte campanha chamada “Não é não”, como abordado na matéria de João Vieira para a revista *Hypeness*. A matéria afirma que tudo depois do “não”, quando um homem aborda uma mulher, é assédio. Dessa forma, fortaleceu-se a luta das mulheres para não serem assediadas e para que fossem

tratadas com mais respeito, independente da roupa que se está usando, do horário que está na rua ou de onde se está.

Você lembra da primeira vez que foi assediada na rua? Provavelmente era criança e não entendeu direito o que estava acontecendo. Outras tantas vezes viriam antes mesmo de você se considerar adulta. E passamos a acreditar que isso é normal e que precisamos aceitar ainda que machuque, afinal, eles “são homens” e “homens são assim”. (SOUZA, 2005, p.94)

Segundo a pesquisa de dezembro de 2017 do Datafolha, mencionada no texto de Júlia Barbon para o *site* do jornal *Folha de S.Paulo*, 56% das adolescentes entre 16 e 24 anos dizem ter sofrido assédio sexual. Diante disso, é comum encontrar mulheres que já tenham sido assediadas na rua ou até em sua própria casa por algum familiar ou amigo de familiares. São situações que, apesar de não serem normais, são tratadas como se fossem; acontecem corriqueiramente e fazem as mulheres terem medo de usar determinada roupa para ir a determinado lugar, sair sozinha, o que acaba se estendendo na vida adulta. Lutar contra isso é, sim, um ato de resistência. Ainda hoje, por exemplo, é visto com estranheza pela sociedade mulheres viajarem sozinhas, e muitas não o fazem por medo, por não se sentirem seguras. É muito comum homens viajando sozinhos, mas, se você for uma mulher e estiver só em uma viagem, provavelmente vai ouvir mais de uma vez em um passeio, ou em algum lugar que você vai conhecer: “Você está viajando sozinha? Que corajosa!”. Hoje existem até grupos nas redes sociais de mulheres que viajam sozinhas e incentivam outras para que façam o mesmo, encorajando-as, como o grupo de Facebook “Mulheres que viajam e Mochileiras”; o que seria impensável para os homens, já que o homem viajar só é visto com normalidade pela sociedade.

Somados a isso, encontramos um movimento por meio de várias youtubers que se diz ligado ao empoderamento das mulheres. Percebemos, por exemplo, no vídeo já mencionado intitulado “Não tira o batom vermelho”, de Jout Jout, em que ela enumera situações de relacionamentos considerados abusivos e que as mulheres podem não perceber. Assim, ela “ensina” o que é um relacionamento abusivo e diz para quem se identificar, terminar o relacionamento e quem verificar que outra pessoa está passando por aquelas situações deve avisar imediatamente.

Observamos que os vídeos analisados são relatos de vida. As youtubers não ampliam a visão com novos conhecimentos a quem assiste aos vídeos, apenas partilham o que todos sabem ser comum. Não mencionam grandes nomes do feminismo nacional e internacional como, Carolina de Jesus (escritora favelada), Patrícia Galvão (a Pagu, já mencionada),

Simone de Beauvoir (filósofa feminista francesa), Nísia Floresta (educadora e escritora), entre outras. São abordagens a partir de experiências de vida. São discursos potentes de pessoas que, por serem mulheres, sabem do que estão falando, abrindo-se. É justamente essa abertura de um assunto tão normalizado pela sociedade que faz a diferença, pois todos se comovem de alguma forma com o que é exposto, já que as mulheres não têm como escapar à cultura imposta pela sociedade.

As redes sociais estão contribuindo de alguma forma para a propagação de ideias, mas infelizmente também vêm disseminando o ódio por pessoas e movimentos que não querem mudanças e apostam em um retrocesso. Afinal, há pessoas que não querem perder os privilégios do qual sempre gozaram, não apoiando, assim, uma igualdade entre todos, todas e todos.

1.7 Relacionamentos abusivos

Percebemos ideias enraizadas em nossa sociedade por meio de ditos como “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”. Assim, ninguém deveria interferir em brigas de casal, independentemente do que acontecesse. Hoje, com a ajuda das redes sociais, esse quadro está mudando, pois as mulheres estão cada vez mais reivindicando pautas que eram anteriormente tratadas como normais.

A mulher foi e ainda é “ensinada” a ser rival das outras mulheres e calar-se diante das atitudes dos homens, pois, apesar de ser vítima de frases e de assédio por parte deles, fica, em geral, malvista quando os denuncia, como se a culpa fosse dela. Já o homem quase nunca tem culpa, porque é da “natureza” dele. Se a mulher denuncia, pode ser desacreditada ou tomada como a louca, histérica, pois “nada aconteceu”.

Histerização do corpo da mulher: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, por meio de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a “mulher nervosa”, constitui a forma mais visível dessa histerização. (FOUCAULT, 2014, p. 113)

Dessa forma, a mulher não deve destoar do papel que lhe cabe na sociedade. É como se a sociedade a possuísse, tratando seu corpo de forma sexual, cabendo a ela cuidar da roupa

que usa, onde anda e em qual horário, pois, se algo ocorre, a culpa é dela. Como é o caso também da mãe que tem a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos sem reclamações. Quando algo sai desse escopo ideal, ela é vista de forma negativa e como histérica. Além do caso da mãe nervosa, há também a mulher que não é casada, sendo considerada frustrada.

Enveredando para a área da psicologia, observamos relações abusivas em que ocorre o *gaslighting*, isto é, uma forma de abuso psicológico em que o abusador, de forma gradual, dá informações distorcidas, inventadas, fazendo com que a vítima comece a duvidar de sua memória e, conseqüentemente, de si mesma. Esse tipo de abuso pode trazer consequências devastadoras para as vítimas. O termo vem de uma peça de 1938 chamada *Gas Light* e que posteriormente virou filme. Na história, o marido tenta deixar sua mulher louca diminuindo as luzes dos lampiões e, quando ela percebia, ele dizia que só ela estava vendo a diminuição da luz, dessa forma, ela parou de confiar em si mesma.

A repetição de ideias e frases afirmando que a pessoa confunde fatos, possui reações exageradas e está sempre equivocada, pode trazer uma ruptura em sua autoestima e confiança, caracterizando, assim, o *gaslighting*. Pesquisando sobre esse tema, não encontramos estudos acadêmicos, mas sim artigos e matérias que esclarecem esse tipo de abuso, como a matéria do site Geledés – Instituto da Mulher Negra do dia 10/9/2016 intitulado *14 sinais de que você é vítima de abuso psicológico – o Gaslighting*.

Mas, hoje, acreditamos que as mulheres que conseguem perceber os abusos e, sabendo de seus direitos, cada vez menos ficam caladas e denunciam, sim, abusos e crimes contra elas, mesmo ainda não havendo forte repreensão das autoridades para que casos desse tipo não voltem a ocorrer.

Quantas vezes já não fomos obrigadas a ouvir, sempre com dor no coração e sangue nos olhos, que existe mulher que “gosta de apanhar” ou que “merece” ser agredida ou ser estuprada por causa das roupas que usa, da cervejinha que bebe de vez em quando ou dos lugares que frequenta? A própria Maria da Penha, maior símbolo brasileiro da luta contra a violência doméstica, revelou em 2015, durante a I Jornada Mulher Viver Sem Violência, que por anos teve que ouvir os repórteres perguntarem: “Vem cá, mas por que o seu marido a agrediu desse jeito?”. Para quem não sabe, a farmacêutica, hoje com 71 anos, ficou paraplégica em 1983, após ser baleada pelo marido enquanto dormia. Não satisfeito, ele ainda tentou eletrocutá-la alguns meses depois. (COLETIVO NÃO ME KAHLO, 2016, p. 189)

Depois do que ocorreu Maria da Penha, ela começou sua luta contra os relacionamentos abusivos, criando a lei com seu nome. Ainda hoje ela continua seu trabalho por meio do Instituto Maria da Penha (IMP).

Também temos hoje o crime cibernético em que, por vingança, ou algum outro motivo, o ex-companheiro expõe a mulher com fotos e vídeos íntimos em grupos de internet. Nessa situação, a mulher acaba sendo culpabilizada, hostilizada e rechaçada pela sociedade, enquanto o homem, que mantinha um relacionamento com a mulher e que deveria ser severamente punido pela sociedade, muitas vezes não recebe nenhum tipo de punição.

Essa ideia de a mulher, a vítima, ser responsabilizada por atos violentos cometidos contra ela ainda está atrelada em nossa cultura mas, com esforço de mulheres, do movimento LGBT e até de homens, isso vem mudando.

O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. (FOUCAULT, 2014, p. 110)

Com a chegada da internet, nas redes sociais, as mulheres foram cada vez mais se reconhecendo umas nas outras e percebendo que, o que aconteceu com elas, acontece com outras e não é culpa delas.

Dessa forma e por meio de toda uma ideia incutida na sociedade, as mulheres que sofriam em relacionamentos abusivos eram desacreditadas e as atitudes do homem eram consideradas normais. Se eles fizessem algo a elas, a culpa era delas, na maioria das vezes, naturalizando as agressões tanto verbais quanto físicas.

Hoje, encontramos várias reportagens e *sites* variados que falam de relacionamentos abusivos de forma detalhada com vários embasamentos para auxiliar pessoas, como a revista *Capitolina*, o blog do *site* de consultas médicas *Dr. Consulta*, o *site Jus Brasil* (que diz auxiliar juridicamente pessoas que querem se separar e não sabem como, já que estão em um relacionamento abusivo). Há também institutos como o Instituto Maria da Penha e a Agência Pagu que auxiliam mulheres, dão informações e fazem reportagens sobre temas que as cercam.

Além disso, existem movimentos em páginas do Facebook como: “Livre de Abuso”⁸ com mais de 255 mil seguidores, “Você não está louca”⁹ com mais de 485 mil seguidores, “Não foi ciúme”¹⁰ com mais de 17 mil seguidores, entre outros. Já na página “Quebrando o tabu”¹¹, foi feito um vídeo com vítimas de relacionamentos abusivos sendo visualizado por

⁸ Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/livredeabuso/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

⁹ Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/vocenaolouca/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

¹⁰ Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/naofoiciume/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

¹¹ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/1892893404100371/UzpfSTE0NjIzODI0MTQwNTUyMDI6MTg2NTYzMDEyMzczMDQyNw/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

quase 4 milhões de pessoas. Esses são apenas alguns exemplos de movimentos que fortalecem a luta pela igualdade e pelo fim de abusos e, pelos números, podemos perceber que vêm ganhando relevância.

A Constituição Federal de 1988, artigo 5º, trata dos direitos e garantias fundamentais: “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. No entanto, a realidade não é esta, já que se naturalizam práticas relacionadas ao gênero que alimenta um sistema desigual. Há uma construção social “do que é ser mulher” e “do que é ser homem”.

Observando o Atlas da Violência de 2018, encontramos alguns dados assustadores dessa realidade sem igualdade e em que a mulher é vista na sociedade como algo a ser possuído e, quando não há essa possibilidade, pode acabar sendo morta pelo companheiro. Há outras pesquisas que tratam deste tema, mas todas estão com dados desatualizados. No Atlas, temos apenas dados coletados até 2016 e, mesmo assim, não há uma organização dos órgãos de cada estado para padronizar e identificar de forma clara os tipos de abusos sofridos por mulheres como estupros e feminicídios. Logo, é feita uma estimativa por meio de algumas classificações para se obter tais números. A seguir, apresentamos dados sobre estupro de mulheres para ilustrar e para que se tenha uma noção do quão grave é esta situação:

Trouxemos dados estarrecedores sobre esse fenômeno bárbaro em que 68% dos registros, no sistema de saúde, se referem a estupro de menores e onde quase um terço dos agressores das crianças (até 13 anos) são amigos e conhecidos da vítima e outros 30% são familiares mais próximos como pais, mães, padrastos e irmãos. Além disso, quando o perpetrador era conhecido da vítima, 54,9% dos casos tratam-se de ações que já vinham acontecendo anteriormente e 78,5% dos casos ocorreram na própria residência. (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018, p. 4)

Não levaremos em conta as diferenças de homicídio entre mulheres negras e não negras e indígenas, tampouco vamos detalhar faixa etária, tipo de estupro, se o abusador era conhecido da vítima ou não, além de raça, cor, escolaridade, deficiência. Pretendemos apenas dar um panorama dos números de violências sofridas pelas mulheres. Observando o texto do *Atlas da violência* e o gráfico a seguir, vemos um grande aumento nos números, mas não sabemos se é porque hoje as mulheres denunciam mais ou se realmente os números aumentaram.

Gráfico 1 – Brasil: número de notificações de violências e de estupros (2011 a 2016)

Fonte: Microdados do Sinan/Dasis/SVS/Ministério da Saúde. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

* Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação)

Fonte: IPEA, FBSP, 2018, p. 59.

Hoje, a Central de Atendimento à Mulher no número 180 funciona 24 horas por dia, é gratuita e recebe ligações de qualquer lugar do país, além de fornecer informações e encaminhar denúncias. Há também aplicativos para auxiliar as mulheres em algumas situações de vulnerabilidade como o “Salve Maria”, criado pela Secretaria da Segurança Pública do Piauí para que mulheres possam denunciar casos de violência. Este aplicativo conta com um botão do pânico que, caso pressionado, aciona a polícia. Segundo matéria do *GI* intitulada “Aplicativo Salve Maria já foi acionado em 27 cidades piauienses”, ele já foi baixado por mais de 8 mil pessoas.

Procurando informações sobre a violência, não encontramos novos dados oficiais. O que conseguimos de mais atual foi por meio do “Mapa da Violência” criado pelo *GI*.

São 4.473 homicídios dolosos em 2017, um aumento de 6,5% em relação a 2016. Isso significa que uma mulher é assassinada a cada duas horas no Brasil. Falta de padronização e de registros atrapalham o monitoramento de feminicídios no país. [...]

"Os operadores do sistema de justiça criminal precisam olhar para a morte de mulheres e saberem quando registrá-las como feminicídios, em um processo que não é apenas técnico, mas também cultural, já que a morte de mulheres é, de certa forma, naturalizada e as violências contra a mulher no cotidiano são aceitas e reproduzidas", dizem as pesquisadoras do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. [...]

Todos os dados foram solicitados pelo G1 via Lei de Acesso à Informação. Em muitos casos, foi preciso recorrer a uma ou duas instâncias para obter uma resposta. Em outros, foi necessário acionar as assessorias de imprensa das secretarias da

Segurança Pública. Mesmo assim, parte diz não possuir os números.¹² (VELASCO; CAESAR; REIS, G1, 7/3/2018 – grifo nosso)

Dessa forma, percebemos um descaso das autoridades em mapear de maneira mais fiel possível para poder criar cada vez mais políticas públicas e sanar essa grave realidade das mulheres brasileiras, sabido também que essa triste realidade assola tanto as mulheres quanto os LGBTs.

A seguir, apresentamos os dados coletados pelo Mapa da Violência com números mais atuais:

¹² Destacamos a menção de como é difícil coletar os dados sobre violência contra a mulher, atentando-nos de como os números podem não equivaler à realidade, até mesmo porque em muitos casos as vítimas não denunciam seus agressores, sendo difícil ter uma estimativa mais real da situação das mulheres no Brasil. Fizemos uma grande pesquisa e também tivemos dificuldades em coletar dados de pesquisas feitas pelo governo federal, dessa forma, recorremos a pesquisas feitas por jornais como o *G1*.

Gráfico 2 – Mulheres assassinadas

Foto: BettaJaworski/G1

Fonte: VELASCO; CAESAR; REIS, G1, 7/3/2018.

Aqui, podemos ter uma ideia melhor dos números de casos de feminicídio e percebemos novamente um grande aumento, o que pode ser ocasionado por um maior conhecimento dos fatos e não necessariamente porque haja maior violência.

Logo, perceber o movimento de youtubers – mesmo que estejam em seus lugares de privilégio, que falam de relacionamentos abusivos de forma coloquial – é muito positivo, pois são esses discursos que vão chegar a mais pessoas. Pelos comentários e número de visualizações, observa-se que, sendo mulher ou não, é um assunto que muitos querem discutir e dar sua opinião. Por meio de ações como estas, podem ocorrer outros desdobramentos positivos. Assim, tanto as mulheres quanto outras “minorias” podem ser tratadas como iguais e ter os mesmos direitos que qualquer cidadão, independente de raça, cor, gênero. Mas, no caso das mulheres, estas são minoria apenas nos lugares que detêm o poder. Em quantidade, segundo o IBGE, as mulheres são a maioria no Brasil. Na projeção do *site* do IBGE, em 2018 eram 106.523.727 mulheres e 101.971.173 homens.

Neste capítulo, tratamos da mulher e de sua situação na sociedade brasileira que, apesar de vulnerável, segue tendo alguns avanços. Dessa forma, as pessoas vêm se conscientizando e buscando maior igualdade de direitos, além de mais respeito.

No capítulo 2, faremos um panorama da Análise Crítica do Discurso em que se analisam discursos e suas práticas sociais. Vamos observar traços de assimetrias com relação ao poder de uns em detrimento a outros em nossa sociedade e entender a noção de ideologia cunhada por Teun Van Dijk. Também abordaremos as práticas discursivas no modelo tridimensional de Fairclough, dando destaque para a produção feita pelas youtubers e a distribuição feita pelo canal do YouTube dos discursos que analisaremos traçando, assim, o contexto em que os discursos estão inseridos.

2 ANÁLISE DISCURSIVA E PRÁTICAS DISCURSIVAS

Neste capítulo, trataremos da Análise Crítica do Discurso (ACD) e seus estudiosos. Abordaremos a definição de ideologia e contexto de Teun Van Dijk, importantes para os estudos em ACD. Também utilizaremos o modelo tridimensional de Fairclough, focando nas práticas discursivas por meio das quais explanamos sobre o canal do YouTube, local onde se distribuem os vídeos com os discursos das youtubers que analisamos e que são produzidos pelas próprias autoras.

2.1 Análise Crítica do Discurso e seu surgimento

A Análise Crítica do Discurso (ACD) vem de desdobramentos da Linguística Crítica e, segundo BATISTA JR; SATO; MELO (2018, p. 8):

Norman Fairclough cunhou o termo análise de discurso crítica em 1985 no *Journal of Pragmatics* (Fairclough, 2001). Desde então, ele, Wodak e Van Dijk, além de outros pensadores, vêm contribuindo para o enriquecimento dos estudos em ACD, tendo se tornado conhecidos como o Grupo de Lancaster.

A ACD utiliza teorias que podem ser multi, inter ou transdisciplinares para uma abordagem mais completa de seu objeto de estudo como os discursos de poder, que muitas vezes privilegiam alguns em detrimento a outros. Essa teoria faz com que seus analistas tenham a possibilidade de analisar as práticas sociais por meio de discursos. Segundo Melo (2009, p. 9):

[...] nasce uma outra vertente preocupada com o trabalho do discurso como prática social, mas com bases e conceitos extremamente diferenciados dos desenvolvidos pela AD, era a chamada Análise Crítica do Discurso (ACD), que se denomina assim porque tenta revestir-se de uma prática social transformadora da sociedade, dando aos analistas um relevante estatuto de interventor social por meio de seu trabalho de análise.

Assim, a ACD nos ajuda a perceber como se dá a construção do discurso por meio de crenças, por exemplo. Dessa maneira, é possível identificar traços de ideologias de grupos e tentar mudá-las de forma que haja mais igualdade entre todos, alterando, assim, as relações de poder. A ACD possui vertentes como as de Van Dijk que é sociocognitiva; a histórica, de Wodak e a de Fairclough, que trata da teoria social do discurso. Para tanto, estudamos a linguagem em uso na ACD, isto é, os textos tanto orais quanto escritos produzidos em nossa sociedade.

Segundo Teun Van Dijk, uma das tarefas mais importantes da ACD “é explicar as relações entre discurso e poder social” (2015, p. 87).

[...] interessa-nos investigar, por exemplo, de que modo uma entonação específica, um pronome, uma manchete jornalística, um tópico, um item lexical, uma metáfora, uma cor ou um ângulo de câmera, entre uma gama de outras propriedades semióticas do discurso, se relacionam a algo tão abstrato e geral como as relações de poder na sociedade. (VAN DIJK, 2015, p.9)

Conforme as palavras de Van Dijk, devemos investigar a fundo, esmiuçar o que faz com que um conjunto de palavras e o que está ao seu redor podem contribuir no discurso para as relações de poder na sociedade, pois é por meio do estudo de seu discurso, de seu contexto e de sua intenção que podemos entender essa relação de poder e procurar esclarecer a todos, para que seja possível mudar essas práticas.

O poder é algo complexo, que ocorre na sociedade em que pessoas por diversas razões como dinheiro, cargo importante de comando lançam ordens aos demais, que consentem. Van Dijk (2015, p.17) ainda diz: “Embora haja muitos conceitos de poder na filosofia e nas ciências sociais, [...] eu defino essencialmente poder *social* em termos de *controle*, isto é, de controle de um grupo sobre outros grupos e seus membros”.

Observamos que, para Van Dijk, o poder exerce controle de uns em detrimento a outros e, por meio do discurso, é possível detectarmos traços que caracterizam situações de poder.

O discurso não é analisado apenas como um objeto “verbal” autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política. (VAN DIJK, 2015, p.12)

Assim, o discurso é uma prática social. É por meio do discurso que entendemos também a sociedade, seus costumes, suas ideologias. Além disso, o contexto em que se está inserido também nos importa para maior entendimento do discurso.

[...] usemos a noção de ‘contexto’ sempre que queremos indicar que algum fenômeno, evento, ação ou discurso tem que ser estudado em relação com seu ambiente, isto é, com as condições e consequências que constituem seu entorno. Portanto, não só *descrevemos*, mas também, e especialmente, *explicamos* a ocorrência de propriedades de algum fenômeno focal em termos de alguns aspectos de seu contexto. (VAN DIJK, 2012, p.19)

Essa noção será importante, pois o contexto em que se encontra o discurso auxilia de forma determinante na mensagem que será passada ao seu ouvinte ou leitor, reforçando suas palavras.

Na ACD também estudamos as relações assimétricas em que o poder, que é instável, pode ser superado, mudado ou invertido pela linguagem. E esse poder é atrelado à hegemonia como dominação por meio de discursos e, assim, podemos identificar suas características e, pela reflexão, buscar mudar práticas sociais naturalizadas.

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é o foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 122)

A hegemonia ocorre em várias esferas de nossa sociedade. Quando se pensa nas relações sociais, pensa-se também na hegemonia atrelada às atividades que se desenvolvem em uma economia fundamentalmente capitalista.

2.2 ACD hoje e a importância do estudo da ideologia na ACD

Pensando nos estudos da ACD hoje notamos que, com o advento da internet, houve mudanças nos gêneros discursivos, isto é, modelos relativamente estáveis de formas de linguagem oral e escrita em nossas práticas sociais.

Nesse sentido, os textos são modificados em razão da introdução de mudanças, como o acesso a novas tecnologias, discursos ou conhecimentos. Para atender a essas novas configurações das práticas, surgem novos gêneros discursivos a partir dos gêneros existentes, que carregam novas ideologias, significados e agrupam novos elementos das práticas sociais (pessoas, posições de poder, materiais, crenças/ valores/ desejos e discursos). (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018, p. 10)

Logo, novos gêneros surgem e a ACD auxilia para que entendamos melhor aonde essas mudanças podem nos levar, chegando a alterar, por meio de discursos, nossa forma de viver e conviver.

As sociedades alteram suas formas de ser e de agir ao buscar estratégias de renovação do conhecimento, na expectativa de que a mudança ocorra por meio das

atitudes. Ao tomar consciência da dominação, o indivíduo busca superá-la, lutando contra os fatores que determinam a desvantagem social. Desse modo, a incorporação de novos valores ou conhecimentos é traduzida na identidade pelas marcas discursivas materiais (vestimentas, instrumentos e assim por diante), que permitem ao analista perceber quais valores determinado grupo assume. (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018, p. 14)

Essas mudanças fazem com que se possa perceber as atitudes e os valores de cada grupo representado por seus discursos, além de trazer reflexão para formas de poder na sociedade que podem e devem ser questionadas e alteradas de maneira que um grupo não tenha mais privilégios do que outro. A consciência da opressão é o primeiro passo para que se possa, por meio dos discursos, procurar meios de alterar a realidade dada em nossa sociedade para uma realidade mais justa a todos.

Há também a noção de agência que é a habilidade de cada pessoa em poder transformar a vida e sua capacidade em suportar e superar coerções, mesmo havendo restrições. Por meio da reflexão, cada pessoa pode sentir seu conhecimento e sua capacidade de alterar de alguma forma o fluxo social, modificando-o (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018).

Em situações de dominação, dominados e dominantes compartilham a sensação de normalidade da prática, identificados com posições a atividades. A partir da reflexão, surge a vontade da mudança, mas a agência não é um atributo individual e sim das articulações no bojo das práticas. A simples reflexibilidade não dá ao indivíduo ferramentas para agir, mas sim a consciência de que é possível atuar pela mudança. Para que a agência surja, é preciso haver mudança nas relações que abram espaço para a mudança efetiva aflorar. (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018, p. 15)

Assim, a retomada da consciência do mundo em que vivemos e de nossa estrutura social e de poder podem ser modificadas, fazendo ser possível haver mudanças significativas no sentido de entender que todos têm os mesmos papéis e deveres na sociedade, possibilitando maior liberdade e paridade. Logo, há naturalizações que devem ser desconstruídas, pois fazem parte de uma sociedade fundamentalmente patriarcal com grandes desigualdades.

No que toca à contribuição da ACD para a investigação das relações entre texto e sociedade, dois aspectos são fundamentais. O primeiro diz respeito ao papel da ACD na investigação das naturalizações das assimetrias de poder. [...] O segundo aspecto incide sobre as contribuições que a ACD tem a dar nesta época de interações cada vez mais virtuais devido ao grande avanço da tecnologia. Novos modos de se expressar, inclusive virtualmente, trazem novos desafios à ADC.¹³ (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 70-1)

¹³ Alguns pesquisadores traduzem o termo original do inglês “Critical Discourse Analysis” como Análise do Discurso Crítico (ADC). Isso ocorre principalmente com o grupo de pesquisa da Universidade de Brasília. Para

Desse modo, a ACD, nos dias de hoje, analisa os discursos nas redes sociais, nas interações virtuais, em novos gêneros discursivos, entre outros. É por meio desses discursos que as pessoas interagem e podem se conscientizar de padrões naturalizados em nossa sociedade. Assim, se articulam de forma a repensar estes padrões, crenças e ideologias encontradas nas práticas sociais.

2.2.1 Ideologia

A ideia de ideologia para a ACD é de grande importância, e, para tratarmos dela, utilizamos a definição cunhada por Teun Van Dijk.

Podemos perceber, por meio da ideologia, os padrões e as semelhanças nos discursos de determinados grupos que podem deter o poder ou, por exemplo, grupos minoritários que lutam por direitos. Como Van Dijk (2008) diz, a ideologia se relaciona com os sistemas de ideias gerais e com suas crenças sobre o mundo. Como entendem o mundo e como se relacionam nas práticas sociais compartilhadas por um grupo que pode ser racista, antirracista, comunista, anticomunista, feminista, sexista etc., e completa: “[...] as ideologias são as crenças fundamentais de um grupo e seus membros.”¹⁴ (VAN DIJK, 2008, p. 14 – tradução nossa.)

[...] propomos um conceito mais geral de ideologia, que também nos permitirá estudar ideologias “positivas” como o feminismo ou o antirracismo; e assim mostrar sistemas que sustentam e legitimam a oposição e a resistência contra o domínio e a injustiça social.¹⁵ (VAN DIJK, 2008, p. 15-6 – tradução nossa)

Dessa forma, na teoria de Van Dijk existem as ideologias positivas, que buscam direitos, e as negativas, que querem manter suas estruturas de poder com relação a outros grupos, perpetuar as assimetrias naturalizadas em nossa sociedade. Elas podem ser dominantes ou não. Há também ideologias negativas que não são dominantes, como grupos extremistas de direita. Van Dijk (2008, p. 16) diz que “[...] as ideologias não só dão sentido ao

esse grupo, tal preferência terminológica se justifica por dissociar os estudos críticos do discurso da tradição em Análise do Discurso (francesa), já estabelecida no Brasil há décadas (cf. Melo, 2012, p. 60). Nesta dissertação, preferimos usar o termo ACD.

¹⁴ [...] las ideologías son las creencias fundamentales de un grupo y de sus miembros.

¹⁵ [...] proponemos un concepto más general de ideología, lo que también nos permitirá estudiar ideologías “positivas” como el feminismo o el antirracismo; es decir, sistemas que sostienen y legitiman la oposición y la resistencia contra el dominio y la injusticia social.

mundo (do ponto de vista do grupo), como também fundamentam as práticas sociais de seus membros¹⁶” (tradução nossa).

Uma das práticas sociais mais importantes condicionadas pelas ideologias é o uso da linguagem e do discurso, uso que simultaneamente influi na forma de adquirir, aprender ou modificar as ideologias.¹⁷(VAN DIJK, 2008, p. 17 – tradução nossa)

O autor nos mostra a importância do estudo da ideologia na ACD, pois é por meio dos discursos que podemos identificar, entender e buscar modificá-la quando alinhada a estruturas de poder e de opressão. Van Dijk a trata de forma multidisciplinar e divide o estudo em três grupos: estudo do discurso, da cognição e da sociedade.

A ideologia traz uma dimensão avaliativa em que cada um, mediado pela ideologia de grupo, de alguma forma, sempre se posiciona em seu enunciado, muitas vezes carregado de referências de outros enunciados e de suas vivências. Todo discurso traz uma ideologia, podendo influenciar seu receptor por meio do poder de suas palavras.

Devemos ressaltar como as ideologias fazem a manutenção das relações de poder na sociedade em que se enraíza uma ideia aceita ideologicamente conseguindo, assim, exercer o poder em relação a grupos de pessoas. A ideologia são valores de grupos e a escolha lexical pode mostrar quais os valores defendidos em um texto.

As ideologias influenciam no que dizemos e como dizemos, mas ocorre o contrário também: adquirimos e modificamos as ideologias ao ler e escutar grandes volumes de informação oral e escrita. As ideologias não são inatas, nós as aprendemos e o conteúdo e a forma desse discurso podem formar, com mais ou menos probabilidade, modelos mentais de representações sociais e ideologias.¹⁸(VAN DIJK, 2008, p. 79 – tradução nossa)

Dessa maneira, observamos que a ideologia permeia todos os discursos e é criada pela própria sociedade, naturalizando-a de certa forma.

¹⁶ [...] las ideologías no sólo dan sentido al mundo (desde el punto de vista del grupo), sino que también fundamentan las prácticas sociales de sus miembros.

¹⁷ Una de las prácticas sociales más importantes condicionadas por las ideologías es el uso del lenguaje y del discurso, uso que, simultáneamente, influye en la forma de adquirir, aprender o modificar las ideologías.

¹⁸ Las ideologías influyen en lo que decimos y cómo lo decimos, pero lo contrario también es cierto: adquirimos y modificamos las ideologías al leer y escuchar grandes volúmenes de información oral y escrita. Las ideologías no son innatas sino que se aprenden, y el contenido y la forma de este discurso pueden formar, con más o menos probabilidad, modelos mentales de representaciones sociales e ideologías.

2.3 ACD pelos preceitos de Fairclough

Utilizamos a teoria de Fairclough, pois seu modelo tridimensional nos dá subsídios para entendermos a prática discursiva nos textos que analisamos. Seus estudos vão ao encontro da ideia do discurso como prática social e da Linguística Sistêmico-Funcional, a qual faremos uso nas categorias de análise em nosso trabalho.

Toda aquela ideia de uma economia baseada em conhecimento, na qual conhecimento e informação têm um novo e decisivo significado, é fruto de uma economia baseada no discurso: os conhecimentos são produzidos, circulam e são consumidos como discursos, os quais são operados como novas formas de agir e de interagir (inclusive como novos gêneros) e inculcados como novas formas de ser, novas identidades (inclusive com novos estilos). (FAIRCLOUGH, 2012, p. 315.)

Assim, Fairclough nos aponta que hoje o conhecimento e a informação têm um novo significado. Nas redes sociais, é possível se obter os mais diversos conhecimentos, de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, o que pode interferir diretamente nas pessoas. Estes conhecimentos nem sempre são consumidos de forma crítica, o que pode fazer com que pessoas sejam manipuladas de forma mais fácil. O autor ainda diz, em um artigo publicado na revista *Linha d'Água*, traduzido por Iran Ferreira de Melo, que é importante sairmos do meio acadêmico, pois ficamos em um nicho e não trocamos conhecimentos e informações com a população. Assim, poderíamos contribuir para uma sociedade mais crítica e menos manipulável.

A vida acadêmica está organizada como uma rede de práticas distintas, um mercado distinto, e uma análise crítica que permanece dentro de seus limites provavelmente não surtirá muito efeito. Pode ser que tenha algum efeito, se as pessoas que gastam algum tempo de sua vida em cursos de pós-graduação levarem ideias e abordagens para outras áreas de sua vida. Mas continuo achando que devemos repensar a maneira como pesquisamos, onde e como publicamos, e como escrevemos. Com respeito a como pesquisamos, o que eu disse sobre as representações da nova economia não se liga diretamente às campanhas de ativistas contra problemas como o livre comércio. Por que não trabalhamos com ativistas no projeto e desenvolvimento da pesquisa, amarrando essa experiência, por exemplo, a campanhas de pessoas deficientes a favor de reformas da assistência social? Como e onde publicamos? Por que não publicar em panfletos, em artigos de jornais e de revistas, em livros populares, ou na Internet? Com relação a como escrevemos, seria possível desenvolver maneiras acessíveis de se escrever a muitas pessoas, sem serem superficiais? (FAIRCLOUGH, 2012, p. 325)

Dessa forma, os estudos em ACD propõem justamente essa união entre academia e sociedade, para que, juntos, todos consigam ter uma visão mais ampliada de nossas práticas

sociais, podendo, assim, ter pensamento crítico e entendimento maior entre todos. É importante entendermos nosso papel de analistas críticos do discurso e de que forma podemos nos empenhar para passar esse conhecimento adiante não apenas como teoria, isto é, compreender os discursos apenas no ambiente acadêmico. Devemos nos comprometer para que nossos estudos se unam verdadeiramente às práticas sociais, em que todos se complementem, independentemente de grau de instrução, para repensarmos nossa estrutura social e termos uma sociedade mais igualitária.

Pensamos que é muito importante que as universidades se voltem mais para a sociedade e unam-se a ela, refletindo com todos sobre os acontecimentos atuais. As universidades devem não apenas fazer análises teóricas de assuntos e temas já passados, mas também embrenhar-se aos novos tempos e trocar ideias com a sociedade. Assim, a sociedade pode proporcionar melhor visão da realidade aos acadêmicos, tirando-os apenas das teorias e hipóteses e estes podem auxiliar a sociedade em argumentos e análises para que se compreenda e se tenha mais conhecimento de fato. Além disso, os acadêmicos podem auxiliar na prática da reflexão e da crítica, para que não se tenha apenas acesso a informações muitas vezes duvidosas ou manchetes tendenciosas, em que se formam opiniões equivocadas de variados assuntos e fatos.

Para Fairclough (2010), a ACD possui três propriedades básicas: é dialética, pois não se pode conceber a língua como uma unidade discreta e separável das relações de poder e solidariedade; é transdisciplinar, já que não se limita apenas a análise do texto; é relacional, pois o foco não é apenas a língua, o texto, os indivíduos ou objetos, mas sim as redes práticas, as ações que envolvem atores em seus contextos sócio-históricos e situacionais nos quais significados são construídos e negociados interacionalmente (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014, p. 1283).

O discurso, para Fairclough, é uma prática social, além de ser uma atividade que pode até representar uma realidade, mas não apenas, pois também representa algo que se deseja tornar-se realidade.

Segundo o autor, na ACD, os sujeitos, chamados atores sociais, têm certa autonomia em seus discursos, o que pode fazer com que ele aja, mudando paradigmas ou reforçando-os:

[...] o agente-sujeito é uma posição intermediária, situada entre a determinação estrutural e a agência consciente. Ao mesmo tempo em que sofre uma determinação inconsciente, ele trabalha sobre as estruturas, a fim de modificá-las conscientemente. É como se a estrutura estivesse em constante risco material em função de práticas cotidianas de agentes conscientes. (MELO, 2009, p.16)

Assim, os atores sociais fazem escolhas de acordo com sua ideologia e constroem a referenciação de acordo com o que se diz, dessa forma, constroem também uma realidade.

Fairclough afirma que textos são capazes de causar vários efeitos que podem, de certo modo, influenciar a sociedade.

Pesquisas em crítica social delineiam e mudam seus programas de pesquisa para tentar responder às grandes questões e problemas do dia a dia. Grande parte desta investigação está focada no “novo capitalismo” – transformações recentes do capitalismo, “globalização”, neoliberalismo, e assim por diante –, para que se tenha melhor entendimento destas mudanças e de seus efeitos, e ter possibilidades para ir a direções específicas ou resistir a essas mudanças e desenvolver alternativas; o que é visto como crucial para melhorar a condição humana. Há vencedores e há perdedores nestas transformações sociais. ¹⁹(FAIRCLOUGH, 2004, p. 203 – tradução nossa)

A ACD estuda exatamente esses discursos em que alguém sempre ganha algo nessa cultura de mercado, mesmo que seja o poder da palavra, influenciando quem os ouve ou lê, isto é, as relações de poder, como já mencionado. Sabendo disso, é possível identificar os padrões desses discursos, desmistificá-los e combatê-los por meio do conhecimento e, dessa forma, fazer com que a sociedade seja mais igualitária.

Fairclough nos apresenta a perspectiva tridimensional para auxiliar nos estudos da ACD. Essa perspectiva nos ajuda a analisar os discursos e como eles se dão, observando o **texto**, sua **prática discursiva** e qual é a bagagem que esse texto retoma em sua **prática social**, isto é, o que defende diante da sociedade.

Podemos observar melhor no quadro seguinte.

¹⁹ Critical social research designs and changes its research program me to try to respond to the great issues and problems of the day. Much of this research is now focused upon ‘new capitalism’ – contemporary transformations of capitalism, ‘globalization’, neo-liberalism, and so forth – because a better understanding of these changes and their effects, and of possibilities to inflect them in particular directions, or resist them and develop alternatives, is widely seen as crucial to improving the human condition. There are winners and there are losers in these social transformations.

Quadro 1 – Concepção tridimensional do discurso

Fonte: FAIRCLOUGH, 2008, p. 101.

Esse quadro reforça o modelo de estudo que engloba as três esferas que fazem parte de qualquer discurso produzido em uma interação.

[...] O modelo tridimensional de ADC proposto por Fairclough em 1989 e aprimorado em 1992 distingue três dimensões no discurso – texto, prática discursiva e prática social –, segundo propósitos analíticos. Nesse modelo, a análise é, portanto, dividida em três etapas.

Por prática discursiva entendem-se os processos de produção, distribuição e consumo do texto [...]. (RAMALHO; RESENDE, 2004, p. 186)

Na prática social, temos as relações externas ao texto que se juntam às estruturas sociais com suas práticas e eventos em que se encontram as ações e relações sociais, identificação e identidades potenciais dos atores, além das representações de mundo. É aqui também que se encontram os gêneros como modo de ação, os discursos como modo de representação e estilo como modo de identificação.

A análise da prática social está relacionada aos aspectos ideológicos e hegemônicos na instância discursiva analisada. Na categoria ideologia, observam-se os aspectos do texto que podem ser investidos ideologicamente, como os sentidos das palavras, as pressuposições, as metáforas, o estilo. Na categoria hegemonia, observam-se as orientações da prática social, que podem ser orientações econômicas, políticas, ideológicas e culturais. (RAMALHO; RESENDE, 2004, p.188)

Na prática discursiva, as relações externas (da prática social) e as relações internas se imbricam, associando-se elementos linguístico-textuais às determinações do contexto social

que fazem emergir gêneros, discursos e estilos diferentes. Aqui, observamos a força dos enunciados, a coerência do texto e a intertextualidade, que está presente nos vídeos de nosso *corpus*.

Intertextualidade é basicamente a propriedade que tem os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante. Em termos da produção, uma perspectiva intertextual acentua a historicidade dos textos. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 114)

É pela intertextualidade que os discursos são alicerçados, pois eles se embasam nos discursos hegemônico da relação entre homens e mulheres de nossa sociedade. Relação esta que naturalizou uma dada realidade não condizente com o que deveria ser, isto é, o homem deter o poder sobre a mulher em diversos aspectos de sua vida. Isso traz desdobramentos e consequências alarmantes como os casos de feminicídio.

Na análise das práticas discursivas, participam as atividades cognitivas de produção, distribuição e consumo do texto. Analisam-se também as categorias força, coerência, e intertextualidade. A força dos enunciados refere-se aos tipos de atos de fala desempenhados; a coerência, às conexões e inferências necessárias e seu apoio em pressupostos ideológicos; a análise intertextual refere-se às relações dialógicas entre o texto e outros textos (intertextualidade) e às relações entre ordens de discurso (interdiscursividade). (RAMALHO; RESENDE, 2004, p.187)

Já o texto constitui-se por aspectos semântico-discursivos, léxico-gramaticais e fonético-fonológico-grafológico. Podemos organizar em: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. É onde se encontram as relações internas ao texto. “O modelo de análise do texto é pormenorizado em categorias. São categorias da análise textual, o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual [...]” (RAMALHO; RESENDE, 2004, p.187).

2.3.1 Práticas discursivas: distribuição, produção e consumo

Aqui em nossos estudos, trabalhamos com as práticas discursivas, mais especificamente a distribuição e a produção e fazemos uma análise do que se observou em nosso *corpus*.

A prática discursiva, de acordo com Fairclough (2010), contribui não apenas para reproduzir a sociedade, em suas identidades e relações sociais, e sistemas de conhecimento e crença, como também, possibilita sua transformação. As práticas discursivas estão imbuídas nas práticas sociais e envolvem processos de produção, distribuição e consumo dos textos. Assim, textos são elaborados em contextos específicos e englobam modos de produção, distribuição e consumo diversificados. (LIRA; ALVES, 2018, p.110)

Dessa maneira, a **distribuição** é feita pelo canal do YouTube, a **produção** é feita pelas próprias youtubers, e o **consumo** é provavelmente feito por pessoas que se identificam com o discurso de alguma forma sobre o tema “relacionamentos abusivos”.

Não trabalhamos com o consumo, pois seria necessário um levantamento dos dados a partir dos leitores. Acreditamos que não conseguiríamos dados concretos, apenas saber quem seria o consumidor provável coletando faixa etária, público-alvo, número de visualizações, número de likes e dislikes, comentários sobre os vídeos, compartilhamentos. Assim, optamos por focar apenas na produção e na distribuição.

As origens e as motivações imediatas da mudança no evento discursivo repousam na problematização das convenções para os produtores ou intérpretes, que pode ocorrer de várias formas. Por exemplo, a problematização das convenções na interação entre mulheres e homens é uma experiência generalizada em várias instituições e domínios. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 127)

Segundo o autor, nos discursos, os produtores ou intérpretes problematizarão assuntos como a interação entre mulheres e homens, conforme ocorre em nos vídeos, em que se denuncia essa relação buscando uma reflexão. Desse modo, pretendem mudar a forma de se enxergar a realidade. Para isso, utilizam elementos lexicais no texto que reforçam sua posição em sua prática discursiva.

A partir da explicação dessa perspectiva tridimensional, podemos pensar em nosso *corpus* e o diálogo heterogêneo que ele propõe.

O discurso é diálogo, porque a fala e a escrita são atos sociais, se fala com alguém, se escreve para alguém, se lê para alguém. Esse feito, aparentemente tão simples, faz com que os textos se diferenciem porque sua forma e estrutura dependem dos contextos ou âmbitos que lhes dão forma e das motivações de quem participa do diálogo. [...] Aceitar essa condição do discurso significa entender que o discurso não pode ser nunca homogêneo [...].²⁰(BOLÍVAR, 2003, p. 13 – tradução nossa)

Assim, os discursos são heterogêneos, dependem do contexto no qual estão inseridos e se diz algo a alguém. Há interação de pelo menos dois participantes e essa interação é social.

Hoje, com a internet, encontramos mudanças nesses discursos, nas interações, além de mudanças tanto em comportamentos sociais como na linguagem. Vivemos na geração do imediato, em que as pessoas se comunicam, se conhecem, dão suas opiniões, falam de suas

²⁰ El discurso es diálogo, porque el habla y la escritura son actos sociales; se habla con alguien, se escribe a alguien, se lee a alguien. Este hecho, aparentemente tan sencillo, hace que los textos difieran porque su forma y estructura dependen de los contextos o ámbitos que les dan forma, y de las motivaciones de quienes participan en los diálogos (véase Bajtín, 1986). Aceptar esta condición del discurso significa entender que el discurso no puede ser nunca homogéneo.

vidas virtualmente. Na internet em blogs, redes sociais, as pessoas vivem virtualmente como uma extensão de suas vidas reais e essa vida virtual, muitas vezes, é mais significativa do que a real.

Lemos e Felice (2014, p. 7) afirmam que “o advento da comunicação digital é uma das mais importantes revoluções da nossa época”. Já Recuero (2009, p. 12) observa que: “As tecnologias digitais ocupam um papel central nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social”. E ainda completa:

O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa [...] é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador [...]. (RECUERO, 2009, p. 24)

Logo, observamos que houve uma transformação na maneira de as pessoas se relacionarem quando a internet e, principalmente, as redes sociais começaram a fazer parte de nossas vidas. É por meio delas que as pessoas passaram a interagir virtualmente.

É nas redes sociais que muitas pessoas se relacionam criando laços sociais, mudando a forma de interação entre os indivíduos.

2.3.1.1 Distribuição: YouTube

É no YouTube que ocorre a distribuição dos vídeos de nosso *corpus* sobre “relacionamentos abusivos”. Essa distribuição pode ser, de certa forma, contabilizada quando se observa o número de visualizações de um vídeo, tendo um retorno para saber se está agradando ou não seu público.

O YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos em que qualquer pessoa pode postar seus próprios vídeos. Ele foi criado em 2005 e em 2006 foi comprado pelo Google por 1,65 bilhão de dólares.

Desenvolvido por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, o *site* de compartilhamento de vídeos *YouTube* foi lançado oficialmente em 2005. Os jovens criadores, ex-funcionários do *site* de comércio on-line *PayPal*, aprimoraram o conceito de *upload* (ação de enviar conteúdo a ser disponibilizado em rede) de vídeos já existente na rede, tornando-o mais acessível aos usuários. (BURGUESS; GREEN, 2009 apud MENEGON, p. 25)

Ao longo do tempo, ocorreram várias mudanças na plataforma para atrair mais pessoas, uma delas foi o *slogan*:

O primeiro *slogan* do site “*Your Digital Video Repository*” (“Seu Repositório de Vídeos Digitais”) definia o *YouTube* como uma espécie de arquivo digital pessoal que ficaria disponível para todos que acessassem o *site*. Na página inicial constavam dicas sobre os elementos que poderiam compor o repositório: a) exiba seus vídeos favoritos para o mundo; b) faça vídeos de seus cães, gatos e outros bichos; c) publique em seu *blog* os vídeos que você fez com sua câmera digital ou celular; d) exiba seus vídeos com segurança e privacidade aos seus amigos e familiares no mundo todo. (BURGUESS; GREEN, 2009 apud MENEGON p.26)

Desse modo, qualquer pessoa pode criar seu canal, carregar vídeos e postar para que todos vejam, sem a necessidade de fazer downloads ou baixar algum programa para isso. Basta ter acesso à internet para poder assistir aos vídeos, o que facilita muito para seus usuários.

O primeiro vídeo da história do *YouTube*, intitulado “*Me at the zoo*”, mostra o próprio Jawed Karim, um de seus cofundadores, em um zoológico. O vídeo foi postado em março de 2005 e, com apenas 19s de duração, a filmagem atinge a marca de aproximadamente nove milhões de visualizações. Pouco à vontade em frente à câmera, o jovem Jawed diz: “Bem, aqui estamos nos elefantes, e uma coisa sobre esses carinhas é que eles possuem uma tromba muito, muito, muito longa. E isso é legal. E... isso é tudo que eu tenho a dizer.”

O vídeo inaugural exemplifica o espírito do projeto dos jovens criadores do *YouTube*: transmitir a si próprio. A delimitação do lema deu início à era *Broadcast Yourself* (algo como “Transmitir-se”), que, não coincidentemente, passou a ser o novo *slogan* do site. Segundo Burgess e Green (2009), a mudança conceitual de recurso de armazenamento pessoal para uma plataforma destinada à expressão pessoal insere o *YouTube* como um dos aspectos da revolução comandada por usuários e contextualizada na retórica em torno da *web 2.0*. (MENEGON, p. 27)

Com as pessoas cada vez mais querendo mostrar suas vidas, sendo as estrelas de seus vídeos caseiros, os vloggers²¹ do *YouTube* passaram a ser chamados “youtubers” e os mais conhecidos hoje são designados “influenciadores digitais”.

Outra característica do *YouTube* é armazenar o que o usuário já acessou, sugerindo mais sobre temas semelhantes aos já vistos, além de mostrar o que está em evidência e apresentar propagandas. Juntamente, há várias configurações de ajustes e opções para que cada pessoa tenha uma experiência mais pessoal e única com a plataforma. A seguir, apresentamos sua tela inicial:

²¹ Pessoas que criam vlogs, isto é, blogs em que os conteúdos predominantes são vídeos.

Imagem 1 – YouTube (página inicial)

Fonte: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

Já no link “Sobre” do YouTube, encontramos as seguintes frases que dizem expor a filosofia da empresa:

Imagem 2 – Sobre o YouTube

Nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo.

Acreditamos que todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias.

Nossos valores se baseiam direitos e liberdades que definem quem somos.

Liberdade de expressão

Acreditamos que as pessoas devam ser capazes de se expressar livremente, compartilhar opiniões, promover o diálogo aberto, e que a liberdade criativa propicia o surgimento de novas vozes, formatos e possibilidades.

Direito à informação

Acreditamos que todos devam ter acesso livre e fácil às informações e que o vídeo tem grande influência na educação, na construção do entendimento e na transmissão de informações sobre acontecimentos no mundo, sejam eles grandes ou pequenos.

Direito à oportunidade

Acreditamos que todos devam ter a oportunidade de ser descobertos, montar um negócio e alcançar o sucesso de acordo com o próprio ponto de vista e que as pessoas comuns, não os influenciadores, decidem o que está em alta.

Liberdade para pertencer

Acreditamos que todos devam ser capazes de encontrar comunidades de suporte, eliminar obstáculos, ultrapassar as fronteiras e reunir-se em torno de interesses e paixões compartilhadas.

Fonte: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

Esses textos pregam os valores que a empresa expressa ter, que são basicamente direitos iguais e liberdade a todos. Há também um vídeo ilustrando melhor suas bases. Dessa forma, a plataforma busca apresentar para seus usuários um sentido para que cada vez mais pessoas se mostrem, já que procura evidenciar o indivíduo comum, expondo que todos são importantes independentemente de diferenças como cor, nacionalidade, gênero, classe social.

Atualmente, a prática de representação de indivíduos comuns por meio das novas mídias define o que Burguess (2006) chamou de *digital storytelling*. Segundo o autor, a definição de *digital storytelling*, como manifestação de criatividade vernacular, compreende os processos criativos em que pessoas comuns produzem seus próprios filmes autobiográficos a serem transmitidos na *web* ou na televisão. *Digital storytelling* é descrito como um processo que envolve mais do que uma forma de comunicação, constituindo-se como prática cultural. (MENEGON, 2013, p. 30)

Assim, o autor afirma que a exposição cada vez mais comum de pessoas normais por meio de suas *digital storytellings* é uma prática cultural que vem ocorrendo atualmente, pois faz parte da vida das pessoas e da cultura de nossa sociedade. Não é apenas uma forma de comunicação, como uma conversa cara a cara.

Dessa maneira, o YouTube é um grande distribuidor de vídeos em que, de certa forma, qualquer pessoa pode ter acesso e buscar difundir o que se produz. Uma das hipóteses de seu sucesso é a estrutura do YouTube, que acaba aproximando youtubers de seu público. Além disso, o youtuber consegue perceber pelos comentários o que agrada ou não quem assiste aos vídeos, tendo um feedback e construindo vínculos, como uma rede social.

2.3.1.2 *Produção: youtuber como profissão*

Hoje, observamos pessoas fazerem sucesso com seus vídeos caseiros sobre diversos assuntos e suas próprias vidas. Diante disso, atrelam-se a marcas que divulgam suas propagandas antes da exibição dos vídeos. Alguns youtubers também vendem produtos e criam sua própria marca ou migram para a carreira de atriz/ator, além de fazerem *merchandising*, postando vídeos sobre o que acham do produto em questão. Eles também são convidados a participar de palestras e eventos como a Unimídia (semana acadêmica de Midialogia da Unicamp) que ocorreu em 2017 e contou, em sua banca de abertura, com a presença das youtubers Jout Jout e Nátaly Neri que falaram um pouco sobre suas carreiras. Com essa comercialização, os canais acabam ficando mais profissionais e os protagonistas dos vídeos mantêm uma regularidade nas postagens para não perder público e apresentar vídeos novos para entreter seus seguidores.

A fusão de entretenimento aliado ao comércio de produtos pode ser perigosa na medida em que se cria uma ilusão. Assim, o público não percebe o que está vendo, já que se encanta pela forma aparentemente caseira dos vídeos. Logo, pode haver o consumo tanto do entretenimento, isto é, do assunto tratado nos vídeos, quanto dos produtos que são vendidos atrelados aos youtubers.

As empresas se deram conta de que não só o anúncio amador é mais barato, mas os consumidores passaram a vê-lo como mais tosco, menos refinado e de certa forma mais “real” ou verdadeiro que um anúncio elaborado por uma agência profissional [...] no Youtube publicidade e conteúdo podem ser fundidos com sucesso; que publicidade é entretenimento e entretenimento é publicidade. (KEEN, 2009, p. 61, 89)

Dessa forma, observamos que os vídeos selecionados podem não ser tão espontâneos quanto parecem. São produções que parecem simples e despojadas, com o “falar o que vem à cabeça”. Mas, como as enunciadoras mesmas dizem em entrevistas, há um roteiro, há edição no vídeo, além, claro, de *merchandisings* e propagandas.

[...] na internet não é simples definir a autoria e identificar se aquilo é um discurso publicitário ou um discurso legítimo, do mundo da vida; se é um discurso movido por uma vontade genuína de debater na esfera pública ou se é movido por um imperativo monetário que leva a proferir aquele discurso. (FELICE; LEMOS, 2014, p. 84-5)

Para melhorar as performances dos youtubers, o YouTube possui um espaço onde se realizam cursos chamado YouTube Space, com unidades nas principais cidades do mundo: Rio de Janeiro, Dubai, Toronto, Paris, Tóquio, Mumbai, Nova York, Berlim, Londres e Los Angeles. Mas há restrições para participar desses cursos, já que muitas vezes só é possível se inscrever quando se tem pelo menos dez mil inscritos em seu canal.

Assim como as celebridades instantâneas lançadas por *reality shows*, como o “*Big Brother Brasil*”, da Rede Globo, e “*A Fazenda*”, da Rede Record, os famosos da *web* também percorrem uma efêmera trajetória, os conhecidos “15 minutos de fama”. Se a ascensão é extraordinariamente rápida, a decadência segue o mesmo ritmo rumo ao esquecimento popular. Sucessos virais do *Youtube* como “Tapa na Pantera”³³, de 2006, “Truco valendo o toba”³⁴, de 2007, e “Fala Sônia”³⁵, de 2007, são exemplos da efemeridade do vídeo viral. Se os marcássemos em uma linha cronológica de acontecimentos, os exemplos citados corresponderiam a uma era pré-histórica, e que se distancia cada vez mais em vista do dinamismo do *site*. (MENEGON, 2013, p. 39)

Além dos youtubers famosos que hoje são chamados influenciadores digitais, há vídeos virais, acessados por muitas pessoas, mas que rapidamente caem no esquecimento e dão lugar a outros vídeos.

Também há literatura sobre como ser um youtuber, ensinando os passos para fazer vídeos e ter visualizações. Muitos youtubers famosos publicaram pelo menos um livro cada um e são fenômeno de vendas, inclusive participam de bienais, sendo, geralmente, as atrações mais disputadas pelos jovens.

A profissionalização do youtuber nos dá uma ideia de como se reconhece hoje a produção e tudo o que a envolve por trás de cada vídeo do *corpus*.

Permeando pelos estudos das práticas discursivas, é pelo YouTube, como foi exposto, que se distribui o conteúdo das youtubers e elas, por meio de sua profissionalização,

produzem seus vídeos que serão difundidos para pessoas que, de alguma forma, vão se identificar ou reconhecer traços de semelhanças com sua realidade.

Neste capítulo tratamos da ACD, e a importância da noção de ideologia para tais estudos, além do modelo tridimensional de Fairclough que nos auxilia na análise das práticas discursivas em nosso *corpus*. No próximo capítulo, abordaremos as categorias de análise em que explanamos quais teorias utilizamos para a análise propriamente dita do *corpus*.

3 A AVALIATIVIDADE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE EM NARRATIVAS DE VIDA

Neste capítulo trataremos das categorias de análise que serão usadas para nosso estudo do *corpus*. Para tanto, o texto está estruturado em duas partes: primeiro vamos expor a **Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)** que dialoga com a **ACD** de Fairclough, abordada no capítulo 2, mostrando como ela se dá e explicando o **sistema de Avaliatividade**, que será usado na análise. Também buscaremos mostrar a concepção do gênero discursivo **narrativa de vida**, gênero abordado pela profa. Dra. Ida Lucia Machado (2015), encontrado em todos os discursos em foco nesta dissertação.

A ACD possui várias abordagens e todos os estudos tratam da preocupação social incidente no discurso (oral e escrito) e do poder de um em detrimento a outros.

Em nossos estudos, optamos por utilizar os conceitos de Fairclough que demonstram de forma clara a dimensão social no discurso sobre relacionamentos abusivos postados no YouTube, seu contexto tanto social quanto de situação. Passos estes dados no capítulo anterior em que abordamos as práticas discursivas de nosso *corpus* juntamente com suas ideologias, quando utilizamos os estudos de Van Dijk que somam e coadunam com o exposto, trazendo mais elementos para enriquecer nossa pesquisa.

Como Batista Jr., Sato e Melo (2018, p. 8) dizem, a “análise crítica do discurso é um grande ‘guarda-chuva’ no qual se abrigam diferentes abordagens e perspectivas, tais como a linguística sistêmico-funcional” entre outros.

Dessa forma, pautados pela LSF, utilizamos o sistema de Avaliatividade para nos auxiliar na análise léxico-discursiva e para observarmos a construção dos discursos nos vídeos.

Esta escolha se deu, pois, observando nosso *corpus*, constatamos um discurso com muitos elementos avaliativos. Logo, o sistema de Avaliatividade, dentre vários estudos que encontramos em nossa área, como a transitividade, foi a escolhida para embasar a análise. Chegamos à conclusão de que, por meio dela, poderíamos visualizar a construção do discurso de forma satisfatória, enxergando os elementos utilizados na linguagem e, sob a luz das categorias avaliativas, analisar seus discursos que são bem semelhantes quando tratam do assunto “relacionamentos abusivos”.

3.1 Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)

A LSF “consiste em um modelo teórico-analítico que procura abarcar a realidade linguística em sua completude” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2011, p. 145).

Na visão de Rodrigues e Cabral (2010), a linguagem, segundo Halliday, é um sistema que integra as experiências das pessoas, pois contempla elementos semióticos e sociais, dessa forma, trata das interações sociais. Por isso, não é possível dissociar a linguagem de seus falantes, de suas práticas e da sociedade e de ideologias subjacentes a ela.

A LSF é inaugurada pelo linguista britânico Michael Halliday. Trata-se de uma teoria sociossemiótica que descreve e explica o funcionamento da linguagem.

A Linguística Sistêmico-Funcional, desenvolvida por Halliday (1985/1994) e ampliada por Halliday e Matthiessen (2004; 2014), parte da premissa das metafunções da linguagem em uma perspectiva sociossemiótica. A metafunção é entendida como as variadas funções da língua, as várias formas de interpretação de uma mesma palavra. Dessa forma, a LSF cuida de analisar as possibilidades e escolhas léxico-gramaticais usadas em um discurso e os fatores contextuais envolvidos nessa relação. Nela, texto e contexto estão intimamente ligados. Indissociáveis um do outro. Segundo Martin e White (2005, p.7), “*a LSF funciona como uma lente para direcionar as diversas noções de significados*”. (NASCIMENTO; NININ, 2016, p. 9-10)

A ideia é pensar a língua e o seu entorno, isto é, seu contexto que afeta diretamente o que se diz e como se diz, já que, para os estudiosos da LSF, a linguagem é diretamente ligada a tudo que cerca seus falantes, pois atua em todas as esferas da vida em sociedade.

Toda forma de expressão é resultado de uma escolha entre várias possibilidades da linguagem. De acordo com o que se quer dizer, usa-se uma ou outra forma para dar força à persuasão a fim de que o leitor sinta-se convencido a respeito do que se diz. É uma tática do *como dizer*. Essas escolhas são resultado do conhecimento que o sujeito carrega em si [...], a Linguística Sistêmico-Funcional é usada como uma ferramenta para a interpretação dessas escolhas. (NASCIMENTO; NININ, 2016, p. 9-10)

Assim, o ator social tem certa autonomia para discorrer, pois é ele quem decide, por meio de seu conhecimento de mundo, como se articular para se posicionar socialmente em seus discursos, escolhendo formas de falar sobre algo. A LSF traz meios para que possamos estudar e analisar estas escolhas usadas pelos falantes e interpretá-las conforme seu contexto.

Sob a perspectiva hallidayana, a linguagem não se resume a um conjunto de regras e, tampouco, reduz-se a uma representação do pensamento humano, uma vez que adquiriu, com o desenvolvimento dos estudos teóricos da linguística, o estatuto de um sistema de construção de significados. Desse modo, a linguagem é considerada

como o lugar de socialização, pois é por ela que interagimos com o outro. É nessa realização de papéis interativos, no diálogo entre indivíduos, que significados são construídos e reconstruídos. (NICHELE; CABRAL, 2011, p. 9)

Na abordagem funcionalista, a língua em uso é analisada em sua interação, observando-se os fatores culturais e sociais. Logo, a linguagem nos une socialmente, já que é por ela que nos comunicamos e interagimos. É nessa interação que acabamos construindo significados criando, dessa forma, nossa cultura social que está sempre em movimento, modificando-se.

Segundo Halliday (2009), os princípios que definem o sistema na LSF são: realização, organização metafuncional, organização paradigmática dos sistemas, organização sintagmática das estruturas e a instanciação.

A **realização** “envolve ativação e construção de padrões linguísticos entre estratos” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018). Nos níveis de estratificação da linguagem produzida em um enunciado temos: ideologia (nos discursos), contexto cultural (em que se abarcam os gêneros), contexto situacional (em que se tem os registros imediatos do discurso), semântico-pragmática, a léxico-gramática e a fonologia e grafologia.

Gráfico 3 – Níveis de Estratificação

Fonte: GONÇALVES-SEGUNDO, 2018.

Uma ideia fundamental nos estudos de LSF é que qualquer texto estará envolvido em um contexto. Este contexto se divide em dois: contexto cultural e contexto situacional.

O contexto cultural envolve as práticas culturais e sociais, que são práticas mais amplas e estáveis, partilhadas ao longo do tempo na sociedade e são carregadas de valores, ideologias e crenças. O contexto situacional “é o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando” (FUZER, 2014, p. 27).

Nessa noção, encontram-se três variáveis (campo, relações e modo) e essas variáveis estão ligadas a **organização metafuncional**, isto é, três metafunções que relacionam os modos de uso da linguagem (ideacional, interpessoal e textual). As metafunções podem ser estudadas em qualquer nível de estratificação da linguagem. A saber: a metafunção ideacional são os modos de o indivíduo, por meio da oração, experienciar o mundo exterior ou seu mundo interior; a metafunção textual diz respeito à organização do texto pela hierarquia de informações; a metafunção interpessoal se relaciona com o modo de interação nas negociações em relações sociais.

Aqui, vamos tratar da metafunção interpessoal, que se relaciona aos discursos no que tange às avaliações de acontecimentos e comprometimentos assumidos em dados episódios,

aos estilos em que os gênero discursivos se destacam nas interações e nas relações sociais entre os participantes do discurso.

A LSF preconiza que as relações linguísticas se efetuam em dois eixos: o **paradigmático** e o **sintagmático**. O primeiro é responsável pela configuração da língua em sistemas de opções, organizados pelo princípio da *delicadeza* ou *refinamento* (*delicacy*), ao passo que o segundo modela a língua em estruturas, organizadas a partir de níveis (*ranks*). Entretanto, é o caráter paradigmático, ou seja, sistêmico que permite a atribuição de valor – ou seja, de significado – à estrutura. (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014, p. 1291 – grifo nosso)

Assim, é possível pensar no eixo paradigmático (**organização paradigmática dos sistemas**) como responsável pelas alternativas de uso da língua e no eixo sintagmático (**organização sintagmática das estruturas**) como responsável pelas estruturas como formas de combinação, do qual se atribui valor por meio do caráter paradigmático.

Conforme afirma Gonçalves-Segundo (2014), na **instanciação** há uma escala de generalização que diz respeito à configuração de padrões probabilísticos de recursos linguísticos que medeiam a relação contínua e dicotômica entre língua como potencial – sistema –, de um lado, e língua como instância – texto –, de outro.

A noção de instanciação é de extrema importância para que se compreenda a relação entre avaliatividade (no nível do sistema) e avaliação (no nível do texto), isto é, a instanciação é a manifestação do sistema linguístico no texto, o que deve, da mesma forma, ser interpretado como um processo dialético, dado ao fato de que a instanciação se manifesta, constrói e reconstrói os potenciais de significado de determinada cultura. (VIAN JR., 2009, p. 109)

Dessa forma, observamos como se dá a LSF e como esta teoria aborda o estudo dos discursos. Assim, Gonçalves-Segundo acrescenta:

Nesse sentido, a teoria busca entender a língua tanto na sua realidade externa – como um sistema que refrata as demandas da ação social humana, respondendo a elas pelos ajustes sistêmicos paulatinos necessários para a viabilização dos processos de significação pretendidos pelos atores sociais – quanto na sua realidade interna – buscando examinar a estruturação linguística em termos de seu caráter estratificado, de sua organização metafuncional, de sua estruturação paradigmática e sintagmática e da sua configuração em termos da escala de instanciação. (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014, p. 1287)

O sistema de Avaliatividade está ligada à metafunção interpessoal e trata-se de um sistema semântico-discursivo relativo a alternativas paradigmáticas e as estruturas sintagmáticas que constroem os textos.

A abordagem centra-se, fundamentalmente, nos modos de construção linguístico-discursivos da presença subjetiva de escritores ou falantes em relação

tanto às representações engendradas quanto aos outros atores sociais com quem interagem em dado evento discursivo. (GONÇALVES-SEGUNDO, 2011, p. 169)

É por meio do sistema de Avaliatividade que aprofundamos nossas análises, pois, assim, temos uma visão mais completa da construção dos discursos dos youtubers.

Logo, manifestamos por meio da linguagem nossas ideias e conhecimentos, além de organizarmos o pensamento para explicar, aprovar ou desaprovar determinado assunto. Assim, os elementos léxico-gramaticais nos mostram as avaliações possíveis em um texto.

A valoração [sistema de avaliatividade] apresenta técnicas para analisar, de forma sistemática, como a avaliação e a perspectiva operam em textos completos e em grupos de textos de qualquer registro. A abordagem está interessada nas funções sociais desses recursos, não simplesmente como formas através das quais falantes/escritores individuais expressam seus sentimentos e posições, mas como meios que permitem que os indivíduos adotem posições de valor determinadas socialmente, e assim se filiem, ou se distanciem, das comunidades de interesse associadas ao contexto comunicacional em questão. (WHITE, 2004, p. 177)

Dessa maneira, o sistema de Avaliatividade traz categorias de análise que nos auxiliam no estudo do léxico e, conseqüentemente, de seu papel na construção do discurso, juntamente com seu contexto social.

3.2 Sistema de Avaliatividade

O sistema de Avaliatividade, que faz parte da função interpessoal, mostra-nos como, por meio das palavras, podemos entender melhor e analisar mais a fundo as características dos discursos e como estes influenciam seus ouvintes.

Segundo Martin e White (2005, p. 01), a abordagem da Valoração concerne ao “interpessoal na linguagem, à presença subjetiva de escritores/falantes nos textos ao adotarem um posicionamento diante tanto do material que apresentam quanto daqueles com quem eles se comunicam”. Desse modo, trata-se de uma teoria que se apoia na proposta gramatical da Linguística Sistemico-Funcional de Halliday (2004), que concebe a função interpessoal como o componente por meio do qual o indivíduo expressa tanto seus posicionamentos e julgamentos quanto procura influenciar o comportamento e as atitudes dos outros, na medida em que, por ela, são instanciadas as relações pessoais e sociais dos participantes dos eventos discursivos, tanto no aspecto de sua configuração identitária como da sua relação com os outros atores sociais envolvidos na interação. (MELO, 2012, p. 211)

Ao participar de uma rede de comunicação, o ator social pode tomar posições e opinar expondo seus julgamentos, sentimentos e apreciações sobre um assunto ou contexto, avaliando algo em seus discursos.

Segundo Alves e Cabral (2011), os autores do sistema de Avaliatividade são Jim Martin & Peter White. Este sistema foi desenvolvido dentro da gramática sistêmico-funcional hallidayana em que se encontra um modelo de multiperspectivas que ajuda os analistas na interpretação da linguagem em uso. Assim, para os autores, é necessário que se analise a relação dos elementos do qual o texto é composto. Logo, não devem ser analisados isoladamente. Dessa maneira, pode-se considerar os recursos lexicais para interpretar, por exemplo, o julgamento de comportamentos sociais.

Essas avaliações podem ser positivas ou negativas, diretas ou indiretas e o ator social pode se envolver mais ou menos no discurso. Todas essas variáveis implicarão as relações entre os indivíduos.

Para Vian Jr. (2009), a forma como a pessoa que produz o texto oral ou escrito mostra seu posicionamento com relação ao seu leitor ou interlocutor, como julga o mundo por meio do texto que produziu, apresenta suas avaliações. E essas avaliações, utilizando termos léxico-gramaticais, evidenciam atitudes e sentimentos em relação ao que se avalia.

Por meio do sistema de Avaliatividade, pretendemos identificar as avaliações presentes na construção dos textos feitas pelas youtubers com relação aos relacionamentos abusivos.

A relação entre linguagem e contexto e as possibilidades de avaliações que podem ser feitas pelos usuários nos contextos em que interagem faz emergir o Sistema de Avaliatividade como um sistema de recursos interpessoais à disposição do produtor de textos para que se posicione em relação ao que expressa. É aqui a palavra SISTEMA é de suma importância, não se tratando de uma teoria, mas um conjunto, um sistema de opções em nível semântico discursivo à disposição dos usuários que, no nível léxico-gramatical, será instanciado em um texto pelos mecanismos linguísticos de avaliação dos quais a língua dispõe. Estamos falando, portanto, de atitudes, ou seja, a posição que assumimos perante algo ao avaliarmos o mundo que nos rodeia, mesmo que, em muitos casos, façamos avaliações em determinadas situações em que expressamos atitudes que possam parecer, a nós, como corriqueiras ou inofensivas, mas que podem magoar, ofender, ferir nosso interlocutor. (VIAN JR., 2009, p. 107-8)

Dessa forma, entendemos que o sistema de Avaliatividade traz elementos valiosos para nossa análise, já que considera a língua viva e seu contexto na sociedade para poder avaliar sentimentos, julgamentos, apreciações e o grau de comprometimento ou distanciamento que o interlocutor tem com relação ao seu texto.

Trataremos do sistema de Avaliatividade segundo Martin & White que a divide em três categorias: **atitude**, **engajamento** e **gradação**, mas focamos em nossos estudos na categoria Atitude que nos traz mais elementos para que possamos observar a construção dos

discursos e como a mulher e o homem são representados nos textos. A Gradação auxilia para mostrar uma ênfase maior ou menor nas Atitudes.

Para Melo (2012), Martin & White propõem essas categorias semântico-discursivas que regulam o interpessoal nas interações marcando com mais ou menos intensidade relações de poder e/ou solidariedade entre as pessoas que participam de um discurso, isto é, de uma prática discursiva.

Martin & White (2005, p. 35) nos explicam melhor do que trata cada uma dessas categorias:

A **Atitude** se interessa pelos nossos sentimentos, incluindo reações emocionais, julgamentos de comportamento e avaliação das coisas. O **Engajamento** lida com as fontes e o jogo de vozes em torno de opiniões no discurso. A **Gradação** atende a classificação de fenômenos em que os sentimentos são amplificados e as categorias são desfocadas.²² [Tradução nossa.]

Podemos, então, classificar essas categorias basicamente da seguinte forma:

Esquema 1 – Sistema de Avaliatividade (Valoração)

Fonte: GONÇALVES-SEGUNDO, 2011, p. 269.

²² **Attitude** is concerned with our feelings, including emotional reactions, judgements of behaviour and evaluation of things. **Engagement** deals with sourcing attitudes and the play of voices around opinions in discourse. **Graduation** attends to grading phenomena whereby feelings are amplified and categories blurred.

3.2.1 Atitude

A Atitude é cultural. Avalia os comportamentos, o valor social, o campo estético e as emoções; envolve processos avaliativos do campo da emoção, ética e estética.

O subsistema **Atitude** envolve os **afetos**, isto é, sentimentos, emoções; com **juízos** de comportamentos e **apreciações**, que é um conjunto de opiniões para coisas de acordo com sua estética.

A Atitude divide-se basicamente em:

- *Afeto* – são valores emocionais como felicidade/infelicidade, segurança/insegurança, satisfação/insatisfação;
- *Juízo* – é cultural e ideológico. São nossas posições com relação ao comportamento humano. Caracteriza aspectos positivos e negativos. Divide-se entre sanção social e estima social:
 - sanção social: é baseada na cultura da escrituralidade. Envolve avaliações em geral codificadas em leis e regulamentações de como se comportar corretamente de acordo com instituições como a igreja ou o estado. São as avaliações feitas por meio, por exemplo, de decretos, leis em que se relaciona com as obrigações e valores da sociedade e se divide em: honestidade/desonestidade, propriedade (ser ético ou antiético);
 - estima social: baseia-se na esfera do cotidiano, pois atua sobre os valores partilhados pela sociedade no convívio que mostrem, por exemplo, desprezo, admiração. Aborda o comportamento do indivíduo de acordo com sua: normalidade/anormalidade, capacidade/incapacidade, tenacidade/ falta de tenacidade.
- *Apreciação* – são as avaliações do campo estético e valor social. Avalia os produtos materiais. Divide-se em: reação (impacto ou qualidade), composição (equilíbrio ou complexidade) e valor social. Segundo Rodrigues e Cabral (2010), a apreciação é onde ocorrem as avaliações de produtos e processos. Assim, os valores estão relacionados à estética de objetos e entidades, podendo se referir à forma, à aparência, à construção e à apresentação. A apreciação pode

ser positiva ou negativa, explícita ou implícita e também pode apresentar intensidade alta ou baixa.

Além dos tipos de atitude, temos também a *polaridade*, que pode ser positiva ou negativa; a *voz* que pode se autoral ou não autoral, e a *manifestação*, que pode ser inscrita (atitude explicitamente textualizada) ou invocada (atitude implícita).

Para visualizar melhor, segue um esquema das categorias da Atitude:

Esquema 2 – Atitude

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

3.2.2 Engajamento

O Engajamento mostra o posicionamento intersubjetivo de uma concepção da realidade em face de outras concepções de realidade. Nele, podemos observar as teorias de Bakhtin sobre o dialogismo em que diz o enunciado ser sempre responsivo (responde a outros enunciados anteriores e se antecipa a outros que serão ditos). É uma relação de tensão.

Para que compreendamos como os significados são realizados do ponto de vista linguístico, é necessário que partamos do pressuposto de que toda interação verbal é dialógica, porque em toda e qualquer produção verbal cotidiana, seja oral ou escrita, revela-se a assunção de um leitor ou ouvinte: interagimos em função do, para e com o outro. O princípio dialógico de Bakhtin acentua exatamente a natureza contextual da interação, bem como o aspecto sociocultural dos contextos em que as interações são realizadas. O dialogismo, assim, torna-se o ponto de partida para que se encaminhe a discussão sobre a relação entre dialogia e avaliação. (VIAN JR., 2009, p.105)

Na categoria engajamento, há a proposta de recursos linguísticos que vão proporcionar o encadeamento do que foi dito e do que será dito. Mostra-nos o grau de comprometimento e a proximidade ou o distanciamento em opiniões e vozes no discurso.

A explicação da funcionalidade intersubjetiva desses valores de Engajamento é baseada na influente noção bakhtiniana de dialogismo e heteroglossia, segundo a qual toda forma de comunicação verbal, seja ela escrita ou falada, é ‘dialógica’ na medida em que falar ou escrever significa referir-se a, ou retomar de alguma forma, o que já foi dito/escrito, e simultaneamente antecipar as respostas de leitores/ouvintes reais, potenciais ou imaginados. (WHITE, 2004, p. 184)

O engajamento se divide em:

- *monoglossia* que consiste na simulação da inexistência da heterogeneidade de vozes, como se fossem discursos verdadeiros e aceitos por todos em que há um máximo comprometimento;
- *heteroglossia* em que o enunciado se relaciona com outras vozes por uma ativação linguística.

Os discursos heteroglóssicos são constituídos por vozes que podem contrair ou expandir o espaço dialógico do texto. Na contração dialógica, o autor restringe a interação com outras vozes, revelando um maior grau de comprometimento com o que é dito. Já na expansão dialógica, o falante/escritor apresenta o tema como uma questão aberta, sinalizando que sua posição é uma alternativa entre outras, ampliando a sua perspectiva e interagindo com outras vozes. Nesse sentido, há um menor grau de comprometimento com o que é afirmado no texto. (PINTON; PEREIRA, 2017, p. 271)

Logo, no discurso heteroglóssico pode haver uma expansão dialógica ou uma contração dialógica:

- **expansão dialógica**: uma gama de recursos que abre espaço para outras vozes sem que haja rejeição total ou parcial dessa “perspectiva” e podendo ser um discurso com ponderação ou atribuição. Divide-se em:

- ponderação: assinala-se que há outras possibilidades de visualizar a realidade, apesar de ter preferências, não desencoraja as outras visões que também podem ser válidas, podendo mostrar probabilidades ou evidências.
- atribuição: traz para o texto outras vozes, mostrando concepções de realidade, dessa forma reconhece essas concepções dadas, mas não se posiciona, mas também a voz autoral pode se distanciar do que foi dito, não validando e nem assumindo o conteúdo exposto.
- **contração dialógica**: abre outra voz, com o apoio discursivo por meio de outras vozes na heteroglossia que pode ser rejeitada parcial ou totalmente, havendo refutação ou declaração. Divide-se em:
 - contraposição: a voz autoral refuta totalmente uma dada concepção da realidade, podendo negá-la ou utilizar da contraexpectativa em que a expectativa de que algo se efetive é bloqueada.
 - proposição: a voz autoral desestimula outras construções de realidade, podendo haver: expectativa confirmada em que se ratifica o conteúdo apresentado, pronunciamento em que se pode mostrar que há divergências nas visões da mesma realidade, mas se enfatiza seu posicionamento e o endosso em que o discurso já é construído como correto e inquestionável.

3.2.3 Gradação

É a intensificação ou não das expressões com seus significados na Atitude e no Engajamento. É um recurso de comprometimento – quantificar, intensificar, prototipificar e opera em:

- *foco*: comprometimento do autor de acordo com a prototipicalidade aplicada às categorias;
- *força*: quantificação e intensificação de categorias. Há escalaridade: maximização e minimização.

Não nos detivemos nas explicações sobre Engajamento, pois em nossa análise optamos por utilizar a categoria Atitude e suas subcategorias: afeto, julgamento e apreciação, juntamente com a categoria Gradação. Acreditamos ser mais profícuo para nossa dissertação seguir essa perspectiva de análise. Por meio de nossos estudos, observamos não ser muito proveitosa a análise do Engajamento, pois, mesmo que em níveis diferentes, todas as youtubers se comprometem com o texto, tendo mais ou menos o mesmo comportamento. Também predomina a contração dialógica nos discursos, pois elas não dão espaço para opiniões divergentes de suas exposições.

3.3 Narrativa de vida

A narrativa de vida é um gênero discursivo que, como Ida Lucia Machado (2015) diz, é uma das novas materialidades discursivas, e tem como base a antropologia e a sociologia. Ainda completa:

[...] é um curioso gênero que circula nas Ciências Sociais e da linguagem e explico que ela surgiu como metodologia entre 1918 e 1920, em uma densa obra organizada por dois sociólogos da Escola de Chicago (Thomas e Znaniecki), na qual é analisada a situação de integração ou não integração de imigrantes poloneses fora de seu país. Na perspectiva de uma abordagem que reúne a sociologia e a etnografia, o pesquisador Daniel Bertaux introduz esse tema de pesquisa na França, em 1970. A partir daí, a narrativa de vida ganha diferentes apelações: história de vida, narrativa de si mesmo, autobiografia. (MACHADO, 2012, p. 200)

Assim, a narrativa de vida é um gênero que surgiu como metodologia por meio dos estudos mencionados anteriormente e acabou ganhando outros contornos com o tempo. Este gênero trata do ato de contar uma história pessoal em que há estratégias que prendem seus interlocutores de forma que eles possam se sensibilizar com aquele discurso.

Narrar é uma atividade própria da natureza humana, mais do que um simples procedimento de organização textual. Por isso, a faculdade de narrar tem uma dimensão antropológica essencial, constituindo a natureza do *homo narrans* [...]. A atividade de configuração narrativa não é, assim, uma mera estratégia de textualização, mas uma atividade humana essencial a variadas instituições sociais e discursivas. (EMEDIATO, 2016, p. 396-7)

Narrativas são essenciais nas práticas sociais, pois nos apresentam fatos relatados no passado carregados de ideologias, avaliações, crenças. Estes podem ser reafirmados como aceitos pela sociedade ou podem ser rechaçados por quem os ouve/lê que, com sua bagagem

de vida, reavaliará segundo suas percepções da realidade, dessa forma, interagindo nas relações interpessoais.

Optamos por chamar tal tipo de ações languageiras pelo sintagma Narrativa de vida ou Narrativa de si: o ato de contar uma história, seja em ocasiões informais (roda de amigos, festas familiares, etc.), seja em ocasiões mais formais (reuniões de trabalho, discursos em campanhas políticas, entrevistas, etc.) exige do narrador uma dose de estratégias de captação bem como a habilidade para a criação de estratégias de cumplicidade que serão dirigidas ao seu eventual auditório. (MACHADO, 2013, p. 2-3)

Logo, este gênero apresenta as emoções de quem narra sua própria história e demonstra seus sentimentos. Faz com que quem o ouve seja tocado pela veracidade das palavras, por saber serem acontecimentos reais, podendo se considerar uma estratégia de persuasão poderosa para influenciar as pessoas que se identificam com os relatos.

As narrativas contam histórias, mas fazem mais que isso: elas detêm uma maneira de persuasão poderosa e que pode ser mais forte que a de muitas argumentações lógicas. O contador de histórias tem uma visada narrativa destinada ao seu receptor, visada esta que é sempre ou quase sempre impregnada de mistério, de encantamento ou mesmo de sortilégios.

No domínio da análise do discurso sabe-se que nenhum ato de linguagem é aleatório e todos contêm um fim comunicativo preciso. No caso das narrativas, suas visadas buscam também influenciar os sujeitos-receptores, sua maneira de pensar ou de aceitar determinado relato; assim agindo, elas vão levar tais sujeitos – leitores ou ouvintes – um pouco hipnotizados, a aceitar as estratégias que elas contêm. (MACHADO, 2015, p. 97)

No caso dos vídeos da youtubers que analisaremos, observamos de forma clara estas estratégias de narrar acontecimentos reais vividos por elas mesmas ou por pessoas próximas e mostrar as consequências dependendo da forma de agir em tais situações. Machado (2015, p. 98) ainda diz que as narrativas de vida são:

[...] atos de linguagem construídos por certos narradores que têm como objetivo primeiro o de alinhar diferentes partes de suas vidas em uma tentativa de formar um todo mais ou menos coerente, que possa ser transmitido a alguém; e, como objetivo segundo, todo um leque de opções, conforme os diferentes casos: narrar sua vida para realizar um balanço dos acontecimentos de uma existência e verificar se ela valeu ou não a pena; justificar alguma ação cometida que ainda cause remorsos no sujeito-comunicante ou autor da narrativa; desabafar; dar um exemplo de conduta para a posteridade, etc.

Assim, as mulheres desabafam sobre um assunto que, apesar de ser comum em nossa sociedade, era pouco abordado e discutido até há pouco tempo atrás, cabendo às pessoas que sofriam em seus relacionamentos abusivos, muitas vezes, se calarem diante da impotência em saber que aqueles atos podiam ser tratados como normais e que, se ocorriam, elas podiam ser

consideradas as culpadas. A partir do momento em que as mulheres começaram a ter a percepção de que aquelas situações em seus relacionamentos não eram normais e que a culpa não era delas, resolvem se comunicar com outras pessoas nas redes sociais. Pela internet, começam a dar seus exemplos de conduta para a posteridade com suas narrativas de vida, fazendo a população repensar de alguma forma nossa cultura equivocada de que quem tem culpa é quem sofre.

Torres (2016) afirma que o gênero narrativa de vida é todo discurso que tem por objetivo contar sobre a vida de alguém que existe ou já existiu, podendo ou não ser o próprio narrador. E o objeto da narrativa de vida é a história de vida do sujeito, com suas lembranças, sentimentos, documentos pessoais, isto é, envolvendo não só os acontecimentos, mas também suas relações interpessoais, ideologias, crenças e valores. A autora ainda completa:

Nesse sentido, podemos pensar que, em vez da totalidade da vida, a narrativa de vida apresentaria, por ser uma produção discursiva – e, portanto, socialmente localizada – uma versão possível da vida. (TORRES, 2016, p. 34)

Logo, ela vai contemplar o ponto de vista, isto é, uma forma de enxergar a vida a partir dos relatos e da bagagem de vida do sujeito, que é o personagem objeto da narrativa. Segundo Machado (2016), é por meio da memória que será concebida uma narrativa. Esta memória é carregada de vozes que se conjugam e expressam os acontecimentos vividos pelo sujeito, juntando informações e criando imaginários que serão refletidos pelo discurso.

De forma geral, o espaço social e as práticas sociais são elementos determinantes para o desenvolvimento do imaginário. Em outras palavras, o indivíduo é influenciado pelas ideias que recebe por meio das vozes de outros, daqueles com quem convive, desde sua mais tenra idade. Aos poucos, a criança se socializa por meio dessas vozes que a envolvem e que se juntam aos seus pensamentos, a sua maneira de conceber ou de perceber seu meio ambiente. (MACHADO, 2016, p. 122)

Dessa maneira, o indivíduo é influenciado diretamente pelo ambiente externo e pelas pessoas de seu convívio desde criança, sendo às vezes difícil distinguir “representações que pertencem ao racional e as que pertencem ao simbólico, pois este engendra aquele, com frequência” (MACHADO, 2016, p. 124).

Nesse sentido, o que se diz de um homem, as narrativas de seus feitos realizados, constrói o seu caráter presente e futuro pela força das qualificações do passado. Portanto, é a atividade narrativa que se ocupa de ligar a pessoa a seus atos atribuindo-lhe o mérito ou podendo servir, por outro lado, para mostrar sua mudança e sua incoerência. (EMEDIATO, 2016, p. 383)

Voltando a afirmação de Emediato para nosso *corpus*, as narrativas das youtubers analisadas apontam situações vividas por elas ou por pessoas próximas, mostrando mudanças na forma de pensar. Podemos ver isso quando narram atos abusivos nos relacionamentos relatados, mostrando para seus espectadores como aquilo era errado e, com uma mudança na forma de entender a realidade, aponta como viver em um relacionamento abusivo não pode ser naturalizado como algo normal. Assim, as narrativas de vida podem desconstruir “crendices populares” que vêm sendo reproduzidas ao longo dos anos por meio do discurso da vida de pessoas carregado de sentimentos e reivindicações, fazendo quem os lê ou ouve repensar nossa cultura.

Neste capítulo, tratamos das categorias de análise, isto é, o sistema de Avaliatividade e as narrativas de vida que serão utilizadas no próximo capítulo, para podermos observar nosso *corpus* e analisar as construções de seus discursos.

4 NARRATIVAS DE VIDA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE AVALIATIVA

Faremos uma análise qualitativa mostrando a construção semântico-discursiva ativada pela seleção léxico-gramatical, tomando como base o sistema de Avaliatividade. Dessa forma, pretendemos observar os padrões de atitude que permeiam esses vídeos, bem como, em segundo plano, as modalizações instanciadas na construção dessas narrativas de vida.

Nosso *corpus* consiste em seis vídeos que foram alguns dos mais visualizados que tratam de relacionamentos abusivos. Eles foram postados entre 2015 e 2018 no YouTube por youtubers com mais de 100 mil seguidores.

As seis youtubers do qual analisaremos os vídeos vivem nas principais capitais do país, têm entre 20 e 30 anos e são de classe média. São elas: Ana de Cesaro é de Porto Alegre-RS e mora no Rio de Janeiro, estudou Música, mas não concluiu e publicou o livro *Tá, e daí?: a vida por mim* (2015) pela Astral Cultural; Jout Jout é de Niterói-RJ e mora atualmente em São Paulo, é formada em Jornalismo e publicou o livro *Tá todo mundo mal* (2016) pela Companhia das Letras; Isabela de Freitas é de Juiz de Fora-MG e também mora em São Paulo, cursou Direito, também não concluiu, e publicou os livros *Não se apegue, não* (2014), *Não se iluda, não* (2015) e *Não se enrola, não* (2016) pela Intrínseca; Mari Morena mora no Rio de Janeiro, é formada em Gestão Ambiental e conta com loja on-line de produtos de beleza para o cabelo e um blog; Karyna Rangel é do Rio de Janeiro e mora em São Paulo, é atriz e conta com as redes sociais e o YouTube para recitar suas histórias, além de falar de sua vida; Thays Lessa é de Fortaleza e mora em São Paulo com o marido, é fotógrafa, cursou Publicidade e Propaganda, tem um blog e uma loja on-line onde vende dois e-books seus: *Vencendo a comparação* e *30 dias de gratidão*.

Os vídeos que serão analisados são:

1. “Não tira o batom vermelho”, postado em 26 fev. 2015 (mais de 3 milhões e meio de visualizações), de Jout Jout (JJ) do canal Jout Jout Prazer que conta com mais de 2 milhões e 100 mil inscritos;²³
2. “Se valoriza mulher”, postado em 2 mar. 2015 (mais de 101 mil visualizações), de Ana de Cesaro (AC) do canal Ana que conta com mais de 136 mil inscritos;²⁴

²³ Ver página 111.

²⁴ Ver página 115.

3. “Relacionamento abusivo”, postado em 20 mar. 2016 (145 mil visualizações), de Isabela Freitas (IF) do canal com o seu nome que conta com mais de 757 mil inscritos;²⁵
4. “Relacionamento Abusivo e Violência Doméstica: Minha História”, postado em 8 mar. 2017 (mais de 268 mil visualizações), de Mariana Morena (MM) do canal Mari Morena que conta com mais de 306 mil inscritos;²⁶
5. “Amiga, seu relacionamento é abusivo!”, postado em 30 jun. 2017 (mais de 311 mil visualizações), de Karyna Rangel (KR) do canal com o seu nome que conta com mais de 1,5 milhão de inscritos;²⁷
6. “Vamos falar sobre relacionamento abusivo?”, postado em 15 jun. 2018 (mais de 124 mil visualizações), de Thays Lessa (TL) do canal com o seu nome que conta com mais de 550 mil inscritos.²⁸

Para que se tenha melhor organização, optamos por separar os trechos e suas respectivas análises pelas suas semelhanças conjuntamente a suas subcategorias avaliativas, já que o sistema de Avaliatividade foi escolhido para fundamentar a análise linguístico-discursiva dos vídeos. Desse modo, vamos mostrar as muitas semelhanças em trechos desses seis vídeos escolhidos.

Este capítulo apresenta, além da análise discursiva por meio das categorias e subcategorias avaliativas, as semelhanças em suas narrativas de vida, como apresentado no capítulo anterior em que explanamos sobre as categorias de análise que utilizamos aqui.

Separamos as análises da seguinte forma: A capacidade na situação de abuso; A tenacidade na situação de abuso; A normalidade na situação de abuso; Os afetos na situação de abuso; O valor na situação de abuso; A propriedade no abusador.

4.1 A capacidade na situação de abuso

Em todos os casos selecionados a seguir encontramos o julgamento de estima social em que a pessoa abusada é construída como não tendo a capacidade de perceber que está em um relacionamento abusivo. Esta subcategoria do sistema de Avaliatividade é uma das que

²⁵ Ver página 119.

²⁶ Ver página 124.

²⁷ Ver página 130.

²⁸ Ver página 134.

mais aparece nos vídeos, mostrando-nos como a pessoa representada em situação de abuso, muitas vezes, não tem capacidade de sair da relação, tornando-se uma pessoa fragilizada e dependente do abusador.

- (1) eu **comecei a acreditar que eu era uma merda...** (AC – linha 32)
- (2) e aí chega aquele momento em que o sujeito depois de te ter esculachado... esculhambado... termina com você e aí você fala... oh:: não... **a gente terminou por minha causa... eu fiz tudo errado... eu não merecia o amor dele que era imenso...** (JJ – linhas 43-6)
- (3) parece que a gente sofre uma **lavagem cerebral... você começa a ficar louca... e você não quer escutar conselho de ninguém...você acha que as pessoas tem... sei lá... inveja do seu relacionamento...** as pessoas não te entendem... **principalmente acha que as pessoas não entendem a pessoa que você tá se relacionando ...** (IF – linhas 26-30)
- (4) e de todas essas amigas... **foi muito raro uma amiga que ouviu de fato o que eu tava querendo dizer** quando eu disse pra ela ‘amiga você está em um relacionamento abusivo porque’... [...] eu falei pra ela ‘cara... você não percebe que ele te xinga o tempo todo que ele te põe pra baixo tempo todo que ele fala bem de mim falar mal de você sendo que você é a namorada dele... você não percebe que você tá num relacionamento muito abusivo’ e ela falou pra mim ‘**ai amiga... é que eu sou pisciana... se ele me tratar bem eu vou tratar ele mal então ele tem que me tratar mal pra eu tratar ele bem**’ (KR – linhas 56-63)
- (5) eu realmente **acreditava que nenhuma outra pessoa poderia me amar se não fosse aquela pessoa... era como se eu sentisse e acreditasse que aquela outra pessoa ela tava fazendo um favor por namorar comigo** e o que não é verdade... (TL – linhas 60-2)
- (6) eu acho que quando a gente tá num relacionamento abusivo a gente fica muito cega e **a gente acha que as coisas só são dessa forma** só que não é assim... não é pra ser assim... (MM – linhas 150-2)

Há uma subtração da capacidade, a mulher representada introjeta que é incapaz de agir conforme acha ser certo, já que assume o discurso do homem que a desqualifica como sendo seu discurso também. Assim, perde, consequentemente, a tenacidade em relação a sua própria vida, pois não tem iniciativa para sair do relacionamento abusivo e reconhecer que o discurso do abusador não é válido.

Devemos deixar claro que a mulher não é a culpada por não ter competência, por não ter a capacidade para concluir que está vivendo um relacionamento abusivo. O discurso do homem, que é subtrativo, é incorporado pela mulher e se torna traço identitário dessa mulher em situação de abuso.

Como já abordamos no capítulo 1, nossa estrutura social patriarcal nos faz acreditar que é normal o homem ter certas atitudes e vantagens com relação às mulheres. Hoje, cada vez mais elas reivindicam seus direitos e tentam acabar com a cultura machista que existe em nossa sociedade. Por meio da fala, as mulheres começaram a se mostrar, a se reconhecer umas

nas outras, e a exigir respeito. Logo, mostrar essa falta de capacidade faz os espectadores se reconhecerem nos vídeos e inferirem, dessa forma, que podem estar vivendo um relacionamento abusivo.

A mulher representada se sente insuportável, indesejada, não consegue enxergar a si mesma, e perde sua autoestima. Podemos concluir isso, por exemplo, no trecho 1, em que Ana de Cesaro diz que acreditava ser uma ‘merda’. Assim, ela se constrói como vulnerável, pois precisa do outro para validar suas atitudes. Quando diz se sentir uma ‘merda’ se desumaniza, colocando-se como algo que é produzido como resíduo, que deve ser jogado fora. Dessa forma, ela tenta representar exatamente seu sentimento consigo mesma naquela situação, como algo que deve ser rejeitado, pois não serve para mais nada.

A pessoa em situação de abuso não consegue perceber que não está errada, que não é culpada pelos atos do abusador. Por meio da estrutura social em que vivemos, ela assume o mesmo discurso da sociedade como sendo o dela. Assim, ela se reconhece como “a errada” em qualquer situação. Isso ocorre no trecho 2, em que nem chega a questionar as atitudes do homem. A mulher representada se culpa pelo término, como se, quando estava no relacionamento, tudo de errado fosse culpa dela – ou seja, ela se constrói como incapaz de se comportar de maneira adequada para manter um relacionamento saudável. Acredita no homem como um ser bom que a aguentou, apesar de ela ser a errada e ainda acha que não era merecedora do amor dele. Desse modo, ela não tem competência para perceber a situação em que se encontra. Distorce toda a relação abusiva sofrida como se ele tivesse aguentado o quanto pôde todos os erros que eram só dela.

Não é capaz de ouvir as pessoas ao seu redor que percebem que há algo errado e querem aconselhar (trecho 3). Não consegue ouvir ninguém que questione as atitudes do abusador. Essa “lavagem cerebral” é como o *gaslighting*, mencionado no capítulo 1, isto é, uma forma de abuso psicológico em que o abusador, de forma gradual, dá informações distorcidas, inventadas, fazendo com que a vítima comece a duvidar de sua memória, de si mesma. Logo, não é capaz de concluir que está sofrendo abuso e passa a acreditar apenas no que seu abusador diz, assim, a verdade dele passa ser a dela também. Trata-se de uma construção em que a mulher vítima de abuso se vê como incapaz de assumir uma postura de avaliação crítica sobre seu relacionamento, rejeitando os argumentos dos outros atores sociais, de forma que apenas a palavra do abusador se torna crível.

No trecho 4, por meio da narrativa de vida, a enunciativa mostra como é difícil a pessoa se reconhecer em um relacionamento abusivo e sair disso, pois apresenta o exemplo da própria amiga e uma justificativa infundada usada para explicar os abusos que sofria. Dessa

forma, sua explicação acaba colocando-a como culpada, novamente, dos abusos que sofre, já que, para ela, ele a trata mal por causa do signo, tirando, assim, a responsabilidade do abusador pelos seus atos. Logo, há a incapacidade de discernir a fonte dos seus problemas, isto é, o abusador e não o signo.

Thays Lessa (trecho 5) diz que também já viveu um relacionamento abusivo, assim, mostra que, da mesma forma que ela conseguiu depreender, isto é, ter a capacidade de ver que o que estava vivendo eram situações de abuso, conseguiu adquirir tenacidade e, conseqüentemente, sair daquela relação. Com esse relato, apresenta para seus espectadores que é possível mudar, acreditar em si mesma e sair de situações semelhantes. Ela narra o que já passou em sua vida, tem autoridade para falar sobre o assunto, pois viveu essa experiência. Thays Lessa usa seu passado, nega-o e questiona a incapacidade que tinha antes. No caso, uma incapacidade de conseguir um outro relacionamento, como se ela fosse inferior e também como se não pudesse estar sozinha. Toca no discurso de que a mulher não pode ser solteira, que tem que ter um homem ao seu lado, mais um traço do machismo. A youtuber também fala do “favor” que o abusador parecia estar fazendo por namorá-la. “Fazer um favor” é um ato de solidariedade que você faz a quem não está sendo capaz, por diversas razões, de fazer algo por conta própria. Assim, ela se apresenta como a pessoa que recebia algo do abusador e não era capaz de perceber que, na verdade, o que estava acontecendo não era favor, mas abuso.

No trecho 6, é narrada a pessoa em situação de abuso que não é capaz de perceber que sofrer em um relacionamento não é a única forma de se relacionar, não deveria ser o comum. Dessa forma, há uma incapacidade em conceber uma alternativa de vida que seja diferente e feliz.

Nesses relatos concluímos que as atitudes do homem não são questionadas quando a mulher representada está em situação de abuso, pelo contrário, é a própria pessoa abusada que se questiona e se culpa por estar sofrendo. Ela se constrói como incapaz e tal incapacidade é um impedimento para que ela consiga ‘sair’ do relacionamento, visto como importante para sua vida. Há o traço da “cultura” em nossa sociedade patriarcal que prega ser mais importante você estar em um relacionamento, mesmo que ele não seja bom, do que não estar. E, se há algum problema, a culpa é da mulher, que deve ser obediente e submissa ao homem, que é visto como o detentor de poder e sabedoria na sociedade.

4.2 A tenacidade na situação de abuso

Nos trechos a seguir, encontramos o julgamento de estima social em que se mostra a tenacidade ou a falta dela na pessoa em situação de abuso, pois esta deve ter obstinação, iniciativa para mudar de vida a partir do momento em que identifica algo de errado em seu relacionamento, o que nem sempre ocorre. Dessa forma, há uma busca nos vídeos em relatar situações de abuso para que a pessoa que possa estar vivenciando algo parecido se reconheça e adquira, a partir daí, a tenacidade necessária para sair do relacionamento.

- (1) o mais difícil talvez seja **você identificar que você tá num relacionamento abusivo**... às vezes você não percebe...mas ele grita com você...ele te chama de nomes que você não gosta? ele te faz você se sentir mal com a sua aparência... com seu corpo... com as roupas que você veste... ele te priva de alguma coisa? ele já te lançou aqueles olhares... tipo... quando a gente chegar em casa você vai ver... uma coisa dessa já é o início de um relacionamento abusivo... isso daí se **você permite que essa pequena coisinha aconteça**... ah:: “mas ele só fez isso... tá tudo bem”... **você permite**... (IF – linhas 84-90)
- (2) **quando eu tive coragem de terminar com esse cara**... tive coragem de mudar minha vida inteira... (AC – linhas 57-8)
- (3) percebam as pessoas que tem do lado de vocês se vocês ainda amam essa pessoa... se vocês querem tentar resolver isso... **a solução não é sempre pedindo desculpa e abaixando a cabeça... procura um psicólogo**... de verdade... um profissional por mais que vocês acham que isso não é necessário... se você se identificou com qualquer história dessa aqui... sim... isso é necessário (KR – linhas 66-70)
- (4) as pessoas estão falando “ei... esse menino não tá te fazendo bem não” ... você fala... **“lógico que tá... ele é ótimo... ele é super... ele... ele me ajuda em várias coisas... ele...”** entendeu? (JJ – linhas 48-50)
- (5) já que é normal eu **vou aceitar e não vou buscar algo diferente** no sentido de... ou mudar o meu relacionamento **ou realmente me... me questionar se esse relacionamento é o melhor para a minha situação** para a minha vida ou não... (TL – linhas 41-4)
- (6) eu **achei que eu tava em um relacionamento ótimo** que pra mim não tinha nada de errado... mas **na verdade tinham várias coisas que aconteciam e que eu só ignorava eu...** ou talvez **não queria enxergar** como abusivas... (MM – linhas 25-8)

No trecho 1, utiliza gradação de força (o mais difícil), o que dá um grau de importância maior, e o uso de “talvez”, “às vezes”, deixa o discurso menos enfático, apenas sugerindo situações para seus espectadores que podem estar em um relacionamento abusivo. Depois, elenca algumas ações do abusador para que se preste atenção, pois pode começar com pequenos atos de abuso e, com o tempo, esses atos tendem a ser piores e mais frequentes. Aqui, mostra o valor da tenacidade em não permitir que situações de abuso ocorram, não

importando se é algo que se considere pequeno, mas deve-se ter iniciativa de se manifestar contra atos que não lhe fazem bem e feliz.

Ana de Cesaro (trecho 2) aponta sua própria experiência de como é possível ter coragem e sair de um relacionamento abusivo, mesmo que a princípio pareça impossível. Relata como esse ato mudou sua vida, mostrando a importância de agir e não aceitar viver em situação de abuso. Logo, com sua narrativa de vida, mostra como é possível adquirir tenacidade para sair do relacionamento abusivo e como isso é importante na vida, pois faz a pessoa voltar a se sentir bem consigo mesma e ser feliz novamente.

Observamos também, no trecho 3, Karyna Rangel que, por meio de suas palavras, tenta incitar seus espectadores que possam estar vivenciando uma situação de abuso a reagirem. Sabendo o quanto é difícil para a pessoa sair do relacionamento, sugere que procure ajuda profissional se necessário, isto é, que tenha a tenacidade, a iniciativa para isso. Utiliza “de verdade” para enfatizar o que diz, reafirmando sua fala.

Em seu discurso, Jout Jout (trecho 4) simula uma pessoa em situação de abuso tentando apresentar algo que dê crédito ao abusador para que as pessoas a sua volta percebam que não há algo errado, mas ela não consegue, pois não há como justificar os abusos. Assim, não consegue apresentar situações condizentes com a defesa que faz do abusador. Ela sabe que há algo errado, mas ainda assim o defende. Dessa forma, há uma falta de tenacidade em assumir que está em situação de abuso, pois, no momento em que ela percebe que não consegue apresentar relatos de bons momentos e atitudes que qualificam o abusador de forma positiva, ela já sabe que existe algo errado, mas, mesmo assim, não toma iniciativa alguma com relação ao abusador.

Thays Lessa (trecho 5) interpela as pessoas que aceitam sua condição sem questionar e querer melhorar, como se não houvesse outro jeito, como se fosse normal viver em situação de abuso. Dessa maneira, a youtuber busca mostrar a seus espectadores que tenham iniciativa e pensem sobre suas vidas; se vale a pena seguir adiante com um relacionamento que não esteja lhe fazendo bem. Ela busca fazer seus espectadores refletirem e, a partir dessa reflexão, conseguir adquirir a tenacidade necessária para sair da situação de abuso.

O último trecho (6) novamente nos traz a falta de iniciativa por parte da pessoa em situação de abuso que percebe haver algo errado na relação, mas prefere ignorar como se fossem fatos isolados. Mari Morena traz sua narrativa de vida e assume que “talvez” não quisesse enxergar, questionando a si própria se apenas estava querendo fingir estar tudo bem ou se realmente acreditava nisso. Assim, havia uma falta de tenacidade em depreender que vivia situações de abuso e ignorá-las, pois, naquele momento, poderia parecer mais fácil ou

mais cômodo do que enfrentar e ter a iniciativa de sair da relação. Ela demonstra que, ignorando os fatos, fingia para ela mesma que nada estava acontecendo. Acreditamos ser relevante esse tipo de relato, pois, pela própria experiência de vida, a enunciativa mostra que o efeito de ignorar certas situações abusivas é contrário ao que a pessoa em situação de abuso possa pensar, já que, dessa forma, ela vai ficando cada vez mais vulnerável e as situações vão se repetindo com mais frequência, isto é, a tendência é piorar e não melhorar. É errado pensar que tudo se normalizará simplesmente porque não se reclamou, fingindo estar tudo bem.

4.3 A normalidade na situação de abuso

Nestas passagens encontramos o julgamento de estima social em que se detecta a falta de normalidade nos relacionamentos considerados abusivos. As pessoas em situação de abuso parecem confundir o que é normal com o que é comum. Logo, não é normal viver um relacionamento abusivo, mas, por conta de nossa estrutura social, infelizmente é comum esse tipo de relação.

- (1) uma **pessoa que te trata bem... que valoriza sua personalidade... os seus gostos e que gosta de você assim... desse jeitinho... isso é o normal...** é o que se deve procurar... o que você deve ter... (IF – linhas 103-5)
- (2) uma vez ela me pedindo conselhos eu falei pra ela ‘amiga... **pede pra ele procurar um psicólogo porque não é... não é normal**’ e ela me disse assim ela falou ‘não se eu falar isso pra ele ele vai mandar eu procurar um psicólogo’ foi nesse momento que eu falei pra ela então se você tá me dizendo essa frase... você também realmente precisa de um psicólogo **vocês dois precisam de um psicólogo** (KR – linhas 51-6)
- (3) eu gostaria de ler pra vocês os... os sinais né... os sinais de que você está em um relacionamento abusivo...[...] eu postei esse... esse... esses tópicos né... esses sinais de que você está num relacionamento abusivo e eu tive muita resposta né... nos stories algumas dúvidas... algumas indagações... algumas reflexões e:: a primeira dúvida ...que acho que só pra esclarecer... uma menina perguntou se era preciso ter todos os sinais ou bastava um para que você tivesse um relacionamento abusivo... e eu falei que eu acreditava que bastava um sinal para ser um alerta de que você está em uma relação não muito saudável e com sinais de abuso... [...] **ela me comentou assim... de que achava que era normal qualquer relacionamento ter pelo menos um desses sinais e que não achava que isso significava que você tinha um relacionamento abusivo... e eu né... na minha cabeça discordei dessa... dessa indagação é:: eu acredito que algo ser normal ou seja comum não significa que seja natural ou seja...certo ou adequado... digamos assim... por mais que muitos relacionamentos possam ter esses sinais não significa que deveria ser dessa forma...** (TL – linhas 8-41)
- (4) mas o que eu quero trazer com esse vídeo é:: fazer você pensar será que você tem vivido algum desses sinais e **você tem achado que esses sinais são normais... naturais...** (TL – linhas 53-5)
- (5) **não é normal você se sentir infeliz** você se sentir abusada... **não é normal apanhar** e existe uma coisa diferente disso sabe... (MM – linhas 148-50)

Como já mencionamos no capítulo 1, nossa sociedade patriarcal naturaliza situações que ocorrem em relacionamentos abusivos como sendo normais, e uma das consequências dessa normalização é o número de feminicídios.

Para contrapor ao que foi exposto no vídeo do que é um relacionamento abusivo, Isabela Freitas (trecho 1) diz o que deve ser normal em uma relação, isto é, uma pessoa que valorize seu parceiro, que não queira mudar a forma do outro ser e viver, limitar suas ações, mas que, ao contrário, ouça, apoie, isto é, que haja respeito, companheirismo e compreensão. Utiliza gradação de força em modo de realização com fusão: “jeitinho”, criando um efeito de afetividade com relação à pessoa em situação de abuso. Ainda utiliza o “deve” como voz de comando, já que é uma relação saudável que as pessoas devem querer ter, que é o normal, e é isso que ela pretende passar para seu público. Dessa forma, a youtuber exemplifica uma relação que deveria ser considerada normal, diferenciando o “normal” do “comum”, já que nossa sociedade naturaliza costumes que não devem ser considerados normais, como culpar a mulher por ser assediada na rua por causa da roupa que está usando.

No trecho (2) Karyna Rangel narra sua conversa com uma amiga que lhe pede conselhos, mas não vê que está em situação de abuso, então, Karyna sugere que ela diga ao namorado para procurar um psicólogo. Vendo que sua amiga está mais preocupada com o que o namorado vai pensar e não com o seu próprio bem estar, diz para os dois procurarem ajuda profissional. Assim, o casal deve enxergar aquela situação como não sendo normal para que possam resolver juntos, ou terminar a relação, pois o próprio namorado, por influência de nossa cultura e sociedade, pode ter dificuldade em perceber que seus atos são abusivos. É preciso um trabalho para que a pessoa consiga realmente chegar à conclusão de que o que está vivendo não é normal. Observando a conversa da youtuber com sua amiga, por ser uma narrativa de vida e por ser alguém “de fora” do círculo de convivência dos espectadores que podem estar passando pela mesma situação, pode ser mais fácil de as pessoas conseguirem perceber como certos relacionamentos não são normais. Além de conscientizar que nem sempre é simples conseguir pensar diferente do que nos é apresentado dia a dia por meio de nossa cultura machista, sendo necessária, algumas vezes, ajuda profissional.

Thays Lessa nos apresenta um diálogo com uma pessoa que lhe procurou para fazer uma pergunta depois de ela ter postado alguns sinais que demonstram que a pessoa está vivendo um relacionamento abusivo e essa pessoa afirma acreditar que é normal um relacionamento ter algumas situações abusivas, mas a youtuber expõe sua opinião contrária. Thays explica que não é porque é comum ver certas situações que quer dizer que seja normal. Logo, se formos pensar, este é um exercício para todos os aspectos de nossa vida em

sociedade, pois muitas situações se consolidam como comuns, mas não devem ser consideradas normais. Como o racismo, que ainda é comum nos dias atuais, mas em hipótese alguma pode ser considerado normal. Dessa forma, ela busca sinalizar para a pessoa que lhe afirma achar normal ter alguns dos sinais de situações abusivas que, apesar de ser comum, a pessoa deve se valorizar e estar em uma relação que se sinta bem e feliz, e não compactuar com situações de abuso porque simplesmente acha normal, isto é, aceitar e ponto final. O discurso da youtuber mostra a importância de pensar o que se quer em uma relação amorosa que, como qualquer relação que se tenha na vida, necessita de respeito. Não podemos considerar normal qualquer tipo de situação abusiva.

Neste trecho (4) Thays Lessa novamente alerta seus espectadores para que, quem se identificar com alguns dos sinais que ela apresenta como sendo situações que ocorrem em relacionamentos abusivos, reflita e perceba que não são normais. Mesmo que saiba de outras pessoas que vivam algo parecido e ache que está tudo bem, que acontecem situações de abuso em qualquer relação, não é verdade. O normal, o certo é ser feliz e respeitada, não importa se sozinha ou acompanhada. É pensar que não vale tudo para ter um relacionamento e ponderar, pois primeiro temos que nos sentir bem conosco, gostar de nós mesmas e nos valorizar para, depois, nos sentir bem com o outro, assim, se você percebe estar melhor sozinha, não tem motivo nenhum para continuar no relacionamento. Esses discursos podem auxiliar a encorajar as mulheres a se olharem com mais amor, a se empoderarem.

Mari Morena (trecho 5) explicita por meio de sua própria narrativa de vida que ser infeliz e apanhar não pode ser considerado normal, embora seja comum. Durante o vídeo, apresenta todo o sofrimento e a culpa por ter estado nesta situação, mostrando a dificuldade de a pessoa em situação de abuso sair da relação, pois ela perde a noção do discernimento, acreditando que não pode confiar em si mesma e que deve acatar e reafirmar o que o abusador lhe impõe como certo. Logo, seu relato expõe exatamente situações e sentimentos que são comuns, mas não são normais em um relacionamento, o que pode servir como um alerta importante para seus espectadores, trazendo, também, o empoderamento por meio das palavras.

Essas exposições de situações consideradas abusivas como normais, podem reforçar o olhar para que cada vez mais se possa diferenciar o “normal” do “comum”, que ainda é a mulher ser considerada “a única culpada” por problemas no relacionamento e ser de alguma forma penalizada por isso. O feminicídio pode ser considerado uma consequência dessa penalização sofrida pela mulher. Acreditamos que a criminalização mais severa para estes casos possa auxiliar que situações como estas deixem de ser comuns em nossa sociedade.

4.4 Os afetos na situação de abuso

Temos atitudes de afeto nos trechos a seguir em que se mostra a pessoa, na situação de abuso, triste e insegura, mas feliz quando consegue sair da relação. Essa diferença de afetos é muito visível e pode ajudar os espectadores em situações semelhantes às mencionadas a ter coragem de sair da estagnação e adquirir a tenacidade para alcançar um afeto de felicidade.

- (1) antes de você ficar com ele **você era uma pessoa felizinha depois de ficar com ele um tempo você está murcha como uma uva-passa** e **você está chorando por qualquer coisa** (JJ – linhas 46-8)
- (2) é quando **você tem medo... angústia... você se sente menor** que a pessoa que você tá se relacionando... **você se sente inferior** (IF – linhas 18-20)
- (3) eu **tinha muito medo de ficar sozinha...** (AC – linha 56)
- (4) ... hoje eu tô muito... hoje eu... hoje eu **tô muito orgulhosa de mim mesma** por ter conseguido sair desse relacionamento e por ter conseguido reconstruir a minha vida (MM – linhas 133-5)
- (5) eu **me tornei uma mulher extremamente feliz...eu me amo do jeito que eu sou...** eu me livrei de todo peso que eu engordei enquanto eu tava com ele... (AC – linhas 61-2)

Nas passagens acima expostas, vemos em primeiro lugar a sensação de tristeza e insegurança em que a pessoa em situação de abuso vive. Ela se sente mal por tudo de ruim que possa acontecer e muitas vezes também se culpa por isso, causando essa tristeza e insegurança de parecer que nunca está fazendo o certo, que é ela a causadora de todo o mal e o abusador só está a ajudando ao alertá-la e puni-la com palavras e ações. Dessa forma, ela acaba ficando mais dependente de seu abusador e fazendo o que ele quer, pois não consegue mais distinguir seus atos como sendo certos ou não.

Por meio do afeto, Jout Jout mostra que é para a mulher prestar atenção no antes e no depois do relacionamento para que atente se há algo errado na relação (trecho 1). Assim, se a pessoa que assiste ao vídeo era feliz antes da relação e se tornou uma pessoa triste depois da relação, já é um sinal de alerta. Diante disso, a pessoa deve refletir se está em um relacionamento abusivo e sair dele. Ela utiliza a gradação de força em modo de realização com fusão no uso de “felizinha”, causando um efeito de afetividade. Para tratar da tristeza, usa “murcha como uma uva-passa”, comparando a pessoa abusada com a uva-passa, isto é, murcha como alguém que está envelhecida, com o aspecto ruim, mais introspectiva por causa dos abusos que sofre. Desse modo, essa comparação de afetos ilustra bem aos espectadores como inferir quando há algo errado na relação.

A insegurança apresentada também abrange o medo de ficar sozinha (trechos 2 e 3). Logo, a pessoa em situação de abuso fica com medo de perder o namorado, mesmo quando está sofrendo. É como se estar sozinho fosse uma ameaça, algo ruim, principalmente para as mulheres. Em nossa sociedade, a mulher ainda é vista com “maus olhos” se não está acompanhada de um homem, fruto, novamente de um pensamento “machista”.

Também há trechos (4 e 5) que relatam a felicidade de ser quem é, de fazer o que quiser, da liberdade, da segurança de seus atos e sua autoestima elevada. Quando Ana de Cesaro (trecho 5) diz que se livrou de todo peso e emagreceu, apresenta, por meio de sua história, uma consequência do término do namoro. Nesses dois trechos temos a narrativa de vida que dá mais peso para o afeto de orgulho e felicidade que as youtubers relatam passar a sentir depois do término do relacionamento abusivo. Esses relatos trazem uma verdade que pode fazer as pessoas se questionarem e lutarem mais para serem felizes.

Aqui, demonstramos que a construção de orgulho e felicidade relacionada à saída da relação abusiva pode ser uma estratégia de persuasão da espectadora para que ela reflita e saia da situação abusiva. Assim, a construção dos afetos negativos durante o abuso é um meio de construção de identificação com uma possível espectadora em situação de abuso ou alguém que conheça uma pessoa na mesma situação.

4.5 O valor na situação de abuso

Apesar de menos frequente, temos casos de apreciação com valor negativo que consideramos ser válido destacar, pois desvalorizar uma pessoa pode trazer danos, inclusive psicológicos. A pessoa para de confiar em si mesma e precisa do outro para validar o que faz. Cria-se uma dependência na relação, tornando-a ainda mais abusiva, pois a pessoa deixa de ter sua própria vida para viver de acordo com o que o outro deseja/quer sob a ameaça de “se sair da linha” a pessoa em situação de abuso vai ficar sozinha.

- (1) além dessa pressão psicológica toda de dizer que **eu não era uma pessoa boa...** chegava um ponto que **eu não era uma mulher aceitável...** eu era uma mulher **feia...** eu era uma mulher **louca...** eu era uma mulher que **nenhum homem ia querer aguentar e somente ele me aguentava...** **nenhum homem ia querer ficar comigo...** **somente ele ia querer ficar comigo...** então que **comecei a me sentir tão merda...** (AC – linhas 35-9)
- (2) te **chamam de vadia... gorda... feia...** fala que você nunca vai arrumar ninguém... ele **te faz se sentir inferior...** (IF – linhas 37-8)

- (3) eu acredito que **você é único**... eu acredito em **você é valoroso**... eu acredito que **você é amado**... e eu acredito nisso... que **você merece ser valorizado** por quem você é... essa é a primeira reflexão quero eu que você tenha nesse vídeo... (TL – linhas 62-5)

Esses casos são importantes porque mostram o valor negativo da pessoa em situação de abuso. Assim, a pessoa perde a capacidade de acreditar em si e em seus atos, sentindo-se mal, inferior aos outros. O abusador se torna o elo de ligação com o mundo, já que, para ela, é ele quem a ajuda, mesmo que não mereça, e a guia para o que deve ser feito ou não.

No trecho 1, Ana de Cesaro, em sua narrativa de vida, expõe o que viveu, ouviu e como se sentiu, mostrando como o valor negativo pode destruir pessoas. Quando diz “eu era uma mulher louca”, traz à tona o estereótipo da mulher que, quando diz ou faz algo, reclamando seus direitos, é considerada louca, histérica. Ana diz que somente ele a “aguenta”, assim, o homem é apresentado como o único que poderia aceitá-la, apesar de ela ser uma “merda”, palavra usada como um valor negativo, isto é, ser uma pessoa desprovida de qualquer qualidade positiva, como se fosse possível alguém não ter valor algum. Há também gradação de força, intensidade “tão”, reforçando a palavra “merda”. Esse valor negativo a fez duvidar de si mesma, como ela diz. A pressão psicológica das palavras negativas proferidas a ela fez com que começasse a se sentir exatamente como o abusador a descrevia, logo, a verdade dele passou a ser a dela também.

Isabela Freitas (trecho 2) exemplifica o homem ao xingar a mulher e a humilhar, dessa forma, destruindo sua autoestima, fazendo a mulher acreditar e aceitar como sendo verdade o que ele diz, pois ela acaba introjetando tudo o que ouve o outro dizer. Apresenta como o abusador trata a pessoa em situação de abuso e como a deixa vulnerável quando a faz se sentir inferior, demonstrando uma apreciação negativa de valor. Isabela Freitas pode fazer seus espectadores enxergarem que não se deve simplesmente acatar e aceitar quando se sentem menosprezados e, sim, acreditar que cada um em seu valor, pois todos devem viver de acordo e da forma que se sentem bem.

No trecho 3 Thays Lessa busca, com suas palavras, mostrar que acredita que todos têm seu valor. Utiliza o valor positivo, estimulando a autoestima das pessoas e as fortalecendo para que consigam se tornar capazes e sair de uma relação abusiva, pois todos são merecedores de ter uma vida feliz.

4.6 A propriedade no abusador

Encontramos em todos os vídeos de forma bem contundente o julgamento de sanção social com a propriedade negativa em que o abusador limita e guia a vida da pessoa em situação de abuso de acordo com seus gostos, mostrando falta de ética.

- (1) te trai...você descobre que ele te traiu lendo uma mensagem de celular dele... que que ele faz? **ele inverte o jogo... fala que você invadiu a privacidade dele... que você é uma louca... ciumenta... psicopata... que você está surtando...**e aí **ele vai jogar toda a culpa da traição dele em cima de você...** quando você vê você já tá assim...“gente... realmente eu sou assim... sou uma louca... tenho que ser enterrada num hospício” **ele já mudou todo o sentido da discussão...** (IF – linhas 52-7)
- (2) e esse é o grande problema do relacionamento abusivo... eu tava num relacionamento que **o cara não gostava que eu desse risada** e é uma coisa que eu adoro... adoro dar risada tipo muito alto ((gargalhada)) eu gosto disso... eu gosto de dar risada alto... eu gosto de falar alto... eu gosto de fazer piada... faço muita piada... **eu sou tipo... a engraçadinha...e ele não gostava nada disso... ele não gostava que eu fizesse os vídeos pra internet...** (AC – linhas 24-9)
- (3) este sujeito **está te impedindo de sair com os seus amigos?** ou **está te colocando contra os seus amigos e os seus familiares?** **ele já mandou você tirar o batom** porque você estava com cara de puta com este batom vermelho? **ele já sacudi um guardanapinho na tua cara** tira esse batom? **ele já controlou a distância das roupas que você vai usar ou o lugar que você vai usar** essa roupa? essa pessoa **já te pediu pra excluir pessoas do seu Facebook ou Orkut na época áurea da vida?** ou essa pessoa **já te impediu de falar na vida real com certas pessoas...** (JJ – linhas 19-24)
- (4) eu também tenho outra amiga que:: **ele tem um ciúme excessivo dela... ele não deixa ela nem olhar pro lado na rua uma coisa assim...** esse foi o nível mais extraordinário de relacionamento abusivo que já presenciei que eu já vi e:: (KR – linhas 49-51)
- (5) um... se você se relaciona com **alguém que te humilha hostiliza não reconhece os seus esforços e faz com que você se sinta inferior** você está em um relacionamento abusivo... dois... se você se relaciona com **alguém que te obriga a fazer coisas contra a sua vontade...** você está em um relacionamento abusivo... se você **se relacionar com alguém que faz birras chantagens emocionais e agressões psicológicas entre outras coisas quando você diz que quer terminar o relacionamento** você está em um relacionamento abusivo... quatro... se você se relaciona com **alguém que te afasta de seus amigos e familiares** com o motivo de aumentar o controle sobre as suas relações interpessoais você está em um relacionamento abusivo... se você se relaciona com **alguém que te acusa de loucura e incapacidade de avaliar determinada situação... sempre que você o contraria** você está em um relacionamento abusivo... se você se relaciona com **alguém que te diz que você nunca será amado aceito desejado por alguém além dele...** você está em um relacionamento abusivo... sete... se você se relaciona com **alguém que faz com que você acredite que a culpa de ele ser agressivo ameaçador é sua...** você está em um relacionamento abusivo... (TL – linhas 9-22)
- (6) os primeiros sinais pra mim de um relacionamento abusivo era **quando ele bebia e ele ficava muito agressivo** então... ele é:: **tacava as coisas no chão tacava as coisas na parede** ele... é... **socava a parede socava as coisas ou então ele batia a cabeça nas coisas** e hoje eu percebo estas coisas como sinais do que vem acontecer depois... mas na época eu acho que eu só não prestei tanta atenção não dei tanta importância pra isso... aí com um pouco menos de um ano de relacionamento **ele me bateu pela primeira vez...** (MM – linhas 28-33)

No primeiro trecho Isabela Freitas, por meio da propriedade negativa, mostra a falta de ética do homem que, mesmo sabendo que está errado, inverte a situação utilizando o

gaslighting e o senso comum de nossa sociedade patriarcal de sempre colocar a culpa na mulher. Além de dizer que a mulher que quer enfrentar, falar o que pensa, é classificada como louca, surtada, pois a mulher não deve contradizer o homem, não deve ter voz, e, sim, apenas aceitar sua condição. Devemos desconstruir essa ideia de que o homem é quem detém a verdade, pois é essa ideia que faz suas atitudes ficarem acima do bem e do mal. A palavra da mulher deve ter o mesmo peso da do homem, o que muitas vezes ainda não acontece. Assim, as mulheres sempre foram consideradas pessoas que não se pode confiar na palavra, pois não sabem o que diz.

Um exemplo recente é o caso do médium João de Deus, que foi acusado de crimes sexuais por mais de 300 mulheres, incluindo sua própria filha. Mesmo assim, vemos em reportagens pessoas ainda dizendo que duvidam e que tudo não passa de uma campanha difamatória.²⁹ É a palavra de mais de 300 mulheres contra a de um homem branco, heterossexual e que detém o poder. Logo, a própria sociedade não dá voz às mulheres. Por isso a importância de se conversar cada vez mais sobre assuntos acerca das mulheres como os relacionamentos abusivos. Todos precisam ouvir sua voz que sempre foi calada e respeitar seus gostos e vontades.

Ana de Cesaro (trecho 2) utiliza de sua narrativa de vida para exemplificar o embate: desejos/gostos da mulher x desejos/gostos do homem – controle do comportamento da mulher. O abusador faz o que não deveria fazer, pois domina a pessoa em situação de abuso e controla sua forma de viver. Dessa forma, ela tinha que viver de acordo com o que ele queria, da forma que ele queria e permitia que ela vivesse, obedecendo a ele. É importante salientar e expor cada vez mais esse tipo de relação para que as mulheres que se reconhecem nesses relatos possam enxergar como são tratadas de forma inadequada, como cidadãs de segunda classe, e se opor quanto a isso, reivindicando respeito, além de sua liberdade e seus direitos.

Há também a delimitação do que a mulher pode ou não vestir, fazer, como se comportar, de acordo com os gostos e as vontades do abusador. Ele a manipula e a faz acreditar que o melhor é fazer o que ele ordena, pois é o certo (trecho 3). A pessoa em situação de abuso acaba acatando, pois toma a verdade dele como sendo a dela também, logo, é obediente. O abusador, dessa maneira, controla a vida da pessoa em situação de abuso da forma que lhe convém.

²⁹ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/mais-de-300-vitimas-denunciam-joao-de-deus-incluindo-ate-a-filha-dele/>> e <<https://www.emaigoias.com.br/joao-de-deus-apesar-das-denuncias-feis-acreditam-na-inocencia-do-medium/>>. Acesso em: 4 fev. 2019.

Karina Rangel (trecho 4) apresenta a história de uma amiga cujo namorado controla até para onde a namorada olha por ciúmes e utiliza a gradação de força, intensidade (nível mais extraordinário) para mostrar que foi o pior relacionamento abusivo que ela presenciou. Consideramos importante essa ponderação nos relatos, pois muitas vezes a pessoa em situação de abuso confunde zelo, cuidado com controle e autoritarismo.

O trecho 5 é parecido com o 3, em que Jout Jout elenca algumas situações vivenciadas por pessoas em relacionamentos abusivos. Mostra a falta de ética do abusador que faz o outro se sentir mal, subtraindo sua autoestima, desvalorizando e depreciando. Faz a pessoa abusada acreditar que está sendo bom para ela, pois nenhuma outra pessoa gostará dela além dele. Como se ele fosse o agente de propriedade positiva, caridoso, e agisse em benefício dela. Assim, toda a carga negativa em cima da pessoa abusada é vista como culpa dela mesma. Essa falta de ética faz com que o abusador, perante a pessoa abusada e a própria sociedade, seja considerado alguém que detém a sabedoria, a verdade.

Mari Morena (trecho 6) narra o começo das situações abusivas que vivia em seu relacionamento e como tais situações foram se agravando com o tempo, chegando até a agressão física, demonstrando a propriedade negativa com a falta de ética do abusador. Logo, por meio de sua narrativa de vida, alerta seus espectadores das consequências de continuar em situação de abuso.

Acreditamos que essa propriedade negativa encontrada na representação do abusador vem da estrutura social que não acompanha muitas mudanças que já vivenciamos nos dias de hoje. Antigamente, a mulher era vista como “propriedade” do homem que era o provedor da casa, era quem trabalhava fora, enquanto a mulher era quem deveria cuidar da casa, dos filhos e das obrigações como esposa.³⁰ Quem efetivamente participava da vida social era o homem, as mulheres deveriam estar majoritariamente em suas casas, cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos. Hoje tudo mudou, as mulheres estudam, trabalhavam, têm vida social e mesmo assim, muitos homens ainda querem controlar o que a mulher pode ou não fazer.

4.7 O que as análises nos mostram

Em primeiro lugar, observamos o gênero discursivo narrativa de vida realizado no suporte vídeo em todo nosso *corpus*, em que o poder do “eu vi, eu sei, eu vivi” é grande e faz

³⁰ Estamos generalizando a estrutura patriarcal que predominava na vida social, pois, se formos pensar na mulher pobre e negra, ela normalmente sempre teve que trabalhar e sustentar sozinha seus filhos, já que as mulheres negras eram e a ainda são mais desvalorizadas do que as mulheres brancas.

com que as pessoas se identifiquem, pois dá credibilidade por ser alguém que tem essa experiência de vida, apresentando, dessa forma, grande apelo emocional.

Encontramos muitas semelhanças entre os vídeos. Neles, existem algumas estratégias de envolvimento como o afeto, em que, utilizando-se de sentimentos, pode-se sensibilizar seus espectadores por meio de empatia, aconselhamento. Os vídeos julgam de forma clara os homens que colocam as mulheres na situação de abusadas no relacionamento.

Algumas vezes simulam diálogos, mostrando uma proximidade com quem está assistindo ao vídeo: “vamos fazer isso com bom humor? vamos...” (JJ – linha 11).

O primeiro vídeo postado “Não tira o batom vermelho” foi o mais visualizado e o que inaugurou, de certa forma, o tema no YouTube do Brasil, pois foi depois dele que os outros vieram e, claramente, remetem a este primeiro, sendo que algumas vezes chegam a mencioná-lo: “e eu vi um vídeo hoje chamado *Não tire o batom vermelho*... e aí eu achei esse vídeo tão sensacional... tão maravilhoso... tão assim me identifiquei com ele que eu achei... preciso falar sobre isso também...” (AC – linhas 6-8).

Há um posicionamento marcado do abusado e do abusador no relacionamento por meio de atitudes avaliativas. Existem três tipos de discursos que predominam em todos os vídeos. Podemos observar que dois deles remetem à pessoa abusada e um ao abusador:

- o discurso da mulher presa, que não pode exercer seu potencial de ação de forma independente, como sendo normal não poder exercer sua liberdade. Logo, não há porque querer impedir isso ou porque não sabe que existem outras alternativas: “eu achava que... ‘meu Deus é isso aí mesmo... é isso que eu tenho que aguentar porque eu não mereço nada melhor’” (AC – linhas 54-6). O afeto da mulher retratada no discurso é marcado, predominantemente, pela vergonha (percepção de que errou e que a imagem derivada do erro ficará exposta a outros): “fiquei num relacionamento com ele por mais três anos sofrendo abuso e apanhando e sim eu já tive muita vergonha disso muita vergonha mesmo” (MM – linhas 44-5), pela culpa (percepção de que se errou com alguém que não se queria prejudicar): “você sempre acaba pedindo desculpa mesmo quando no início você tinha certeza que você tava certa... mas rolou alguma coisa ali que ele falou que você falou...’gente...acho que eu que tava errada’ (JJ – linhas 25-8), pelo medo (de julgamentos, de ficar sozinha por sua própria culpa, das ameaças sofridas pelo namorado): “eu tinha muito medo de ficar sozinha... eu achava que ficar sozinha realmente era o fim do poço... o

fundo do poço...”(AC – linhas 56-7). A mulher é julgada pela sua falta de tenacidade, na sua incapacidade de sair daquela situação, na sua ilusão de achar normal esse tipo de relacionamento: “achava que era normal qualquer relacionamento ter pelo menos um desses sinais e que não achava que isso significava que você tinha um relacionamento abusivo” (TL – linhas 36-8).

- o discurso da mulher querendo sair desse “não poder”. Ela sabe que existe alternativa, e ela pode “querer poder” mas não consegue impedir o “não poder”, isto é, o abuso que a mulher não se sente capaz ou segura para sair: “acho que eu vou terminar com você... ‘termina... eu me mato’... ele diz... e aí você fala... ‘eu não vou terminar... não quero que ele se mate’” (JJ – linhas 29-31). Logo, o discurso pode vir como uma proposta de ação para esta situação em que, quando a mulher não sabe haver alternativas, o discurso das youtubers pode chegar para esclarecer. No caso da mulher que não tem condições de sair, ela pode conseguir ajuda por meio do vídeo. Essa mulher, com o tempo, torna-se tenaz, capaz quando depreende que a situação não é normal e nem natural: “eu decidi terminar com esse cara... largar tudo pra trás... ir pra São Paulo e São Paulo um ano e meio valeu mais do que... sei lá... dez anos de amadurecimento porque eu me tornei uma mulher extremamente feliz...” (AC – linhas 59-61).
- o homem é julgado, mas em alguns vídeos é mencionado que nem sempre são os homens os abusadores. O relacionamento abusivo pode ocorrer tanto da parte da mulher quanto em relacionamentos homoafetivos, mas preferem seguir falando do que conhecem mais que são os abusos sofridos por mulheres em relações heterossexuais, pois são essas histórias que elas conhecem de perto, que fazem parte de suas narrativas de vida: “os homens também podem sofrer com isso... tô falando pra mulher e eu tô falando o que eu conheço” (IF – linhas 38-9). Os homens são retratados principalmente na sanção social, em que se mostram desonestos e sem ética no tocante de colocar a mulher na situação de vulnerabilidade e a culpar de algo que ela não fez: “o cara sempre só chamava ela para fazer sexo só sexo e quando ela não podia aí ele fazia ela sentir mal por causa disso meio que não falava com ela e tal e fazia é meio que ela pedir desculpa” (KR – linhas 19-21).

Neste capítulo, fizemos uma análise em que pudemos identificar como são construídos os discursos de acordo com o sistema de Avaliatividade. Em relatos em que a narrativa de vida é predominante, vemos mulheres que usam sua voz por meio do YouTube para tratar de um tema recorrente e de certa forma banalizado em nossa sociedade, o relacionamento abusivo.

Entendemos ser um tema muito relevante, pois os relacionamentos abusivos são consequência da cultura machista que ainda se prega em nossa sociedade e da educação que diferencia homens que devem ser fortes, deter o poder, usar azul, brincar de carrinho; das mulheres que são consideradas fracas, usar rosa, brincar de boneca (já que devem ser mães quando crescer) e que devem ser dóceis, meigas, frágeis.

Já a consequência dos relacionamentos abusivos são os feminicídios em que se registram números alarmantes de casos no Brasil segundo a matéria “Brasil tem onda de feminicídios no início do ano, com mais de 100 casos em 1 mês” do *site* Último Segundo, o que nos preocupa e nos faz pensar o quanto é necessário discutir nossa estrutura social patriarcal. Dessa forma, devemos tentar modificá-la fazendo com que as pessoas consigam se abrir para novas formas de vida em sociedade em que todos tenham os mesmos direitos e deveres, não mais se conformando em viver situações de discriminação, violência e outros por ser mulher³¹.

Buscamos conscientizar, por meio de uma análise crítica do discurso, o tema relacionamentos abusivos. Queremos que tanto os homens quanto as mulheres consigam ter outra visão de viver em uma sociedade, mais justa e igualitária.

³¹ O mesmo ocorre para outras minorias, em se tratando de poder, como negros, pobres e LGBTQIs.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação, tivemos como objetivo abordar o tema relacionamentos abusivos em seis vídeos do YouTube para analisar a construção dos discursos sobre o assunto por meio do sistema de Avaliatividade.

Para tanto, fizemos um estudo histórico sobre as mulheres e os assuntos que envolvem o feminino em nossa cultura machista e patriarcal para mostrar o porquê da “normalidade” em se tratar a mulher como um ser inferior em relação ao homem e como alguém que deve “servi-lo” e “obedecer a ele”.

A violência contra as mulheres é, principalmente, violência doméstica, mas não só. A desigualdade do trabalho doméstico, o papel da maternidade e toda uma lógica do próprio casamento como submissão da mulher ao homem têm muito de um tipo de violência, que é a simbólica. (TIBURI, 2018, p. 106)

Segundo a autora, devemos nos atentar também à violência simbólica que se dá por essa perpetuação do papel da mulher como submissa, ocupando uma função diferente do homem, isto é, dentro das casas cuidando dos filhos, não preenchendo o lugar de poder que é dado ao homem branco heterossexual. Vemos isso na política no Brasil, em que o número de homens no Congresso Nacional é muito maior do que o de mulheres. De acordo com o *site* Senado Notícias, a porcentagem de mulheres eleitas em 2018 para a Câmara Federal é só de 15% e no Senado é de apenas 13%, o que revela números muito baixos. E são estes homens que cuidam das leis, dos deveres do país e dos cidadãos brasileiros.

Mostramos também que houve alguns avanços no Brasil com algumas leis que foram instituídas e que auxiliam as mulheres na busca de seus direitos, na tentativa de intimidar atos atroztes como o feminicídio, que muitas vezes já é uma consequência de um relacionamento abusivo.

Depois, exploramos um pouco a ACD e nos detivemos em seus estudos e como eles podem nos auxiliar em nossa pesquisa. Buscamos entender melhor como se dão tais discursos, pensando na ideologia que pode ser tanto positiva como negativa, segundo Van Dijk, e que essa ideologia presente nos textos, de certa forma feminista, pode mostrar às mulheres que é preciso repensar nossa cultura e as práticas consideradas normais para, assim, entender que todos são iguais e que merecem respeito e igualdade de direitos.

Também nos atentamos para o que está em volta de nosso *corpus* por meio do contexto e, trabalhando com o modelo tridimensional, mais especificamente as práticas

discursivas, discorremos sobre a produção dos vídeos feitas pelas youtubers e sobre a distribuição feita pelo canal do YouTube.

Juntamente com a ACD, utilizamos a LSF em que se optou como metodologia a escolha do sistema de Avaliatividade, focando nas Atitudes em conjunto com a Gradação, para a análise do *corpus*, já que este é rico em passagens carregadas principalmente de julgamentos tanto com relação ao homem quanto à mulher.

Observando nosso *corpus*, constatamos que se trata de narrativas de vida, isto é, um gênero que se utiliza de histórias de vida e de todos os seus sentimentos para angariar empatia de quem assiste ao vídeo ou lê o discurso. Dessa forma, o espectador pode vir a se familiarizar com a narrativa e se identificar com ela. Assim, pode-se conscientizar as pessoas que assistem aos vídeos de que as situações relatadas nos relacionamentos abusivos, apesar de serem comuns, não devem ser consideradas normais.

Pelos resultados obtidos nas análises vemos a mulher representada majoritariamente como a pessoa que sofre o abuso e, muitas vezes, não sabe como sair daquele relacionamento abusivo, mas algumas delas conseguem adquirir tenacidade para sair da relação. O homem é representado como o abusador que detém o poder e que a mulher, pare ele, é uma espécie de propriedade em que se pode mandar e desmandar e ela deve obedecer. Desse modo, há um abusado e um abusador no relacionamento. Essa construção fica clara na análise avaliativa feita.

Encontramos trechos similares que apresentam o discurso da mulher que não pode agir como quiser, sendo privada de sua liberdade e que, muitas vezes, não busca impedir essa situação, pois não reconhece como anormal. Além disso, a mulher é afetada de várias formas, o que pode fazê-la não mudar sua atitude como: vergonha, medo, culpa. A mulher é julgada o tempo todo. Dessa forma, enveredando pelas categorias de Atitude do sistema de Avaliatividade, na representação das mulheres, encontramos **afetos negativos**, muito **julgamento de falta de capacidade, falta de tenacidade e falta de normalidade** (com relação às situações vividas), além de algumas ocorrências de **apreciação com valor negativo**.

Há também marcado nos vídeos o discurso da mulher querendo sair dessa relação abusiva, da falta de liberdade. Assim, ela sabe que existem alternativas para tanto, mas, às vezes, não consegue mudar por diversas razões, como não se sentir capaz, o uso de chantagem pelo abusador, o medo de ficar sozinha (como se fosse algo ruim), já que ela se sente confusa, tendo que se reafirmar em suas ideias, pois é o tempo todo deslegitimada. Há relatos de mulheres que conseguiram sair da relação abusiva. Nestes casos, encontramos o **julgamento de capacidade e tenacidade**.

O homem representado é julgado em suas narrativas de vida e é retratado como uma pessoa sem ética por colocar a mulher na situação de vulnerabilidade e a culpar pelo o que considera inadequado. Diante disso, o homem é representado pelo **juízo** de **propriedade**, em sua **falta de ética**.

Dessa forma, observamos diversas semelhanças com relação às categorias de Atitude do sistema de Avaliatividade que mais aparecem nos discursos, fazendo-nos refletir e constatar que os discursos dessas mulheres retratam os abusos sofridos em relacionamentos, mostrando o poder de suas narrativas.

Logo, o discurso das youtubers pode vir para dar visibilidade e conscientizar, por meio da empatia, pela identificação com as situações mencionadas nos vídeos, fazendo com que mais mulheres consigam enxergar formas de sair dessas relações abusivas.

Pelos elementos encontrados nessas narrativas de vida, reafirmamos nosso pensamento de que é por meio de relatos como estes, tão parecidos, mas contados por pessoas diferentes, que pode se fazer a diferença na mudança de nossa sociedade. Assim, as mulheres precisam cada vez mais falar o que pensam e sentem e exigir respeito e, quando se escutam relatos como estes dos vídeos, as pessoas podem cada vez mais se conscientizar de práticas sociais normalizadas, mas que devem ser repensadas para que haja mais igualdade e respeito entre todos. Acreditamos que esta prática das youtubers é um resgate da voz das mulheres há tanto tempo caladas se vendo reféns de desigualdades, já que são tratadas como minoria com relação à detenção do poder. E estas vozes, que não se calam mais como antes, são a causa da busca de mais direitos e de mais respeito pelas mulheres que querem ocupar seu espaço.

Dessa maneira, fizemos uma análise em que pudemos identificar como são construídos os discursos de acordo com o sistema de Avaliatividade em relatos feitos por meio de narrativa de vida, em que vemos mulheres que usam sua voz por meio do YouTube para tratar de um tema importante, isto é, relacionamento abusivo, e que até há algum tempo atrás era pouco falado em nossa sociedade.

As situações vivenciadas em relacionamentos abusivos são algumas das consequências de nossa cultura machista e da educação que diferencia homens que devem ser fortes, deter o poder, não chorar etc.; das mulheres que são consideradas fracas, usar rosa, brincar de boneca etc.

Existem outras questões, além dos relacionamentos abusivos, que esperamos ser cada vez mais abordadas para que ocorram mais mudanças positivas, como repensar o emprego para as mulheres que, segundo a pesquisa do IBGE, Estatísticas de Gênero, em 2016, em cargos com ensino superior completo ou mais, as mulheres receberam 63,4% do salário dos

homens e ainda são malvistas por engravidarem. Segundo pesquisa de 2016 de Cecilia Machado, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), metade das mulheres perdem o emprego depois da licença-maternidade. Além da vulnerabilidade da mulher que, diferente do homem, anda nas ruas não apenas com medo de ser assaltada, mas também com medo de sofrer algum tipo de violência sexual. Deve-se abordar cada vez mais os feminicídios, que muitas vezes são consequências dos relacionamentos abusivos, cujos registros são cada vez maiores, tornando-se reconhecidos, já que sempre ocorreram, mas não eram considerados como tal. Isso nos preocupa e nos faz pensar o quanto é necessário discutir nossa estrutura social para poder modificá-la de forma mais respeitosa e igualitária a todos.

Assim, buscamos conscientizar, por meio da análise crítica do discurso, o tema relacionamentos abusivos. Queremos que tanto os homens quanto as mulheres consigam ter outra visão de viver em uma sociedade melhor e mais justa.

Acreditamos existirem algumas limitações em nossa análise, pois precisamos fazer um recorte para esta dissertação e não podemos, por exemplo, analisar os textos não verbais, isto é, os elementos visuais que compõem os vídeos. Além de não analisarmos os comentários feitos pelos espectadores dos vídeos, que podem, em futuros trabalhos, trazer uma análise rica de elementos avaliativos. Mas entendemos que nossa proposta contribui no sentido de observar como são construídos discursos sobre relacionamentos abusivos, já que continuam surgindo vídeos no YouTube como estes analisados, com narrativas de vida muito parecidas. Além disso, há a limitação em saber que esses discursos postados no YouTube poderão ser assistidos apenas por pessoas com acesso à internet que, segundo a Agência IBGE Notícias, em 2017, atingia 74,9% dos domicílios do Brasil.

Conclui-se, nesta pesquisa, que pode ser muito positivo na sociedade tal tipo de assunto ser abordado em um canal na internet como o YouTube, fazendo com que as pessoas reflitam as desigualdades ainda existente na relações entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, ChimamandaNgozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo. Companhia das letras, 2014.

ALVES, Gabriela Souto; CABRAL, Sara Regina Scotta. Os negros pelos negros: uma análise a partir da Teoria da Avaliatividade na revista Raça Brasil. Universidade Federal de Santa Maria. **Revista UNIABEU**. Belford Roxo V.4 Número 6 janeiro- abril 2011. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKEwi kiKnsqvPiAhU6ILkGHXoGCA4QFjABegQIARAC&url=https%3A%2F%2Frevista.uniabeu.edu.br%2Findex.php%2FRU%2Farticle%2Fdownload%2F85%2F178&usg=AOvVaw0Fvvd6 Kik9P0jU54NxSmpN>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

ARISTÓTELES. **A política** (Livro 1). Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Atena Editora, s.d.

BATISTA Jr., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira. (Orgs.) **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

BÍBLIA sagrada. **Gênesis**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2005. p. 50-1.

BOLÍVAR, Adriana. Análisis del discurso y compromiso social. **Akademós**, vol. 5, n. 1, 2003, p. 7-31.

BOUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Alice Vasques de. **Representação social da mulher e interdiscurso em editoriais da revista TPM**. 2016. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CESARO, Ana de. **Tá, e daí?: a vida por mim**. São Paulo: Astral Cultural, 2015.

COLETIVO Não Me Kahlo. **#Meu amigo secreto: feminismo além das redes**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Tradução livre: Plataforma Gueto, 2013. Disponível em: <<https://farofafilosofica.com/2017/02/10/mulheres-raca-e-classe-angela-davis-livro-em-pdf-para-download/>>. Acesso em: 14/10/2018.

EMEDIATO, Wander. A narrativa como componente fundador de instituições discursivas. In: MACHADO, Ida Lucia; MELO, Mônica Santos de Souza (Orgs.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**. Textual analysis for social research. London/New York: Routledge, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social-científica. Tradução de Iran Ferreira de Melo. **Revista Linha d'água**, n.25(2), 2012, p.307-329.

FERRAZ, Salma. **Dicionário Machista**: três mil anos de frases cretinas contra as mulheres. São Paulo: Jardim dos Livros, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz&Terra, 2014.

FREITAS, Isabela. **Não se apega, não**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

FREITAS, Isabela. **Não se iluda, não**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

FREITAS, Isabela. **Não se enrola, não**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2014.

GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu**: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Org. Geraldo Galvão Ferraz. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas**: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. FFLCH-USP, 2011.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso**: explorando convergências e explicitando especificidades. *Estudos Linguísticos*, n. 43, v. 3, p. 1282-1297, set-dez, 2014. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/523>>. Acesso em: 20 maio 2019.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso: explorando convergências e explicitando especificidades. **Estudos linguísticos**, São Paulo, 43 (3): p. 1282-1297, set-dez 2014. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/523>. Acesso em: 20 maio 2019.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Material que faz parte do curso ministrado em 13 de dezembro de 2018 intitulado **O sistema de Avaliatividade como instrumento para a análise textual e discursiva**, na FFLCH-USP.

HALLIDAY, Michael. Methods – techniques – problems. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. (Org.). **Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics**. London: Continuum International, 2009. p. 59-86.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

IPEA, FBSP. **Atlas da Violência 2018**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.

JOUT JOUT. **Tá todo mundo mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. **Revista de Antropologia**. Vol. 40 n.1 São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v40n1/3243.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

LEMOS, Ronaldo; FELICE Massimo Di. **A vida em rede**. Campinas-SP: Papirus 7 Mares, 2014.

LIRA, Luciane Cristina Eneas; ALVES, Regysane Botelho Cutrim. Teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica. In: BATISTA Jr., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira. (Orgs.) **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

MACHADO, Cecília. Mulheres perdem trabalho após terem filhos. Pesquisa Think Tank. **Portal FGV**. Disponível em: <<https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

MACHADO, Ida Lucia. Algumas reflexões sobre elementos de base e estratégias da Análise do Discurso. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 187-207, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/2578/2530>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

MACHADO, Ida Lucia. A ‘narrativa de si’ e a ironia: um estudo de caso à Luz da Análise do Discurso. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 01-16, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online). Disponível em: <https://cadis_letras.catalao.ufg.br/up/595/o/Ida_Lúcia_Machado.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

MACHADO, Ida Lucia. A narrativa de vida como materialidade discursiva. **Revista da Abralin**, v.14, n.2, p. 95-108, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42557/25814>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

MACHADO, Ida Lucia. Nos bastidores da Narrativa de vida & Análise do Discurso. In: MACHADO, Ida Lucia; MELO, Mônica Santos de Souza (Orgs.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso** [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFGM, 2016.

MARTIN, James Robert; WHITE, Peter Robert Rupert. **The Language of Evaluation: Appraisal in English**. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: É possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? **Rev. Sociol. Polít.** Curitiba, v. 18, n.36, p. 67-92, jul. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/06.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Revista LetraMagna**. Ano 05 n.11, 2009. Disponível em: < http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Melo_ADeACD.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

MELO, Iran Ferreira de. (Org.) **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática**. Campinas/SP: Pontes, 2012.

MENEGON, Érika Nogueira. **Cultura participativa e o início da era Broadcast Yourself. In: Imagens e narrativas midiáticas: análise dos vídeos do Youtube**. 2013. 152 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91181>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

MORENO, Rachel. **A imagem da mulher na mídia: controle social comparado**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2017.

NASCIMENTO, Cristina de Oliveira do; NININ, Maria Otilia Guimarães. Avaliatividade em Clarice Lispector: discutindo a obra “*Só para mulheres. conselhos, receitas e segredos*” na perspectiva da linguística sistêmico-funcional. **Linguagens & Cidadania**, v. 18, jan./dez., 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/25585/pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

NICHELE, Alessandra Medianeira Ilha; CABRAL, Sara Regina Scotta. O discurso jornalístico e o engajamento entre as vozes: uma relação de negociação linguística entre repórter e entrevistado. **PERcursos Linguísticos**. Vitória (ES) v. 2 n. 1 p. 8-24 2011. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwjmnKeRq_PiAhUNJ7kGHXDXBgUQFjAAegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.ufes.br%2Fpercursos%2Farticle%2Fdownload%2F1699%2F1288&usg=AOvVaw3MxhgWZF RbmislryMNVc9x>. Acesso em: 18 jun. 2019.

PINTON, Francieli Matzenbacher; PEREIRA, Gabriela Eckert. Atitude e engajamento em textos argumentativos produzidos no contexto escolar: desafios para o professor de leitura e escrita. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 266-282, ago./dez. 2017. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwjI5N2yqvPiAhX_KLkGHbLsBv4QFjAAegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fwww.entrepalavras.ufc.br%2Frevista%2Findex.php%2FRevista%2Farticle%2Fdownload%2F766%2F466&usg=AOvVaw1FTO7XJH1ShxDJpZbRBcZR>. Acesso em: 18 jun. 2019.

RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba; RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: Implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (dis)curso** - lemd, tubarão, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwj96o7amfPiAhWzlrkGHcLuBJYQFjAAegQIARAB&url=http%3A%2F%2Fwww.portaldeperiodicos.unisul.br%2Findex.php%2FLinguagem_Discurso%2Farticle%2Fview%2F307&usg=AOvVaw1HxpsaMny1F-BBJztLdV7N>. Acesso em: 18 jun. 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <<http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

RODRIGUES, Daniela Leite; CABRAL, Sara Regina Scotta. Eu deixo o mundo mais pink – Uma análise das instâncias avaliativas. **Letrônica**, Porto Alegre v.3, n.2, p.17-28, dez./2010. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKEwj uh6e0q_PiAhVIA9QKHUEACFQQFjABegQIBRAC&url=http%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fletronica%2Farticle%2Fdownload%2F7341%2F5922&usg=AOvVaw1A6_Dv1QGldfubRZk9zZFp>. Acesso em: 18 jun. 2019.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

SARDENBERG, Cecília; COSTA, Ana Alice. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara L. (Orgs.) **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 81-114.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista educação e realidade**. 20 (2) 71-99 jul/dez 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas?** – o guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TORRES, Aline. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de Vida. In: MACHADO, Ida Lucia; MELO, Mônica Santos de Souza (Orgs.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso** [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFGM, 2016.

VAN DIJK, Teun. Ideología y discurso: una introducción multidisciplinaria. Barcelona: Ariel Lingüística, 2008.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015.

VIAN JR, Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciamento. **DELTA**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S010244502009000100004>.

VIEIRA, Bruno César Ferreira. **Bruxaria e feminismo**: uma análise da independência da mulher através dos seriados da TV.UERJ – CNPq. Disponível em:

<<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/BRUNO%20CESAR%20FERREIRA%20VIEIRA.pdf>>. Acesso em: 11 de mar. de 2018.

VIEIRA, Josenia Antunes; Macedo, Denise Silva. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA Jr., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira. (Orgs.) **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & homem**: o mito da desigualdade. São Paulo: Editora Moderna, 1988.

WHITE, Peter. Valoração – a linguagem da avaliação e da perspectiva. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 177-205, 2004. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0403/040308.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Sites consultados:

ADVFAM. Relacionamentos abusivos e os remédios jurídicos. **JusBrasil**. 2017. Disponível em: <<https://advocaciafamilia.jusbrasil.com.br/artigos/301362728/relacionamentos-abusivos-e-os-remedios-juridicos>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

AGÊNCIA IBGE Notícias. PNAD Continua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

AGÊNCIA Patrícia Galvão. Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

AGUILHAR, Lígia. Feito por mulheres: Jout Jout, Prazer. **Revista Trip**. 21.07.2015. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/blogs/start/lideres-que-amamos-jout-jout-prazer/>>. Acesso em: 31 maio 2016.

ANITTA. Vai Malandra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kDhptBT_-VI>. Acesso em: 15 out. 2018.

APLICATIVO Salve Maria já foi acionado em 27 cidades piauienses. G1. <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2018/10/16/aplicativo-salve-maria-ja-foi-acionado-em-27-cidades-piauienses.ghtml>>. Acesso em: 25 out 2018.

BARBON, Júlia. 42% das mulheres relatam ter sofrido assédio sexual, aponta Datafolha. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/12/1945636-42-das-mulheres-relatam-ja-ter-sofrido-assedio-sexual-aponta-datafolha.shtml?loggedpaywall>>. Acesso em: 14/5/2019.

BRASIL (2006). Lei Maria da Penha - Lei Federal 11.340 de 7 de agosto de 2006, Presidência da República. Recuperado 21 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>>. Acesso em: 15 out. 2018.

BOCK, Lia. BFF da Geral. **Blog Estadão**. 13.04.2016. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/blogs/start/lideres-que-amamos-jout-jout-prazer/>>. Acesso em: 31 maio 2016.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 18 jun. 2019.

DR. CONSULTA. Como um psicólogo pode ajudar a superar um relacionamento abusivo. 4/08/2017. Disponível em: <<https://blog.drconsulta.com/como-um-psicologo-pode-ajudar-a-superar-um-relacionamento-abusivo/>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

EMENTA licença-maternidade. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/128502>>. Acesso em: 15 out. 2018.

FACEBOOK. Livre de abuso. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/livredeabuso/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

FACEBOOK. Mulheres que viajam e Mochileiras. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/parceirasdeviagem/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

FACEBOOK. Não foi ciúme. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/naofoiciume/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

FACEBOOK. Você não está louca. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/vocenaostalouca/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n.38. 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

IBGE. Projeção população brasileira. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>>. Acesso em: 25 out 2018.

INSTITUTO Maria da Penha. Disponível em: <<http://www.institutomariadapenha.org.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

LEI Carolina Dieckman. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12737.htm>. Acesso em: 25 out. 2018.

LEI feminicídio de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

LEI importunação sexual de setembro de 2018. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13718-24-setembro-2018-787192-publicacaooriginal-156472-pl.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

LEI Maria da Penha. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

MC DIGUINHO. Só surubinha de leve. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_brDu9ycur4>. Acesso em : 15 out. 2018.

MURARO, Cauê. Isabela Freitas, do best-seller 'Não se apega, não', celebra autoajuda juvenil. **G1**. 18.09.2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/09/isabela-freitas-do-bestseller-nao-se-apega-nao-celebra-autoajuda-juvenil.html>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

O GLOBO. Trilogia '50 tons de cinza' vendeu 70 milhões de cópias em 2012. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/trilogia-50-tons-de-cinza-vendeu-70-milhoes-de-copias-em-2012-7949444>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

OLIVA, Nathalia. Brasil tem onda de feminicídios no início do ano, com mais de 100 casos em 1 mês. **Último Segundo**. 7/3/2019. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2019-02-04/feminicidio-brasil-janeiro.html>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

ONU Mulheres. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/elesporelas/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

PFDC o que é gênero. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/pfdc/informacao-e-comunicacao/eventos/mulher/dia-da-mulher/verbet>>. Acesso em: 20 out. 2018.

PIUCCO, Priscylla; SOTER, Sofia. Relacionamentos abusivos. **Revista Capitolina**, 3/05/2014. Disponível em: <<http://www.revistacapitolina.com.br/relacionamentos-abusivos/>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

RELAÇÕES abusivas (vídeo). **Quebrando o tabu**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/1892893404100371/UzpfSTE0NjIzODI0MTQwNTUyMDI6MTg2NTYzMDEyMzczMDQyNw/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

SENADO NOTÍCIAS. Minoria no Congresso, mulheres lutam por mais participação. 7/03/2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/03/07/minoria-no-congresso-mulheres-lutam-por-mais-participacao>>. Acesso em : 24 jun. 2019.

UMA entrevista com Ana de Cesaro, youtuber e escritora. **Culturíssima**. 8.11.2015. Disponível em: <<http://culturissima.com.br/especial/uma-entrevista-com-ana-de-cesaro-youtuber-e-escritora/>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

VELASCO, Clara; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. Cresce o nº de mulheres vítimas de homicídio no Brasil; dados de feminicídio são subnotificados. Monitor da Violência. **G1**, 7/3/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de>>.

mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.shtml>. Acesso em: 24 jun. 2019.

VICENTE, Fernanda. 14 sinais de que você é vítima de abuso psicológico: o gaslighting. **Gelédes**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/14-sinais-de-que-voce-e-vitima-de-abuso-psicologico-o-gaslighting/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

VIEIRA, João. Não é não: campanha contra assédio vai espalhar tatuagens temporárias no carnaval. **Hypeness**, jan. 2018. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2018/01/nao-e-nao-campanha-contra-assedio-vai-espalhar-tatuagens-temporarias-no-carnaval/>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

YOUTUBE. Disponível em: <<https://www.youtube.com>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

YOUTUBE. Sobre o YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

ANEXO – Transcrições

Não tira o batom vermelho – Jout Jout (26 fev. 2015)

<https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg>

1 esse vai ser um vídeo tenso de gravar, mas eu vou conseguir, porque ele tem que existir...
2 ((vinheta))
3 eu estava conversando com uma mulher maravilhosa outro dia no Facebook... a gente
4 começou a falar de nossas experiências com relacionamentos abusivos que tivemos... e a
5 gente quase se abraçou virtualmente porque... e aí eu resolvi fazer um vídeo sobre
6 relacionamentos abusivos porque é uma coisa muito recorrente... mas geralmente você não
7 sabe que você tá num relacionamento abusivo... uma parte de você sabe... mas você meio que
8 não sabe ao mesmo tempo e pra recheiar mais esse vídeo eu fui num grupo maravilhoso que eu
9 participo no Facebook e pedi histórias de pessoas que já tiveram relacionamentos abusivos e
10 aí depois de ficar três horas chorando lendo essas histórias eu vou agora falar um pouco sobre
11 relacionamentos abusivos... vamos fazer isso com bom humor? vamos! primeira coisa... não
12 existe só relacionamento abusivo homem com mulher... homem sendo escroto com mulher...
13 mulher sendo coitada... pode ser o contrário também... eu pode ser mulher com mulher... eu
14 pode ser homem com homem... eu vou falar de relacionamentos entre homem e mulheres mas
15 você coloca aí o gênero que você quiser tá... nos artigos que eu for usar... tá bem? então tá
16 bem... mas Jout Jout... como eu vou saber se eu estou em um relacionamento abusivo? você
17 não sabe ou sabe mas você escolhe não saber então fique atento aos sinais... e quais são esses
18 sinais? vamos responder algumas perguntas aqui comigo... venha cá... venha cá... este sujeito
19 está te impedindo de sair com os seus amigos? ou está te colocando contra os seus amigos e os
20 seus familiares? ele já mandou você tirar o batom porque você estava com cara de puta com
21 este batom vermelho? ele já sacudi um guardanapinho na tua cara tira esse batom? ele já
22 controlou a distância das roupas que você vai usar ou o lugar que você vai usar essa roupa?
23 essa pessoa já te pediu pra excluir pessoas do seu Facebook ou Orkut na época áurea da vida?
24 ou essa pessoa já te impediu de falar na vida real com certas pessoas... sempre que vocês
25 brigam de alguma forma muito estranha que não é explicada você está sempre errada? E você
26 sempre acaba pedindo desculpa mesmo quando no início você tinha certeza que você tava
27 certa... mas rolou alguma coisa ali que ele falou que você falou... gente... acho que eu que tava
28 errada... será? e aí você olha pra trás e fala ih:::: todas as brigas que a gente teve na vida... ih::::
29 eu que tava errada... chantagem emocional... sempre uma boa pedida... ah:: acho que eu vou
30 terminar com você... termina... eu me mato... ele diz... e aí você fala eu não vou terminar...
31 não quero que ele se mate... não vou terminar... ele te faz de vez em quando se sentir burra...
32 feia... estúpida... inferior a ele e ele faz você acha que é uma benção ele estar ao seu lado
33 porque ninguém merece uma pessoa como você... mas ele aguenta... então você tem que ficar
34 pianinho porque se você perder aquele ali... você nunca mais vai conseguir ninguém... ele tem

35 vergonha de te beijar em público ou de estar com você em público em qualquer situação? não
36 querer demonstrar afeto em público é uma coisa a gente entende... ter vergonha de você em
37 público é outra coisa... ele faz uma merda colossal e aí você fala... você fez uma merda
38 colossal e aí ele chora... arrependido... profundamente e ele jura que aquilo nunca mais vai
39 acontecer novamente e que ele foi estúpido... e ele implora o seu perdão... hum hum... ele uma
40 vez queria transar e você não quis e ele ameaçou ir embora... terminar com você? quando
41 você conquista alguma coisa maravilhosa o rapaz fica triste porque você conquistou e ele não
42 conquistou e aí você para de ficar feliz por você e aí você fica triste e sentindo culpada porque
43 você foi melhor do que ele em algum momento? e aí chega aquele momento em que o sujeito
44 depois de te ter esculachado... esculhambado... termina com você e aí você fala... oh:: não... a
45 gente terminou por minha causa... eu fiz tudo errado... eu não merecia o amor dele que era
46 imenso... o jeito de saber se você tá passando por isso tudo... antes de você ficar com ele você
47 era uma pessoa felizinha depois de ficar com ele um tempo você está murcha como uma uva
48 passa e você está chorando por qualquer coisa e as pessoas estão falando ei... esse menino não
49 tá te fazendo bem não, você fala lógico que tá ele é ótimo ele é super... ele... ele me ajuda em
50 várias coisas ele... entendeu? o relacionamento é construído de forma tal que ele faz você
51 achar que só ele no mundo poderá te amar e te tratar bem... mesmo ele não te tratando bem... e
52 você nunca vai achar alguém que goste de você porque você é esquisita... porque você é suja...
53 porque você é uma puta... mas ele... te aceita como você é e então... se você terminar com
54 ele... você está condenada a uma vida solitária porque ninguém vai querer você e aí você vai
55 ficando ali... preso naquela teia de manipulação sem fim achando que você tem que estar ali
56 porque é a sua última salvação... porque se você perder aquele relacionamento... você vai ficar
57 sozinha para sempre isso não é verdade... isso não é verdade nem por um segundo... ele te
58 bota numa bolha tão louca de que tudo que não é ele é ruim que você começa acreditar nisso e
59 aí você começa a não conseguir interagir com ninguém e o seu emocional fica dependendo
60 dele... não pode ficar feliz sozinha, você tem que ficar feliz com ele só... como é que pode
61 uma coisa dessa... se ele morrer... acabou a felicidade... não pode mais ser feliz... não tem
62 mais isso de ser feliz, cabou... se um rapaz acha que pra você ficar bem você precisa dele...
63 começamos errado... se o sujeito tem a necessidade de te diminuir para que ele possa ficar
64 grande... maravilhoso ao seu lado... talvez não seja um bom relacionamento pra você estar
65 metida... às vezes você se dá conta de que tá errado aquilo aí você fala... acho que vou sair
66 desse namoro aqui... mas aí você fala... poxa... mas nós temos uma história tão linda pra quê
67 desperdiçar... ah:: mas eu vou jogar fora anos de relacionamento por uma coisinha boba
68 dessa... quem nunca levou um tapinha na cara... eu não quero terminar com ele pra não ficar

69 sozinha... não é um bom motivo também pra não terminar... você não precisa estar com
70 alguém pra ser uma pessoa feliz e completa... você pode estar só com você... a gente fica
71 ouvindo essas músicas brasileiras que nos dizem que é impossível ser feliz sozinho... não é
72 impossível ser feliz sozinho... inclusive só é possível ser feliz com alguém quando você
73 consegue ser feliz sozinho... uol:::: arrasei agora... ah:: e mais... relacionamento abusivo não é
74 igual a tapa na cara... você pode ser abusada psicologicamente ou sexualmente porque estupro
75 não é só de cara esquisito na rua que vem te enfia o peru... estupro pode ser dentro de casa...
76 com o seu namorado... então por favor... se você conhece alguém que está em um
77 relacionamento abusivo... avisa essa pessoa porque essa pessoa não sabe ou essa pessoa está
78 em negação porque geralmente é assim que a gente fica quando estamos sofrendo coisa
79 porque a gente fica achando que merece aquele sofrimento porque nós somos vadias... sujas...
80 burras... estúpidas... que merecem sofrer pra aprender a valorizar um homem de verdade...
81 então avisa pra ela que isso não é verdade que não precisa de nada disso... tá bem? vamos sair
82 disso... se precisar de ajuda... estamos aí... ah:: e você que tá achando que tá super gostoso...
83 super poderoso porque tá controlando uma pessoa... né? ((trilha de fundo))

Se valoriza mulher – Ana de Cesaro (2 mar. 2015)

https://www.youtube.com/watch?v=_iawrIC273E&itct=CA4QpDAYBCITCJGVyuzR8NgCFWssfgodf98IZjIHcmVsYXRlZEihqeWd57Dt7-kB&app=desktop

1 e aí povo... tudo bom com vocês? estou na internet novamente... então agora eu posso gravar
2 vídeo... aliás... o compromisso é... já que estamos na semana da mulher... vamos gravar um
3 vídeo por dia... esse é o compromisso...é o desafio e vamo ver se a gente chega lá...hoje eu
4 vou conversar com vocês sobre um assunto muito pertinente às mulheres... aliás não só
5 mulheres mas homens também...mas mulheres sofrem muito com isso... cara... e eu vi um
6 vídeo hoje chamado *Não tire o batom vermelho*... e aí eu achei esse vídeo tão sensacional...
7 tão maravilhoso... tão assim me identifiquei com ele que eu achei preciso falar sobre isso
8 também... então hoje nós vamos falar sobre os relacionamentos abusivos relacionamentos....
9 como é que é o nome da palavra? opressores não é... acho que abusivos é a palavra... porque
10 eu me identifiquei muito com esse vídeo... me identifiquei muito com tudo o que ela falou
11 porque adivinha... vamos ver se vocês adivinham... Ana Maria passou por isso... sim... vocês
12 me vêem hoje em dia maquiada... pra quem não me conhece... vê hoje em dia eu toda
13 maquiada...batom vermelho... inclusive esse batom vermelho é meu...tipo... quando na minha
14 vida eu fui imaginar que eu ia ter um batom no meu nome... mas eu nem sempre fui assim... e
15 já passei por muitos problemas que eu acredito que muita gente passa... então nós vamos
16 conversar isso hoje... eu vou conversar com você mulher... não se deprecie mulher... não
17 aceite um homem que faz de você gato e sapato... muitas vezes quando a gente tá num
18 relacionamento abusivo... na maioria das vezes com um homem inseguro... ele faz questão de
19 nos botar cada vez mais pra baixo pra que ele se sinta melhor... pra que ele se sinta o fodelão
20 comelão da parada... aí::“eu domino essa mulher... ela é inferior a mim”... e sabe que que é o
21 pior? eu vi uma vez uma cena de um filme chamado *Uma linda mulher* em que a Julia
22 Roberts fala uma frase que assim ó:: define a vida de quem passa por esse tipo de coisa... as
23 pessoas te botam tão pra baixo... mas tão pra baixo... mas tão pra baixo... que chega um
24 momento que você começa a acreditar e esse é o grande problema do relacionamento
25 abusivo... eu tava num relacionamento que o cara não gostava que eu desse risada e é uma
26 coisa que eu adoro... adoro dar risada tipo muito alto ((gargalhada)) eu gosto disso... eu gosto
27 de dar risada alto... eu gosto de falar alto... eu gosto de fazer piada... faço muita piada... eu sou
28 tipo... aengraçadinha...e ele não gostava nada disso... ele não gostava que eu fizesse os vídeos
29 pra internet... no nosso âmbito familiar... no nosso âmbito de casa... eu era sempre a pior
30 pessoa do mundo... o meu trabalho era ruim...qualquer pessoa podia me substituir... ele não
31 gostava que eu usasse batom...e começava a fazer todas essas coisas e me botar tão pra baixo
32 que eu comecei a acreditar que eu era uma merda... eu comecei a pensar...“nossa... realmente
33 eu sou a pessoa mais ridícula da vida... realmente nenhum homem vai querer ficar
34 comigo”...e... não vou engasgar pra gravar essa porra desse vídeo... era muito complicado

35 porque além dessa pressão psicológica toda de dizer que eu não era uma pessoa boa... chegava
36 um ponto que eu não era uma mulher aceitável...eu era uma mulher feia... eu era uma mulher
37 louca... eu era uma mulher que nenhum homem ia querer aguentar e somente ele me
38 aguentava... nenhum homem ia querer ficar comigo... somente ele ia querer ficar comigo...
39 então que comecei a me sentir tão merda... tão assim...“nossa senhora... eu sou realmente a
40 pessoa mais feia do mundo... nossa senhora... realmente eu sou a guria mais ridícula...estúpida
41 do mundo... eu tenho que agradecer por ter esse cara na minha vida porque se eu não tiver ele
42 eu vou ficar sozinha pro resto da vida” e esse é o segundo problema... quando a gente tá num
43 relacionamento assim a gente acaba acreditando que estar sozinho é uma coisa ruim... a gente
44 começa acreditar que estar sozinho é o fim do poço...eu lembro que ele dizia pra mim“se tu
45 terminar comigo... tu nunca mais vai”... eu vou tentar não... como é que eu posso dizer... vou
46 tentar não expor muito o cara... mas ele dizia assim...“se tu terminar comigo... tu nunca mais
47 vai trabalhar em lugar nenhum porque eu sou influente em todos os espaços e eu vou proibir
48 as pessoas de te contratarem” e aí eu comecei a me apavorar porque além de ficar sozinha pro
49 resto da vida eu não ia trabalhar com o que eu amava... aí... meu Deus... o que que acontece...
50 só que sabe que que é mais legal? eu fiquei com ele sete anos... depois de cinco anos
51 infelizes... acho que os dois primeiros anos eram bons e nos outros eu ficava sempre botando
52 uma condição... ah:: quando minha mãe e minha irmã vierem morar aqui eu vou terminar....::
53 ah quando eu chegar a tal nível do não sei o quê eu vou terminar... ah|:: quando acontecer tal
54 coisa eu vou terminar...e essas coisas iam acontecendo e eu nunca terminava... eu achava
55 que...“meu Deus é isso aí mesmo... é isso que eu tenho que aguentar porque eu não mereço
56 nada melhor” e eu acabava aguentando e eu tinha muito medo de ficar sozinha... eu achava
57 que ficar sozinha realmente era o fim do poço... o fundo do poço... quando eu tive coragem de
58 terminar com esse cara... tive coragem de mudar minha vida inteira... vocês muito bem sabem
59 o que que aconteceu... eu decidi terminar com esse cara... largar tudo pra trás... ir pra são
60 Paulo e São Paulo um ano e meio valeu mais do que... sei lá... dez anos de amadurecimento
61 porque eu me tornei uma mulher extremamente feliz... eu me amo do jeito que eu sou... eu me
62 livre de todo peso que eu engordei enquanto eu tava com ele... comecei a ficar mais vaidosa...
63 me amar do jeito que eu sou... gostar de me maquiar... gostar de me cuidar... eu me tornei uma
64 feminista fervorosa porque eu sei que foi isso que me salvou... foi o fato de eu pensar
65 “poxa...não é porque eu sou mulher que eu sou inferior a ele” ou “poxa... eu não preciso ficar
66 agradando um homem pra ser feliz... eu posso ser feliz por mim”então foi um momento muito
67 feliz na minha vida e eu tô compartilhando essa história... eu vou deixar o vídeo pra vocês...
68 botar aqui... vou deixar o vídeo pra vocês assistirem porque é um vídeo que vale muito a pena

69 assistir... eu assisti muito emocionada... cada vez que ela falava... eu falava “é::” eu tava com
70 café eu brindava com o computador...eu falava “amém irmã” porque só quem passou por um
71 relacionamento abusivo sabe a situação que é porque a gente tá infeliz... mas a gente mente
72 pra nós mesmas pensando assim...“não... eu tenho sorte por tá com ele porque eu estaria
73 sozinha” mas a grande novidade é... eu vou falar pra vocês agora... é... eu tô solteira há
74 dois anos... tá... e eu tô infinitamente mais feliz do que naquele relacionamento... porque eu me
75 amo... eu amo a minha vida e parece coisa de solteira triste... né... porque as pessoas dizem “ai
76 que papo de solteira triste” mas não é... eu realmente tô muito feliz do jeito que eu tô... com a
77 carreira que eu tenho e sinceramente não vale nem um pouco a pena eu tá com uma pessoa
78 que não me trate bem...e aqui em casa... essa felicidade que eu tenho atualmente... então o
79 vídeo hoje é pra indicar pra vocês assistirem esse vídeo... contar minha história e dizer que
80 relacionamento abusivo não ajuda ninguém... relacionamento abusivo só termina com a nossa
81 vida... eu sou a prova viva de que quando a gente se liberta disso a gente começa a se amar... a
82 gente começa a se bastar e correr atrás dos próprios sonhos... é muito bom... é uma felicidade
83 que nos preenche... é uma coisa que nos deixa completa...e realmente pra gente conseguir ser
84 feliz com outra pessoa a gente primeiro tem que conseguir ser feliz sozinho... a gente tem que
85 conseguir viajar sozinho...a gente tem que conseguir ir pra um bar sozinho... a gente tem que
86 conseguir passar um fim de semana sozinho e gostar disso... porque isso significa que a gente
87 se entende... que a gente se ama como a gente é e a gente não precisa de outra pessoa pra
88 isso... aí a outra pessoa não chega pra completar...ela chega simplesmente pra adicionar algo
89 que tu já tem... então assistam ao vídeo... mulheres...hoje é o nosso primeiro dia da semana da
90 mulher... assistam o vídeo... não tirem o batom vermelho...se vocês quiserem esse batom
91 inclusive está o link aqui embaixo... não tirem o batom vermelho... e se você está num
92 relacionamento abusivo dum homem que não te valoriza... dum homem que te faz sentir como
93 se tu não bastasse... sai desse relacionamento cara... sem medo de “ai meu Deus vou ficar
94 sozinha” porque primeiro... eu acho muito difícil que isso aconteça de ficar sozinha pro resto
95 da vida mas segundo... se você estiver sozinha se amando é melhor do que qualquer momento
96 com essa pessoa que te faz mal... essa é a minha dica... se valoriza mulher e termina com esse
97 cara...segue em frente... seja feliz... venha pro mundo do batom vermelho... do feminismo e
98 vamo ser feliz... tá bom? um beijo... até amanhã... hasta la vista baby

Relacionamento abusivo – Isabela Freitas (20 mar. 2016)

<https://www.youtube.com/watch?v=bMVeWWHFbAg>

1 tá gravando? ha... oi gente... tudo bom com vocês? meu nome é Isabela Freitas e estou aqui
2 né... um pouco de eco nesse quartinho e olha que esse é o menor quarto aqui no meu apê...
3 mas infelizmente vai dar um pouquinho de eco porque não tem móvel nenhum ainda e vocês
4 sabiam que o eco é porque não tem móvel...então quando você vai colocando os móveis para
5 o eco... oh:: Isabela também é cultura... desculpem... eu amo vocês... isso é só o início de um
6 longo amor que é o nosso amor né... hoje eu vim aqui com essa blusa aqui que cai um pouco...
7 eu acho que eu tenho uma coisa com blusas que caem né...eu acho que esse é um tema que
8 muita gente me pede... muita gente me manda e-mail pedindo conselho e eu quando eu leio e-
9 mail eu já olho e falo...“relacionamento abusivo” só que a pessoa não sabe... ela me pede
10 conselho perguntando alguma coisa do namorado mas sem saber que na verdade aquilo ali é
11 um relacionamento abusivo que ela tá precisando sair daquilo ali correndo... ela quer
12 conselho... quer saber onde ela tá errando... então vou te falar uma coisa... minha amiga e meu
13 amigo... você não está errando... talvez o seu único erro seja achar que a pessoa que está do
14 seu lado é perfeita e que o idiota é você... isso daí resume todo um relacionamento abusivo...
15 pra quem não sabe... o que que é um relacionamento abusivo? relacionamento abusivo... pelas
16 minhas palavras... é quando você deixa de fazer alguma coisa pelo seu namorado... é quando
17 você tem limitações no seu dia a dia por causa de um relacionamento... quando você tem que
18 mudar quem você é por causa da pessoa que você tá se relacionando... é quando você tem
19 medo... angústia... você se sente menor que a pessoa que você tá se relacionando... você se
20 sente inferior e principalmente você acha que nunca... mas nunca vai achar alguém melhor do
21 que essa pessoa pra você... acha que essa pessoa é o topo da sua vida... dela você não passa...
22 meu amor... você passa... vídeo sobre relacionamento abusivo da Jout Jout eu acho que o que
23 ela fala de batom vermelho se não me engano... vou deixar o link aqui na bio também... sou
24 muito fã dela... ela falou sobre esse assunto muito bem... assistam esse vídeo... mas eu quero
25 falar também do meu jeitinho e pro meu público que são pessoas que sempre me pedem e
26 querem saber minha opinião sobre isso... parece que a gente sofre uma lavagem cerebral...
27 você começa a ficar louca... e você não quer escutar conselho de ninguém... você acha que as
28 pessoas tem... sei lá... inveja do seu relacionamento... as pessoas não te entendem...
29 principalmente acha que as pessoas não entendem a pessoa que você tá se
30 relacionando ...((muda voz))“você não conhece ele... ele é ótimo... ele... assim... ele me
31 espanca quando eu chego em casa... mas no outro dia ele leva ((incompreensível)) na cama...
32 ele é um amor... ele é um amor”... ah:: ele é um amor com certeza... um amor mesmo ele...
33 isso é muito sério... muito sério... nem falei aqui de te bater... de te agredir... porque agressão
34 gente... não é só a física... a física é muito séria e você tem que ir à polícia... por favor...

agressão ela pode ser verbal e muitas vezes relacionamentos abusivos... as pessoas que abusam ((incompreensível)) de outras... agredem verbalmente o tempo inteiro... elas te humilham... te chamam de vadia... gorda... feia... fala que você nunca vai arrumar ninguém... ela te faz se sentir inferior... é muito barulho de carro... pra uma Isabela só... os homens também podem sofrer com isso...tô falando pra mulher e eu tô falando o que eu conheço... um homem xingar a menina que ela é puta... que ela usa roupa de puta... que não pode usar aquela saia...que não pode usar aquela calça... que não pode usar batom vermelho... eu uso sim batom vermelho... não pode usar muita maquiagem... é querer o tempo todo restringir... é te fazer ser um robô que foi... sei lá... programado pra ser a namorada dele... a namorada perfeita que é o que aquela pessoa que não tem opinião... não tem personalidade... que fala baixinho... tem medo do que fala... que fala e olha pra ele esperando aprovação... gente...saí dessa... se você tá se identificando com as coisas que eu estou falando... pelo amor de Deus... pega o seu celular faz sabe o quê? manda uma mensagem pra ele assim... acabou... não encontra pra acabar não...sabe acabou... não tem justificativa cara... relacionamento abusivo vai acabar com a sua vida pouco a pouco porque ele vai te tirando a vontade de viver... ele vai tirando a vontade de você se cuidar... ele vai tirando a vontade às vezes de você colocar uma roupa que te deixa sexy... ele tira a vontade de pintar o cabelo de loiro porque ele fala que loiro é puta...para... por favor... que é uma pressão emocional... te trai... você descobre que ele te traiu lendo uma mensagem de celular dele... que que ele faz? ele inverte o jogo... fala que você invadiu a privacidade dele... que você é uma louca... ciumenta... psicopata... que você está surtando...e aí ele vai jogar toda a culpa da traição dele em cima de você...quando você vê você já tá assim...“gente... realmente eu sou assim... sou uma louca... tenho que ser enterrada num hospício” ele já mudou todo o sentido da discussão não aceita isso... não mude por ninguém... seja mais você...se ame... por favor... não seja escravo ou escrava de um relacionamento abusivo... você se anula tanto mais tanto mais tanto que você deixa de existir...você passa a ser... sei lá... a sombra daquela pessoa... você quer ser a sombra de alguém? você não quer isso pra você... e assim... quanto mais tempo você vai ficando nesse relacionamento abusivo... mais difícil de sair porque você... é o encantamento mesmo... parece que a pessoa faz uma como é que chama gente...aquele trem que.. hipnotiza parece que ela te hipnotiza... eu te pertenço... você é a melhor pessoa do mundo... eu nunca mais vou achar ninguém melhor do que você... realmente obrigada amo... você é muito bom pra mim... parece aquelas histórias da Disney sabe... que a pessoa chama o outro de amo igual... sei lá... acho que era o Aladim que o papagaio chama o... Jafat de amo...adoro aquele papagaio...só falta você chamar a pessoa de senhor... de amo... como se a pessoa fosse... sei lá... o seu lorde e te mandasse... gente... isso já

69 passou... baixar cabeça pra quem? pra mãe... pai... que pariu a gente... mãe que pariu... pai
70 que ajudou ali a parir com é... os negocinhos que entram... eu não vou contar isso pra vocês...
71 não quero acabar com o sonho de vocês da cegonha... se você se identificou com tudo isso que
72 eu falei... para pra pensar...repensa sua vida... você é sim bonita... você que manda na sua
73 vida... você pode ser amiga de quem você quiser... você pode ser mulher e ficar bêbada num
74 barzinho... falar alto... você pode ser mulher e beber cerveja e arrotar... você pode ser mulher
75 e cair na balada de tão louca que você estava... você pode fazer o que você quiser... você pode
76 dançar até o chão... você pode sair com uma saia curta e mesmo assim não querer ficar com
77 ninguém... você pode tudo... você pode gostar de futebol... você pode ir no estádio... você
78 pode xingar... você pode... você pode...não existe isso de não poder... não existe isso de você
79 não poder ter amigos... não existe isso de você não poder ter rede social... não existe isso da
80 pessoa pegar o seu celular e ler todas as mensagens... não existe isso... não existe uma pessoa
81 que vai controlar todas as suas ações... todas as suas... tudo que você... cara ((vruch)) meu
82 Deus para... eu fico muito triste de saber que tem gente que vive nessas condições... que às
83 vezes você acha que isso é o máximo que você vai conseguir na sua vida... isso não é o
84 máximo... isso não é nem o mínimo... o mais difícil talvez seja você identificar que você tá
85 num relacionamento abusivo... às vezes você não percebe... mas ele grita com você... ele te
86 chama de nomes que você não gosta? ele te faz você se sentir mal com a sua aparência... com
87 seu corpo... com as roupas que você veste... ele te priva de alguma coisa? ele já te lançou
88 aqueles olhares... tipo... quando a gente chegar em casa você vai ver... uma coisa dessa já é o
89 início de um relacionamento abusivo... isso daí se você permite que essa pequena coisinha
90 aconteça... ah:: “mas ele só fez isso... tá tudo bem”... você permite... isso daí vai fazendo
91 assim ó ((faz sinal com a mão de aumentar)) o exemplo que eu tive de relacionamento abusivo
92 foi... quando eu era mais nova tal eu tinha um namoradinho... a gente começava a brigar e ele
93 me xingava...“vai tomar no meio do seu... vai se fuder”... e minha mãe desconfiava daquilo...
94 um dia pegou o telefone e ouviu ele me xingando daquele jeito... ela chegou pra mim... me
95 deu um conselho que eu lembro até hoje... eu falo ele até hoje pras pessoas que é...“não aceite
96 que uma pessoa te xingue porque dali faz pior”... isso aí abre a porta da falta de respeito e
97 depois disso... você não consegue segurar mais... perdeu o respeito perdeu tudo... nesse
98 relacionamento de quando eu era mais nova... esse menino começou me xingando... eu achei
99 que até ali fosse uma coisa pequena... isolada... na época não entendia direito o conselho da
100 minha mãe... passou um tempo ele já tava socando as coisas... quando ele ficava com raiva
101 começava socar as coisas... eu achava que uma hora ele ia me socar... ele me sacudia...
102 apertava meu braço... aquilo ali ia sair com certeza uma agressão física... ainda bem que eu

103 terminei esse relacionamento a tempo e eu nunca presenciei essa agressão... uma pessoa que
104 te trata bem... que valoriza sua personalidade... os seus gostos e que gosta de você assim...
105 desse jeitinho... isso é o normal... é o que se deve procurar... o que você deve ter... então por
106 favor... moto... passa logo... se você tá num relacionamento abusivo... saia dele... não aceite
107 isso porque você merece muito mais... não aceite nunca que alguém cale a sua voz... e eu vim
108 aqui pra falar isso pra você porque eu acho que é muito importante que você saiba disso... não
109 se esqueça nunca... assista esse vídeo quantas vezes for possível pra entrar na sua cabeça...
110 você voltar a ser quem você já deveria estar sendo que é você... você 100% você... se você
111 passar por isso... deixa aí nos comentários a sua história... conta pra gente... se você já saiu
112 dessa... conta pra gente também... se você tá querendo sair dessa... conta... conta tudo... a
113 gente conversa nos comentários porque aqui a relação ó é ((joga beijo))de brother...de amigo...
114 então eu sei que eu vou te ajudar... mas se eu não tiver aí nos comentários respondendo...
115 alguém inscrito aqui do canal vai te ajudar... espero que esse vídeo ajude... conforte seu
116 coração... foi gravado com muito carinho pra vocês... não se esqueçam de se inscrever no
117 canal... tá bom? porque os inscritos recebem a notificação sempre que tem vídeo novo... e dá
118 uma curtida aí... conta 15 mil likes nesse vídeo porque naquele que eu pedi 15 mil likes a
119 gente não conseguiu... a gente tá fraco... pra mostrar a nossa força... quero muita curtida nesse
120 vídeo... 15 mil é a nossa meta... fechou? fechadinho? hahaha ridículo... o que que foi isso...
121 ha... um beijo... amo vocês... obrigada por estarem aqui comigo e não esqueçam de me seguir
122 em todas as minhas redes sociais... tá tudo aqui embaixo tá bom? beijo tchau

Relacionamento Abusivo e Violência Doméstica: Minha História – Mari Morena (8 mar. 2017)

<https://www.youtube.com/watch?v=6tScAd-zoEI>

1 oi pessoal... hoje eu vou tentar aqui uma... um vídeo que eu sei que vai ser o vídeo mais difícil
2 que eu faço pra esse canal e vamo ver se eu consigo filmar ele até o final... eu vou tentar ser
3 bem direta então... no começo de 2016 eu saí de um relacionamento abusivo eu comecei a sair
4 de um relacionamento abusivo... desde que eu saí desse relacionamento eu quero falar mais
5 sobre isso com vocês e sempre foi a minha intenção fazer um vídeo sobre isso mas... demorou
6 esse tempo todo pra eu conseguir ligar a câmera e... abrir a boca pra falar sobre esse assunto...
7 até hoje ainda é muito difícil pra mim falar sobre isso seja com as minhas amigas ou com... sei
8 lá psicólogas imagina com milhares de pessoas na internet... quis fazer esse vídeo
9 principalmente por dois motivos um porque eu acho que ele pode ajudar outras pessoas que
10 estejam ou estavam na mesma situação que eu tava quando eu tava tentando sair do
11 relacionamento abusivo do qual eu saí recentemente eu busquei o youtube já que... né... eu já
12 trabalhava com isso então eu buscava no youtube ajuda também eu procurava vídeos e relatos
13 de outras pessoas e eu espero que esse meu relato possa ajudar alguém aí fora... se ele ajudar
14 uma pessoa pra mim esse vídeo já valeu a pena e também porque eu queria muito conseguir
15 fechar um pouco esse capítulo na minha vida é claro que eu sei que eu não sei... eu não sei se
16 um dia vou conseguir realmente fechar esse capítulo porque é uma coisa que eu acho que vai
17 meio que me perseguir pela minha vida por bastante tempo mas... é:: eu queria pelo menos é::
18 conseguir fazer esse vídeo tipo fechar isso na minha cabeça sabe... para começar eu quero
19 falar com vocês sobre como eu percebi que eu tava num relacionamento abusivo porque eu
20 acho que várias pessoas têm dificuldade pra perceber isso... eu também tenho que falar pra
21 vocês e deixar bem claro que esse não foi o primeiro relacionamento abusivo do qual eu tive
22 que sair... eu já tinha saído de outro relacionamento abusivo antes e:: é como a maioria de
23 vocês sabem eu sou bissexual então o primeiro relacionamento abusivo que eu tive foi com
24 uma mulher e esse segundo relacionamento abusivo que eu tive... que foi o mais recente o que
25 eu vou falar mais para vocês hoje é... foi com um homem por muito tempo eu achei que eu
26 tava em um relacionamento ótimo que pra mim não tinha nada de errado... mas na verdade
27 tinham várias coisas que aconteciam e que eu só ignorava eu... ou talvez não queria enxergar
28 como abusivas... os primeiros sinais pra mim de um relacionamento abusivo era quando ele
29 bebia e ele ficava muito agressivo então... ele é:: tacava as coisas no chão tacava as coisas na
30 parede ele... é... socava a parede socava as coisas ou então ele batia a cabeça nas coisas e hoje
31 eu percebo estas coisas como sinais do que vem acontecer depois mas na época eu acho que
32 eu só não prestei tanta atenção não dei tanta importância pra isso... aí com um pouco menos
33 de um ano de relacionamento ele me bateu pela primeira vez e eu não quero entrar em
34 detalhes sobre isso porque eu acho que nem vou conseguir entrar em detalhes eu só vou tipo

35 desabar em lágrimas mas... é:: eu tenho total consciência de que naquele dia naquela noite
36 quando ele me bateu pela primeira vez se eu não tivesse conseguido literalmente fugir... ele
37 poderia ter me matado... isso é uma coisa muito difícil de perceber e de admitir que a pessoa
38 que você ama e que você tem como... seu companheiro podia ter te matado sabe... que quase
39 te matou... pra mim era meio difícil acreditar que aquilo tinha acontecido comigo só parecia
40 que eu tava meio que vivendo um pesadelo horrível sabe... e aí depois desse fato depois que
41 ele me agrediu pela primeira vez tudo começou a ficar um pouco mais claro na minha cabeça
42 sabe... eu comecei muito lentamente a identificar outros tipos de abuso e outros sinais que já
43 tavam aparecendo é:: antes e depois disso acontecer... depois que ele me bateu pela primeira
44 vez eu ainda fiquei num relacionamento com ele por mais três anos... sofrendo abuso e
45 apanhando e sim... eu já tive muita vergonha disso muita vergonha mesmo porque... eu
46 sempre soube que eu tinha que sair daquele relacionamento... eu já tinha oferecido apoio para
47 mais de uma amiga antes que tinha passado uma situação de violência doméstica então eu
48 sabia na minha cabeça que eu precisava sair daquele relacionamento mas só não é tão simples
49 e pra mim quando eu sentia a dificuldade de sair daquele relacionamento e eu vi que eu não
50 tava conseguindo fazer isso eu só me sentia fraca e eu tinha vergonha disso sabe... e hoje eu
51 falo isso sem vergonha nenhuma porque eu tenho total consciência de que nada do que
52 aconteceu comigo foi minha culpa em nenhum momento absolutamente nada do abuso que eu
53 sofri da violência que eu sofri foi minha culpa porque a culpa nunca é da vítima... e por mais
54 que eu soubesse disso também naquela época e que eu falasse isso pra outras pessoas é muito
55 mais difícil você se lembrar disso quando você tá passando por isso sabe... você acaba
56 assumindo uma certa culpa mesmo sabendo que a culpa não é sua... se alguém tiver passando
57 por uma situação semelhante eu acho que vai conseguir entender um pouco melhor... eu
58 entendo quando a maioria das pessoas que quando dá conselhos pra pessoas que estão é:: em
59 situação de violência doméstica ou de relacionamento abusivo no geral... elas falam tá... você
60 precisa sair desse relacionamento e eu entendo isso como um conselho muito importante mas
61 ao mesmo tempo isso coloca uma pressão muito grande na vítima sabe... como se você ou
62 você não sair daquele relacionamento que isso tá acontecendo com você... mas não é isso a
63 culpa nunca é sua... não sinta culpa por sentir que é difícil sair de um relacionamento
64 abusivo... não é só pra você que é difícil foi difícil pra mim e foi difícil também pra maioria
65 das pessoas com quem eu já conversei sobre esse assunto e que passaram por situações
66 semelhantes... como que foi pra mim sair desse relacionamento abusivo... chegou um ponto
67 em que eu só pensei que eu tinha dois caminhos ou eu passava o resto da minha vida
68 apanhando :: sofrendo abuso porque... eu não conseguia ver como aquilo podia mudar dentro

69 do relacionamento só não tinha... nenhuma esperança de que aquilo ia mudar porque nada
70 tava acontecendo pra aquilo mudar... e a outra opção é claro... eu saí desse relacionamento e
71 tentar reconstruir a minha vida... nesse momento o apoio das minhas amigas foi extremamente
72 importante pra mim... por mais que eu soubesse de tudo que elas me falavam eu já sabia tudo
73 aquilo... é importante às vezes a gente ouvir de novo e de novo e de novo e de novo e de
74 novo... porque isso ajuda a dar forças pra gente sabe... então... eu digo pra você que se você tá
75 passando por uma situação semelhante o maior conselho que eu posso te dar é... procure apoio
76 não sofra sozinha não sofra calada você não é a única pessoa é... que está passando por isso e
77 isso foi uma coisa que foi ficando muito óbvia pra mim quanto mais eu falava com as pessoas
78 sobre isso a pessoa sempre tinha um retorno do tipo... eu também passei por uma coisa
79 semelhante e... eu sentia também que se eu não tivesse começado a conversa talvez aquela
80 pessoa nunca teria me contado o que tinha acontecido com ela sabe... então às vezes a gente
81 tem tipo um grupo de amigas em que tá todo mundo passando por coisas semelhantes só que
82 ninguém tá falando sobre isso... e aí precisa de uma pessoa pra quebrar esse silêncio pra poder
83 é:: sair de uma cadeia de abuso pra virar uma cadeia de apoio... como eu falei pra vocês antes
84 eu sei que muita gente dá o conselho principal de... você precisa sair desse relacionamento e
85 eu concordo com esse conselho mas eu dou outro conselho pra você... pra você não se sentir
86 culpada se você não consegue sair desse relacionamento agora... e o que você pode fazer
87 agora é procurar apoio procurar ajuda procure suas amigas... sua irmã sua mãe sua prima
88 qualquer pessoa qualquer mulher que você tenha perto de você e conversa sobre isso... porque
89 essa pessoa pode tentar de alguma forma te ajudar e se você tá no outro lado da moeda então
90 se você não tá nessa situação mas você conhece alguém que esteja... eu te peço por favor
91 ofereça todo o apoio que você puder pra essa pessoa... apoio incondicional porque você pode
92 fazer... você pode simplesmente mudar a vida dessa pessoa e salvar a vida dessa pessoa não
93 vamos esperar as mulheres morrerem pra gente começar a ajudar elas sabe... a gente vê o
94 tempo todo notícia e também não notícia porque eu acho que um terço dessas coisas que
95 acontecem e devem realmente virar notícia de mulheres que são mortas pelos seus
96 companheiros... mortas pelos seus parceiros e muitas vezes essas mulheres que são mortas
97 elas já prestaram é:: queixa várias vezes na polícia ela já estavam falando sobre serem
98 agredidas ela já tavam tentando pedir ajuda e as pessoas só não fizeram nada... por favor no
99 dia internacional da mulher eu peço pra vocês pra usarem esse dia pra pararem de não fazer
100 nada... não vamos esperar que as mulheres não vão pra gente achar que a gente tem que fazer
101 alguma coisa... a gente pode ajudar antes de chegar a uma situação drástica dessa... ofereça
102 seu apoio... ofereça sua ajuda... ofereça sua casa se ela precisar sair do lugar onde ela tá

103 ofereça as suas palavras se ela precisar ouvir palavras de apoio porque você pode fazer toda a
104 diferença na vida dessa mulher e:: você pode salvar a vida dela também... uma coisa que me
105 deu muita força pra conseguir sair esse relacionamento também era que eu pensava que eu
106 tava me decepcionando sabe... eu pensava... imagina se a mariana com 12 anos me visse agora
107 o que que ela ia pensar... eu acho que ela ia ficar muito decepcionada sabe... porque eu
108 quando era criança quando era mais nova eu não pensava em mim adulta como uma pessoa
109 que tava apanhando... como uma pessoa que é:: tava infeliz... eu pensava em mim como uma
110 mulher forte uma mulher independente uma mulher que consegue fazer o que quer uma
111 mulher que não fica... dependendo de homem nenhum e nem é:: com medo de homem
112 nenhum nem apanhando de homem nenhum e:: eu pensava nisso isso me dava muita força
113 porque eu não queria me decepcionar sabe?... e eu sentia que se eu não fizesse isso por mim
114 mesma eu estaria me decepcionando... e:: a gente tem que pensar na gente nessas horas não
115 nas outras pessoas mas no que a gente quer pra nossa vida... e eu sabia que continuar naquele
116 relacionamento sofrendo do jeito que eu tava totalmente não era o que eu queria pra minha
117 vida... daqui pra frente pra mim tudo ainda é muito difícil de lidar é:: demorou esse tempo
118 todo mais de um ano que eu saí desse relacionamento só pra eu conseguir vir aqui e falar com
119 vocês sobre isso porque eu acho que se eu tivesse tentado fazer isso tipo... há alguns meses
120 atrás... eu não teria nem conseguido abrir a boca porque eu ia só parar na frente da câmera e
121 começar a chorar compulsivamente... então a dor de estar num relacionamento abusivo e::
122 sofrer violência doméstica é uma dor que não acaba quando o relacionamento termina... isso é
123 uma coisa muito triste de dizer mas é a verdade eu sei que essa dor ela vai me acompanhar
124 ainda por muito tempo eu já falei com vocês em outros vídeos no meu canal de vlog que...
125 tem dia que eu acordo um pouco melhor tem dia que eu acordo um pouco pior tem dia que é
126 mais difícil lidar com isso que tem dia que é um pouco mais fácil lidar com isso... e:: eu já
127 procurei ajuda eu já comecei a fazer terapia e pra tentar lidar um pouquinho melhor com
128 isso... eu ainda não acho que eu achei uma terapeuta que realmente tenha conseguido me
129 ajudar então se você tiverem indicações de terapeutas no Rio de Janeiro que... é:: seja meio
130 que especializado em pessoas que passaram por situações de abuso e violência doméstica...
131 por favor... mandem pra mim porque eu ia adorar saber as indicações de vocês... eu sei que eu
132 ainda tenho muita coisa pra trabalhar e pra conseguir realmente me recuperar de fato do que
133 aconteceu comigo mas... hoje eu tô muito... hoje eu... hoje eu tô muito orgulhosa de mim
134 mesma por ter conseguido sair desse relacionamento e por ter conseguido reconstruir a minha
135 vida como eu sei que eu consegui e que eu tenho conseguido que eu tenho tentado fazer
136 sabe... eu sei que eu tenho um caminho muito grande pela frente mas... mas eu espero que

137 daqui pra frente fique cada vez mais fácil a cada dia... eu tenho muito que agradecer a vocês
138 porque vocês sem saberem me ajudaram demais... desde o primeiro momento em que eu falei
139 para vocês que eu tava é:: mais ou menos nessa situação vocês me mandaram todo o apoio do
140 mundo... eu recebi email de vocês eu recebi mensagem recebi comentário... e também porque
141 eu sentia que vocês tavam sempre aí pra mim sabe... até no mês inteiro que eu passei sem
142 postar nem um vídeo no meu canal e eu falei para vocês que eu fiquei esse mês sem postar
143 vídeo porque eu tava mal com o que tinha acontecido comigo e vocês só me mandaram todo o
144 apoio e vocês sempre tavam aí pra mim então... é como se eu tivesse milhares de amigas que
145 eu só nunca conheci pessoalmente mas que tão aí me apoiando... e uma das coisas que eu mais
146 senti depois de ter saído desse relacionamento foi também uma sensação de alívio muito
147 grande sabe... apesar de ainda ser muito difícil lidar com tudo isso também me sinto muito
148 aliviada de ter conseguido sair e de saber que não tem que ser assim não é pra ser assim não é
149 normal você se sentir infeliz você se sentir abusada... não é normal apanhar e existe uma coisa
150 diferente disso sabe... eu acho que quando a gente tá num relacionamento abusiva a gente fica
151 muito cega e a gente acha que as coisas só são dessa forma só que não é assim... não é pra ser
152 assim... existe um outro tipo de se relacionar que é totalmente diferente disso e não envolve
153 você ser infeliz abusada e violentada... e eu queria muito pedir um favor pra vocês pedir que
154 vocês usem o dia de hoje... dia 8 de março... que é o dia internacional das mulheres um dia
155 historicamente de resistência pra falar sobre abuso e falar sobre violência doméstica... eu
156 resolvi postar esse vídeo nesse dia exatamente pra tentar levantar essa discussão que é
157 conversa sobre violência doméstica e abuso... existem muitas mulheres sofrendo caladas nesse
158 momento... e sofrer calado é uma coisa muito perigosa mulheres são mortas todos os dias
159 pelos seus companheiros e a gente não precisa esperar as mulheres morrerem pra resolver
160 fazer alguma coisa tipo... fazer uma data de comemoração internacional da mulher depois que
161 as mulheres morreram... não... vamos fazer alguma coisa antes disso acontecer... vamos ajudar
162 as mulheres enquanto elas estão vivas porque nós queremos as nossas mulheres vivas e livres
163 de abuso livres de violência... também queria incentivar vocês a deixarem os seus relatos aqui
164 nos comentários se vocês se sentem confortáveis para isso porque o nosso relato pode muito
165 ajudar outras mulheres também... então se você já passou por alguma situação semelhante e
166 você quer falar sobre isso vamos usar os comentários como é:: uma forma de a gente se ajudar
167 e conversar sobre esse assunto também... eu vou terminar o vídeo por aqui dizendo que é sim
168 possível você sair de um relacionamento abusivo e violento e ser uma mulher... uma pessoa
169 feliz depois disso e é disso que eu tô indo em busca agora amo vocês

Amiga, seu relacionamento é abusivo – Karyna Rangel (30 jun. 2017)

<https://www.youtube.com/watch?v=EpI46CeuGMA>

1 então... pra mim é muito difícil gravar esse vídeo porque se trata de uma situação muito
2 delicada de pessoas que estão muito próximas de mim e que eu vi acontecendo... não foram
3 coisas que as pessoas me contaram... então baseado em exemplos de pessoas que estão muito
4 próximas de mim eu... percebi que a maioria das minhas amigas pelo menos tiveram pelo
5 menos uma vez um relacionamento abusivo... e eu vou dizer que os exemplos dessas amigas
6 sem expor a vida delas nem o nome delas mas eu vou usar de exemplo as situações que elas
7 passaram... que vocês pensem se vocês também estão em algo parecido... eu vou contar um
8 exemplo de uma amiga que aconteceu... uma vez a gente tava no aniversário dela... e o
9 namorado dela pediu ela em casamento na frente de todo mundo... foi uma coisa linda todo
10 mundo ficou emocionado foi super lindo... e:: nesse dia eu fui dormir na casa dela porque eu
11 moro longe e:: depois daquela festa toda daquela cena linda e ... ele começou a fazer um
12 discurso pra ela no quarto de tipo... ah:: agora eu tô ferrado agora te pedi em casamento e eu
13 vou ter que arcar com isso e:: você é muito burra... você faz tal coisa idiota e:: eu fico
14 pensando assim... as pessoas que tentam encobrir o relacionamento abusivo com:: uma
15 desculpa de ah nós temos intimidade... tratar mal não tem nada a ver com intimidade... é um
16 relacionamento abusivo se ele te chama de burra se ele faz você se sentir menor se ele faz
17 você se sentir estúpida se ele faz você se sentir... inferior a ele ou... a qualquer outra pessoa ou
18 a qualquer coisa isso é um relacionamento abusivo... teve outra amiga que:: tava ficando com
19 um cara e o cara sempre só chamava ela para fazer sexo só sexo e quando ela não podia aí ele
20 fazia ela se sentir mal por causa disso meio que não falava com ela e tal e fazia é meio que ela
21 pedir desculpa e... isso também é um relacionamento abusivo sim... se ele não deixou claro
22 para você que só quer transar com você e ainda fica fazendo você se sentir mal por causa de
23 uma situação que ele deixou subentendida... isso também não tá certo... uma outra amiga
24 minha teve o seu facebook hackeado pelo seu namorado não foi hackeado na verdade ele
25 descobriu a senha dela... leu as conversas dela e depois culpou ela falando que tipo... ah:: você
26 tá conversando com tal pessoa você tá marcando encontro com tal pessoa com tal amiga que
27 vai tal pessoa e eu não quero... isso é um relacionamento abusivo ninguém tem o direito de
28 entrar na sua rede social de de mexer de te cobrar coisas da sua vida pessoal... ninguém tem
29 esse direito isso... as pessoas aqui muitas pessoas fazem isso aqui ah:: meu namorado tem
30 minha senha ele entra na rede social gente:: sua rede social é uma coisa PESSOAL pessoal
31 tá?... e se você também está fazendo isso é errado você não tem que exigir a senha do seu
32 namorado... e você não tem que mexer no celular do namorado seu namorado não tem que
33 mexer no seu celular e essa amiga... que esse namorado invadiu o facebook dela sem ela ter
34 dado a senha nem nada e:: quando ela falou ah já que você entrou no meu facebook agora eu

35 quero a senha do seu ele falou que não ia dar... não ia dar... mas ele podia mexer no facebook
36 dela e ver as conversas dela e ver coisas íntimas porque geralmente talvez você queira contar
37 um segredo pra uma amiga sua pelo facebook ou pelo whatsapp e ninguém... tem que ficar
38 sabendo disso só porque tem um relacionamento com você... você tem direito a ter os seus
39 segredos sim... não tem essa de ah:: nosso relacionamento não tem segredos você é uma
40 pessoa você tem esse direito você pode ter os seus segredos você pode não querer contar tudo
41 o que acontece na sua vida para a pessoa que está com você... você tem o direito de não querer
42 fazer tudo na sua vida junto com aquela pessoa... eu tenho uma amiga que não pode ir para
43 lugar nenhum nenhum sem antes pedir pra o namorado dela e:: ele não pergunta aonde ela vai
44 gente... porque ele quer cuidar porque ele tá preocupado se é um lugar perigoso se num é se
45 ela sumir... ele só quer controlar ela e gente... isso não é natural isso não é saudável pra
46 ninguém... eu fico me perguntando... que tipo de ideologia de relacionamento vocês têm
47 porque... as pessoas têm porque isso não pode... isso não pode ser bom pros dois lados sabe...
48 não pode não faz sentido pra mim não faz isso na minha cabeça não faz sentido... não faz
49 sentido não faz sentido... eu também tenho outra amiga que:: ele tem um ciúme excessivo
50 dela... ele não deixa ela nem olhar pro lado na rua uma coisa assim... esse foi o nível mais
51 extraordinário de relacionamento abusivo que já presenciei que eu já vi e:: uma vez ela me
52 pedindo conselhos eu falei pra ela 'amiga... pede pra ele procurar um psicólogo porque não
53 é... não é normal' e ela me disse assim ela falou 'não se eu falar isso pra ele ele vai mandar eu
54 procurar um psicólogo' foi nesse momento que eu falei pra ela então se você tá me dizendo
55 essa frase... você também realmente precisa de um psicólogo vocês dois precisam de um
56 psicólogo e de todas essas amigas... foi muito raro uma amiga que ouviu de fato o que eu tava
57 querendo dizer quando eu disse pra ela 'amiga você está em um relacionamento abusivo
58 porque'... essa amiga que eu contei a primeira história que o namorado pediu ela em namoro
59 eu falei pra ela 'cara... você não percebe que ele te xinga o tempo todo que ele te põe pra
60 baixo tempo todo que ele fala bem de mim falar mal de você sendo que você é a namorada
61 dele você não percebe que eles que você tá num relacionamento muito abusivo' e ela falou pra
62 mim 'ai amiga... é que eu sou pisciana se ele me tratar bem eu vou tratar ele mal então ele
63 tem que me tratar mal pra eu tratar ele bem' cara não não mano peraí gente... não vai usar
64 astrologia para poder justificar um relacionamento abusivo por que vocês cismam em usar
65 qualquer coisa pra justificar um relacionamento abusivo isso não tá certo tá isso não tá? ...
66 certo pelo amor de Deus percebam as pessoas que tem do lado de vocês se vocês ainda amam
67 essa pessoa... se vocês querem tentar resolver isso... a solução não é sempre pedindo desculpa
68 e abaixando a cabeça procura um psicólogo... de verdade... um profissional por mais que

69 vocês acham que isso não é necessário se você se identificou com qualquer história dessa aqui
70 sim... isso é necessário conta sua história de relacionamento abusivo aqui embaixo de alguma
71 amiga sua que está em um relacionamento abusivo... peço pra que vocês contem pra que
72 vocês conversem aqui nos comentários eu vou tá aqui lendo tudo... se inscreve no canal e
73 manda esse vídeo pra sua amiga que está em um relacionamento abusivo

Vamos falar sobre relacionamento abusivo? – Thays Lessa (15 jun. 2018)

<https://www.youtube.com/watch?v=19qvfsYkLM8>

1 oi gente... tudo bom? relevem a bagunça ali atrás a gente ainda tá de mudança... agora a gente
2 tem cadeiras... podemos né... admirar essas cadeiras lindas maravilhosas... num sei quê... olá...
3 olá... mas essa semana foi o dia dos namorados e:: acho que foi no mesmo dia eu repostei um
4 post de uma amiga nos stories que era... foi um post sobre relacionamentos abusivos e:: nesse
5 post né... eles deram dez sinais de que você estava em um relacionamento abusivo... muitos de
6 vocês me mandaram mensagem e eu fiquei nossa... eu preciso falar... a gente precisa
7 conversar sobre isso... é um assunto necessário e aí eu... antes de tudo antes de falar qualquer
8 coisa eu gostaria de ler pra vocês os... os sinais né... os sinais de que você está em um
9 relacionamento abusivo... 1. se você se relaciona com alguém que te humilha hostiliza não
10 reconhece os seus esforços e faz com que você se sinta inferior você está em um
11 relacionamento abusivo... 2. se você se relaciona com alguém que te obriga a fazer coisas
12 contra a sua vontade... você está em um relacionamento abusivo... se você se relacionar com
13 alguém que faz birras chantagens emocionais e agressões psicológicas entre outras coisas
14 quando você diz que quer terminar o relacionamento você está em um relacionamento
15 abusivo... 4. se você se relaciona com alguém que te afasta de seus amigos e familiares com o
16 motivo de aumentar o controle sobre as suas relações interpessoais você está em um
17 relacionamento abusivo... se você se relaciona com alguém que te acusa de loucura e
18 incapacidade de avaliar determinada situação... sempre que você o contraria você está em um
19 relacionamento abusivo... se você se relaciona com alguém que te diz que você nunca será
20 amado aceito desejado por alguém além dele... você está em um aumento abusivo... 7. se você
21 se relaciona com alguém que faz com que você acredite que a culpa de ele ser agressivo
22 ameaçador é sua... você está em um relacionamento abusivo... 8. se você se relaciona com
23 alguém que não te agride mas que regularmente quebra móveis objetos durante as
24 discussões... você está em um relacionamento abusivo... 9. se você se relacionar com alguém
25 que compartilha suas informações pessoais com outras pessoas no intuito de te constranger...
26 você está em um relacionamento abusivo... se você se relaciona com alguém que tenta
27 controlar o modo que você se comporta sendo agressivo quando não tem suas ordens
28 acatadas... você está em um relacionamento abusivo... eu postei esse... esse... esses tópicos
29 né... esses sinais de que você está num relacionamento abusivo e eu tive muita resposta né...
30 nos stories algumas dúvidas... algumas indagações... algumas reflexões e:: a primeira dúvida
31 ...que acho que só pra esclarecer... uma menina perguntou se era preciso ter todos os sinais ou
32 bastava um para que você tivesse um relacionamento abusivo... e eu falei que eu acreditava
33 que bastava um sinal para ser um alerta de que você está em uma relação não muito saudável
34 e com sinais de abuso... a situações abusivas em relação a você... você contra pessoa enfim...

35 uma reflexão de menina que realmente me fez ficar muito tipo... precisamos conversar sobre
36 isso... foi que ela me comentou assim... de que achava que era normal qualquer
37 relacionamento ter pelo menos um desses sinais e que não achava que isso significava que
38 você tinha um relacionamento abusivo... e eu né... na minha cabeça discordei dessa... dessa
39 indagação é:: eu acredito que algo ser normal ou seja comum não significa que seja natural ou
40 seja... certo ou adequado... digamos assim... por mais que muitos relacionamentos possam ter
41 esses sinais não significa que deveria ser dessa forma ou que isso significa que pronto... já que
42 é normal eu vou aceitar e não vou buscar algo diferente no sentido de ou mudar o meu
43 relacionamento ou realmente me... me questionar se esse relacionamento é o melhor para a
44 minha situação para a minha vida ou não... eu não tô aqui pra dizer que eu tenho um
45 relacionamento perfeito ou que a gente deve buscar o relacionamento perfeito se não for
46 perfeito acaba tudo... nada a ver porque é eu não acredito em relacionamentos perfeitos pelo
47 simples fato de que... um relacionamento é formado por pessoas imperfeitas então... não tem
48 como ter um relacionamento perfeito... mas uma coisa é você ter um relacionamento
49 imperfeito outra coisa é você tá vivendo à base do desrespeito e da falta de empatia... a
50 empatia significa você se colocar no lugar da outra pessoa... todos os exemplos dos sinais
51 citados né anteriormente a gente pôde perceber que... a pessoa abusiva ela agia sem respeito
52 sem empatia em uma posição de superioridade... então era como se ela se colocasse numa
53 posição acima do seu parceiro e companheiro... mas o que eu quero trazer com esse vídeo é::
54 fazer você pensar será que você tem vivido algum desses sinais e você tem achado que esses
55 sinais são normais... naturais... digamos assim... será que você acredita realmente que
56 nenhuma outra pessoa pode amar você... será que:: você acredita que você não é merecedor de
57 respeito merecedor de viver um relacionamento saudável sabe... não relacionamento perfeito
58 mas o relacionamento que possui respeito e empatia... será que você acredita nisso? reflete
59 sobre isso porque... eu eu já vivi nessa posição antes de conhecer o Ramon enfim... num outro
60 relacionamento eu realmente acreditava que nenhuma outra pessoa poderia me amar se não
61 fosse aquela pessoa... era como se eu sentisse e acreditasse que aquela outra pessoa ela tava
62 fazendo um favor por namorar comigo e o que não é verdade... eu acredito que você é único...
63 eu acredito em você é valoroso... eu acredito que você é amado... e eu acredito nisso... que
64 você merece ser valorizado por quem você é... essa é a primeira reflexão quero eu que você
65 tenha nesse vídeo... você tem normalizado esses sinais? você tem pensado que isso é natural?
66 ... 2. se você está numa posição não de receber o abuso mas de ser o abusador... digamos
67 assim... você consegue perceber que isso é abuso?... você consegue perceber que você está
68 fazendo mal e que você não está agindo em respeito e empatia com a outra pessoa? ... por

69 exemplo no meu relacionamento eu acredito demais que à medida que eu cuido da minha
70 alma a medida que eu procuro sabe... olhar pra dentro de mim e me tornar uma pessoa
71 melhor... eu estou fazendo o bem para o meu relacionamento porque quanto mais eu trabalhar
72 na minha cura emocional... quanto mais o Ramon meu marido trabalhar na cura emocional
73 dele o desenvolvimento pessoal dele é:: na melhor versão dele e eu na minha melhor versão
74 significa que a gente vai tá agregando muito mais em um relacionamento saudável...
75 novamente não relacionamento perfeito... mas um relacionamento que possui respeito
76 admiração e empatia um com o outro... não procure se preencher com o relacionamento... não
77 acredite não não sério... tire a mentalidade acabe com a mentalidade de que você precisa estar
78 em um relacionamento pra... para ser feliz para se sentir amado sabe... valorizado às vezes
79 nem é isso... nem... nem acontece isso mas encontre esse amor... encontra essa valorização na
80 sua própria companhia... porque pode ter certeza que em um relacionamento... quando você
81 entra num relacionamento as coisas se maximizam os seus defeitos e as suas qualidades
82 também então eu já até postei até comentei em um vídeo aqui anteriormente que eu acredito
83 demais em um relacionamento que ele é formado por duas pessoas que já estavam correndo a
84 sua própria corrida... que já estavam é:: vivendo seu sonho sabe trabalhando no seu pessoal se
85 esforçando na sua vida pessoal sabe... e que se encontram no meio dessa jornada que...
86 decidem então dividir a vida juntos... não colocar um no outro a dependência emocional... mas
87 compartilhar a felicidade junto e não depender disso sabe... porque isso sim eu acredito que
88 vai ajudar a você tem um relacionamento duradouro um relacionamento saudável um
89 relacionamento que vai gerar frutos bons na sua vida e na vida do outro... esse é um assunto
90 muito vasto eu poderia falar aqui bastante mas... o vídeo ia ficar muito grande e:: até mais
91 gente até o próximo vídeo até a próxima semana tchau